



TEMAS DISTINTOS

Voto de jovens e idosos impõe desafios às campanhas eleitorais

*Demandas geracionais tendem a pautar os debates entre os candidatos que buscam a vitória em 2026. **Página 13***

Foto: Leonardo Ariel

Litoral Sul ganha destaque nacional com iniciativa turística

Fórum de Turismo Sustentável Costa das Falésias tornou-se semifinalista do Prêmio Braztoa na categoria Gestão e Governança. O projeto une o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil das cidades de Caaporã, Conde e Pitimbu no esforço para fortalecer os negócios e o desenvolvimento da região.

Página 8



Ginasta de sete anos desperta o interesse do Flamengo e vai treinar no RJ

Heloísa Nascimento é um dos destaques do time Centro de Excelência Loterias Caixa. Ela mora em João Pessoa, mas conquistou a oportunidade de, ainda neste ano, juntar-se ao clube que reúne algumas das melhores ginastas do país.

Página 21

Foto: Carla Miranda



Projetos solidários ofertam alegria, alimento e perspectiva de vida

Iniciativas espalhadas pela capital paraibana aliviam a realidade de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade.

Página 6

Foto: Carlos Rodrigo



■ “Quantas Parahybas existiram de 1585 até hoje? A cidade é a vida que palpita em seus personagens, para cada geração uma cidade diferente”.

Gonzaga Rodrigues

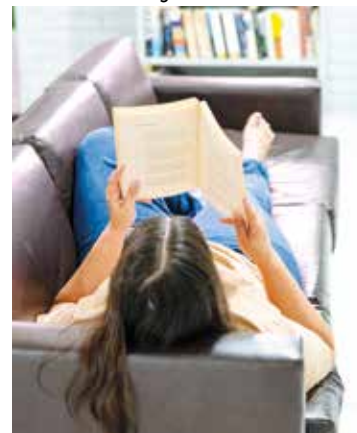
Página 2

■ “Raros prazeres naquele instante em que estávamos no quintal da casa, onde nenhum gênio chegaria perto — viramos meninos com estampas outras”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Foto: Carlos Rodrigo



Paraibanos trocam tempo de tela por tarefas mais desconectadas

Consumo contínuo da tecnologia pode levar à fadiga digital e deve ser substituído por atividades como caminhada ou leitura.

Página 5

Elba Ramalho faz 75 anos em ritmo contagiante

Artista celebra décadas como uma das mais importantes representantes da cultura paraibana e nordestina no cenário musical.

Página 9



Foto: Filipe Menegoy/Divulgação

Editorial

Maria da Penha

No dia em que a Lei Maria da Penha completou 20 anos de existência, 7 de agosto, um homem estuprou, agrediu e jogou para fora de um carro a companheira grávida de quatro meses, afirmando que não queria que ela continuasse com a gestação.

Enquanto isso, em Santa Catarina, um homem matou a namorada com um golpe conhecido como “mata-leão”, durante uma discussão, e manteve o corpo dela escondido no próprio quarto durante dias.

Nesta mesma semana, o país inteiro ficou consternado com a notícia de que um pai matou estranguladas as duas filhas, crianças de três e cinco anos, em São Paulo, com o objetivo de atingir a mãe das meninas, de quem estava separado. Ele teria ficado com ciúme após ver, nas redes sociais, imagens da ex-companheira divertindo-se com uma amiga, durante o fim de semana, nos dias em que as crianças estavam sob os cuidados dele. Ironicamente, o crime aconteceu no Dia dos Pais.

Ele está sendo indiciado por duplo vicaricídio, que é o homicídio de parentes próximos de uma pessoa, como filhos e pais, com a intenção de causar sofrimento. O vicaricídio é reconhecido pela Lei Maria da Penha como uma das formas de violência contra a mulher.

Há muitos outros casos de violência contra a mulher que poderiam ser listados aqui e que aconteceram desde o dia 7. Não são casos excepcionais, são situações registradas no intervalo de uma semana.

Chama a atenção que, apenas dois dias após o aniversário da Lei Maria da Penha, o ex-marido daquela que deu nome à lei, acabou sendo preso após descumprir uma medida cautelar que o proibia de falar publicamente sobre o caso. Ele havia concedido entrevista a uma emissora de televisão.

Ele sempre negou a tentativa de feminicídio contra a então esposa, ocorrida em 1983, e já chegou a apresentar um laudo falso para tentar provar sua inocência. Alguns justificam o absurdo de conceder espaço na mídia para esse homem, com o argumento de que é preciso ouvir os dois lados e de que ele tem direito a defesa. Esquecem-se que ele já exerceu esse direito nos dois julgamentos pelos quais passou e foi condenado. Além disso, se ele tivesse provas da própria inocência precisaria procurar a Justiça, não a imprensa para tentar ludibriar com documentos falsos.

O que acontece é uma clara tentativa de descredibilizar a lei e as vítimas de um modo geral. Se Maria da Penha mentiu, seria a brecha perfeita para agressores afirmarem que as vítimas estão mentindo para prejudicá-los. Eles já tentam usar essa desculpa de qualquer maneira. A questão é que ainda que se o caso Maria da Penha não fosse real, a violência contra a mulher dolorosamente o é. Basta reler os exemplos citados aqui. Tem homem tentando “tapar o sol com peneira”. A sociedade não pode deixar.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O golpe contra o Paraiban (2)

Na manhã do dia 21 de setembro, acompanhados pelos dirigentes do Sindicato dos Bancários, os funcionários dirigiram-se ao Departamento de Processamento de Dados do Paraiban com o objetivo de impedir a entrada dos representantes do Banco Central, que deveriam iniciar os procedimentos destinados a consolidar a liquidação da instituição.

Os liquidantes não conseguiram entrar imediatamente. Somente horas depois tiveram acesso às dependências do banco, acompanhados por agentes da Polícia Federal e amparados por uma ordem judicial.

Durante todo aquele dia, os funcionários permaneceram mobilizados em frente ao prédio da direção-geral do Paraiban, no Parque Solon de Lucena. Um carro de som do Sindicato dos Bancários orientava os trabalhadores a não retornarem às suas atividades, sob o argumento de que a continuidade do trabalho poderia contribuir para a execução do processo de liquidação decretado pelo Banco Central.

No interior do prédio já se encontravam seis integrantes da comissão enviada pelo Banco Central, entre eles o liquidante Flávio Fernandes. Do lado de fora, crescia a mobilização dos trabalhadores, que se recusavam a aceitar passivamente uma decisão que atingia seus empregos, seus direitos e a própria existência de uma instituição que fazia parte da história econômica da Paraíba.

Diante daquele cenário de absoluta incerteza, a diretoria do sindicato convocou todos os funcionários do banco para uma reunião em sua sede, na Avenida José Américo de Almeida. O objetivo era discutir as estratégias capazes de impedir ou, pelo menos, questionar a liquidação do Paraiban.

As lideranças sindicais decidiram ampliar a resistência e buscar o apoio de políticos paraibanos, empresários, entidades representativas e da população. A luta deixava de ser apenas uma questão trabalhista. Estava em jogo o destino de uma instituição financeira pública e, principalmente, o futuro de milhares de trabalhadores que, naquela noite de 20 de setembro, haviam sido surpreendidos por uma decisão que mudaria suas vidas.

O fechamento do Paraiban produziu uma crise que foi muito além dos números de uma instituição financeira. Para os seus funcionários, a liquidação significava a ruptura abrupta de uma trajetória profissional

e a transformação de uma vida marcada pela estabilidade em um cenário de medo, insegurança e incerteza.

Aquele episódio deixou profundas marcas nos servidores do banco. O sentimento de revolta misturava-se ao temor diante do futuro. Muitos haviam construído suas famílias, adquirido suas casas, planejado a aposentadoria e organizado suas vidas contando com a estabilidade proporcionada pelo emprego no banco. De repente, todos esses projetos passaram a ser ameaçados por uma decisão tomada em Brasília.

Naqueles dias, os trabalhadores do Paraiban descobriram, de maneira dolorosa, que a defesa do emprego não era apenas uma reivindicação sindical. Era uma luta pela dignidade, pela sobrevivência e pelo direito de participar das decisões que afetavam diretamente suas próprias vidas.

A resistência que se iniciou, naquela manhã de 21 de setembro, seria marcada por mobilizações, reuniões, articulações políticas e intensa atuação sindical. O fechamento do Paraiban não representou apenas o encerramento das atividades de um banco estadual. Para seus funcionários, significou o início de uma longa batalha contra as consequências de uma decisão que, em poucas horas, transformou a segurança do trabalho em uma das maiores incertezas de suas vidas.

“

As lideranças sindicais decidiram ampliar a resistência e buscar o apoio de políticos, empresários, entidades representativas e da população

Opinião

Foto Legenda



O preparo por mãos experientes

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Sucessão de cidades

A propósito do aniversário no último 5 de agosto, recorrentemente, pergunto-me quantas Parahybas existiram de 1585 até hoje. Refiro-me à Parahyba capital, antes Cidade da Senhora das Neves, sucessivamente Filipeia, Frederica, Parahyba e, finalmente, João Pessoa. Quantas João Pessoas terão existido desde que aqui cheguei, há 75 anos?

A leitura do livro *Sampaio*, de Coriolano de Medeiros, é que me incita à pergunta. Seguramente, a cidade que vive em Sampaio pouco tem a ver com a de hoje. Parece ter desaparecido com os seus viventes e fautores.

José Américo está conversando no *hall* do Clube dos Diários, sentado entre contemporâneos da Justiça e da política, o carro, um Ford de bigode, estacionado ao lado do clube. Rui Carneiro, vendedor de anúncios do *Correio da Manhã*, vem com Basileu Gomes, ambos rapazes, Rui à procura de quem lhe empreste um automóvel para fazer fita em frente à casa da namorada, lá pelo sítio do Abrigo Jesus de Nazareth.

“Pronto, um carro ali”, aponta Basileu, advertindo: “Só que é de Zé Américo...”

“A ele eu não tenho coragem de pedir”, confessa Rui, tímido e desenganado.

Não existem mais esse clube nem esse acanhamento. O que resta e sobrevive no mesmo local é outro tempo. Outra vida, tendo de comum apenas alguma parede ou alicerce.

A cidade é, de fato, a vida que palpita em seus personagens, para cada geração uma cidade diferente. Jomar Souto, descendo a Rua da Carioca, não é o mesmo que um poeta ou boêmio de hoje, que não vê, nessa rua, nada além de uma balaustrada em ruínas e um ajuntamento de barracas e pequenas casas comerciais. Aos olhos de Jomar, a Carioca é uma rua de sentido poético e cultural, onde nos abeberávamos da livraria dos irmãos Macedo, das manias cultas de Geraldo Porto e das furtivas delícias do Bar Pedro Américo. São dois modos de ver que resultam em dois objetos distintos: a rua de ontem e a de hoje. Sem falar na origem dessa

“

A cidade é, de fato, a vida que palpita em seus personagens, para cada geração uma cidade diferente

mesma rua, mandada construir por um rico comerciante da terra com o fim de abrigar uma meia dúzia de mulheres trazidas do Rio para desencabular a província no amor.

A Rua 13 de Maio me oferece duas leituras diferentes: a de minha primeira estada em João Pessoa, hóspede de uma casa senhorial de azulejos portugueses que me dava a sensação de viajante bem situado. E, por último, a cidade das minhas leituras, através das quais Coriolano me pega pela mão e vai mostrando o major Arthur Achilles saindo dessa rua (talvez da própria pensão onde meio século depois me hospedei, e na qual ele deve ter morado) para receber as homenagens diárias que o começo do século lhe prestava em pessoa ou através de *O Comércio*, o seu jornal.

Entre a minha chegada e hoje já se passaram duas ou mais cidades. A prova é que, caminhando pela Epitácio Pessoa, não reconheço mais ninguém de minha antiga cidade familiar e cordial. O movimento incessante de carros e de pessoas era todo de outros moradores, outra geração, para a qual a gente vai se sentindo fantasma ou, na melhor das hipóteses, trambolho.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Divulgação/Insa

Pesquisa tem como foco tornar a cultura mais resistente à cochonilha-do-carmim, uma praga que ataca a palma forrageira

PARCERIA SUDENE/INSA

Programa Inova Palma ganha uma segunda etapa

Nova fase beneficiará 10 municípios da Região Nordeste, sendo dois da Paraíba

Maria Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com

A parceria entre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa), voltada para o fortalecimento da produção rural e para a convivência com as condições climáticas da região a partir do uso da palma forrageira, programa chamado “Inova Palma”, passará a executar uma nova etapa, que envolve o melhoramento genético da palma forrageira. A nova fase que vai beneficiar 10 municípios do Nordeste, sendo dois da Paraíba (Congo e São José do Tigre), dá continuidade ao trabalho iniciado em 2020, quando foram obtidos híbridos, linhagens e outros materiais genéticos que, agora, passarão por análises mais aprofundadas.

De acordo com informações da Sudene, a primeira etapa do Inova Palma já apresentou resultados concretos quanto ao melhoramento genético da espécie. A próxima etapa avaliará se as características do genótipo são consistentes e se ele apresenta um bom desempenho em diferentes condições ambientais, antes de sua recomendação para plantio. Segundo

a Sudene, o avanço mais relevante até o momento foi a construção de uma nova base genética e a obtenção de materiais promissores, que agora precisam passar por uma etapa mais ampla de validação.

Essa validação é a parte do Insa na parceria. O instituto é responsável pela parte técnica do programa, enquanto a Sudene atua como financiadora das ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação, traçando as diretrizes estratégicas de utilização de recursos, o Insa coordena e executa os projetos científicos e de ampliação do cultivo dessa cactácea, articulando uma rede de instituições de pesquisa, universidades e órgãos de assistência técnica. O objetivo é promover maior segurança alimentar para os rebanhos, fortalecer a pecuária regional e aumentar a renda dos criadores.

A pesquisadora do Insa, Jucilene Araújo, lidera os estudos e testes de campo voltados ao desenvolvimento de híbridos da palma mais resistentes a pragas, doenças e secas severas no semiárido. Ela explicou que a palma forrageira é fundamental para o sistema produtivo da região, destacando-se principalmente por sua elevada eficiência no

uso da água, conseguindo se reproduzir bem, mesmo em condições de escassez hídrica.

“Por isso, é um importante recurso forrageiro, principalmente nos períodos de estiagem. Além disso, suas características bromatológicas fazem da palma a principal planta cultivada no semiárido, sendo, em muitos casos, a base de dietas para animais, tanto para a produção de carne quanto de leite. Com isso, ela ajuda a reduzir os custos de alimentação dos animais, aumenta a segurança dos sistemas produtivos e fortalece a renda dos agricultores. No entanto, o potencial da palma vai muito além da alimentação animal. Ela também vem despertando interesse para a alimentação humana e para a produção de cosméticos, bioinsumos e outros bioprodutos. Nessa perspectiva, o Insa, em parceria com a Sudene, vem desenvolvendo pesquisas também para ampliar os usos da palma, agregar valor à cadeia produtiva e criar novas oportunidades de desenvolvimento e geração de renda para a população do semiárido”, detalhou Jucilene.

A pesquisadora também elucidou que um dos principais pontos da pesquisa desenvolvida por meio do Inova

Palma tem como foco tornar a cultura mais resistente à cochonilha-do-carmim, uma praga que ataca a palma forrageira, produzindo um corante natural vermelho e causando grandes perdas nas lavouras e plantações.

“Com a chegada da cochonilha-do-carmim, grandes áreas cultivadas com a palma gigante foram dizimadas, deixando o produtor sem sua principal fonte de alimento para os rebanhos. Com isso, foi necessário recompor as áreas de cultivo com variedades resistentes à praga. Embora o cultivo de variedades resistentes tenha se expandido nos últimos anos, ainda existem desafios importantes. Um dos principais deles é o desenvolvimento e a disponibilização de novas cultivares resistentes às principais pragas e doenças, especialmente à cochonilha-do-carmim, que sejam mais produtivas e adaptadas às diferentes condições ambientais do semiárido. Também é fundamental aperfeiçoar os sistemas de produção, incluindo manejo nutricional, mecanização das operações agrícolas e tecnologias que aumentem a eficiência e reduzam os custos de produção”, frisou.

Investimento total chega a R\$ 1,13 milhão

A nova etapa do Inova Palma, iniciada em 2026, seguirá até 2029, com investimento total de R\$ 1,13 milhão. O plano é ampliar o processo de melhoramento e avaliar a estabilidade, a adaptação e o desempenho dos genótipos em diferentes ambientes. A Sudene informou que, a partir dos resultados obtidos com a nova fase da iniciativa, os materiais mais bem-sucedidos serão selecionados, prevendo que pelo menos uma cultivar avance para os procedimentos de proteção junto ao Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

Paralelamente, será realizada a multiplicação dos materiais selecionados e validados. Somente após a validação em campo e a comprovação do desempenho agrônomo, nutricional e fitossanitário, os materiais

recomendados poderão avançar para sua disponibilização aos agricultores.

Para ampliar a diversidade biológica local, o plano prevê ainda uma cooperação internacional para importar do México ao menos 10 materiais adaptados a altitudes de 100 m a 600 m. Na avaliação do coordenador de Inovação e Transformação Digital da Sudene, Aildo Sabino, o avanço desse projeto vai trazer benefícios para os agricultores familiares que lidam com os desafios climáticos do semiárido e utilizam a palma como alternativa forrageira.

“O melhoramento genético é o caminho para dar estabilidade à nossa agropecuária, mas enfrentamos o desafio de validar esses novos materiais em condições reais de campo e manter equipes técnicas no longo prazo. Essa aprovação

é fundamental para que a pesquisa não pare e chegue com segurança até a ponta, beneficiando quem mais precisa”, disse o especialista.

A expectativa é que o Inova Palma também seja um propulsor do uso da palma forrageira como parte da alimentação humana. Atualmente, o Insa tem desenvolvido o projeto “Produção de farelo de palma (Opuntia sp.) no Semiárido do Brasil”, com esse objetivo.

“O intuito é produzir, caracterizar e difundir o farelo de palma como uma commodity vegetal estratégica para o desenvolvimento socioeconômico do semiárido brasileiro, incentivando sua produção, processamento e comercialização”, afirmou a pesquisadora Jucilene.

Em países como o Méxi-

co, de onde a palma forrageira é originária, a planta é consumida em saladas, de forma fresca ou em doces. Além disso, há um mercado crescente de produtos processados feitos com a palma, como geleias e bebidas.

“
Melhoramento genético é o caminho para dar estabilidade à nossa agropecuária

Eduardo Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

O luxo de queimar a própria biblioteca

Há um gesto de extrema violência simbólica que não usa fogo, mas usa holofote. É o gesto de quem, tendo o privilégio de entrar no castelo, tranca a porta depois de passar e ainda joga a chave no fosso. A declaração de Tamara Klink, pedindo que não comprem seu livro por uma pretensa “consciência ambiental”, é exatamente isso: uma fogueira de vaidades acesa no jardim de inverno de alguém que nunca soube o que é um livro faltar.

É preciso desmontar a cena. De um lado, uma iatista — não uma escritora, mas uma aventureira que documentou sua travessia solitária. Uma travessia linda, sim, mas sustentada por uma complexa rede de patrocínios, logística de apoio, comunicação via satélite e, claro, uma estrutura familiar e financeira que permite velejar em vez de remar na correnteza da sobrevivência. Do outro lado, o livro. O objeto livro. Esse artefato subversivo que, no Brasil, sempre foi artigo de luxo, mas de um luxo necessário, disputado a tapas por uma população que vê bibliotecas virarem cinzas por descaso oficial e fecharem por falta de verba.

A fala da velejadora carrega o desdém típico de uma certa classe média burguesa que adora “lacrar” com pautas ambientais de *boutique*. É a *performance* ecológica de quem confunde a árvore com a floresta. É a pose de quem, tendo seu livro publicado pela maior casa editorial do país — a mesma que move uma indústria bilionária, imprime *best-sellers* aos milhares e inunda lojas de aeroporto —, resolve cuspir no prato de papel reciclado que serviu seu banquete. Dizer “não comprem”

depois de toda a cadeia produtiva ter sido acionada é fácil. É o “faça o que eu digo” de quem já lucrou o suficiente, já posou para as fotos necessárias e agora quer os louros de uma autoimolação ecológica que não lhe custa absolutamente nada. Pelo contrário: rende manchetes.

Custa lembrar o óbvio: está mais do que provado que o impacto ambiental da indústria do livro é mínimo perto do tsunami tóxico das megacorporações. As mesmas que bebem rios inteiros para produzir refrigerantes, que envenenam solos com mineração, que derrubam florestas para pasto e monocultura, que poluem oceanos com microplásticos enquanto velejadores solitários escrevem diários. Atacar o livro em nome do verde é miopia política ou esperteza de *marketing*. É desviar o olhar do dragão para bater no grilo. E o pior: é tratar o objeto livro como um capricho descartável, não como um direito.

Num país onde milhões nunca tiveram um livro em casa, onde o preço de um lançamento equivale a horas de trabalho mal remunerado, a fala de Tamara reverbera como um escárnio. Ela não está apenas pedindo que se deixe de comprar um produto; ela está, do alto de seu veleiro e de sua travessia patrocinada, naturalizando a ideia de que o acesso à cultura é um dano supérfluo. É a sofisticação cruel da lacração ambiental: a crença de que salvar o mundo passa por renunciar à tinta no papel, mas não passa, jamais, por questionar o patrocínio das corporações que sujam esse mesmo mundo enquanto ela navega. Que fique com seus louros a velejadora. Nós, os sem-barco, seguimos remando para alcançar a margem onde mora um livro. E queimá-lo, mesmo que simbolicamente, é um luxo que a fome de ler não pode se dar.

Maria Valéria Rezende

Educadora popular, escritora e freira

“A minha literatura é alimentada pelo que eu ouvi do povo”



Foto: Roberto Guedes

Em entrevista ao jornal *A União*, paulista enraizada na Paraíba recorda trabalho comunitário e literário pelo mundo

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Filha de um médico da Santa Casa da Misericórdia de Santos e de uma professora normalista, Maria Valéria Rezende deparou-se com a educação popular pela primeira vez aos oito anos, ao acompanhar o pai nas visitas a pacientes em domicílio e ler para as crianças dos bairros, uma década antes de encontrar Paulo Freire, em Recife, e descobrir que aquela troca de saberes tinha nome. Ainda jovem, entrou para a congregação Cônegas de Santo Agostinho e participou da Juventude Estudantil Católica (JEC), com a qual rodou o Brasil e o globo. Publicou o primeiro romance, *Vasto mundo*, aos 59 anos, e conquistou o Prêmio Jabuti com o terceiro, *Quarenta dias*, escrito após passar duas semanas andando pelas noites de Porto Alegre, em 2015. Prestes a completar 84 anos, ela, que escolheu João Pessoa como lar em 1988, conversa com o jornal *A União* sobre uma literatura — e uma vida — que olha para a janela em vez do espelho, capaz de ver o outro além de si mesmo.

Entrevista

■ *A senhora entrou para a vida religiosa ainda muito jovem. O que procurava quando fez essa escolha?*

Olha, eu sou de uma geração em que não existia adolescência. A gente era criança e ficava mocinha, de repente. Pelos 12, 13, 14 anos, já começavam a perguntar: “Você já resolveu se quer casar ou ser freira?”. Eu sou a mais velha de seis irmãos, ajudava minha mãe a tomar conta dos meus irmãosinhos e convivi muito com duas pessoas que tinham dado a volta ao mundo. Naquele tempo, nos anos 40, já pensou? Dar a volta ao mundo não era uma coisa simples e fácil. Era uma aventura. Eu queria dar a volta ao mundo. E eu via as freiras do colégio em que eu estudava. Tinha gente de todo o mundo, de vários países diferentes, que viajavam, iam e vinham. Desde sempre pensei: “Ai, é muito melhor ser freira do que se casar”. E, claro, tem vários tipos de congregações, mas eu entrei em uma que realmente é de gente que anda. Depois, logo cedo, fui participar da Juventude Estudantil Católica, a JEC, que era um movimento de jovens da igreja que era muito ativo, muito avançado, que também me fez andar pelo mundo. Foi um caminho natural para mim. Eu dei quatro voltas ao mundo sem nunca pagar passagem.

■ *Que possibilidades esse intercâmbio cultural proporcionou à senhora?*

Eu nasci e vivi até os 18 anos em Santos. Santos era e continua sendo o maior porto do Atlântico Sul e da América Latina. Dois terços da população era estrangeira, pouco mais da metade eram portugueses de várias regiões, e eu já cresci ouvindo o português ser falado de várias maneiras diferentes. A gente só ia para a escola com seis para sete anos e, na quadra em que eu morava, tinha gente do mundo inteiro, que vivia em Santos por causa do porto. Era aquele bando de criança solta, pulando os muros, subindo na goiabeira daqui, pulando para caramboleira de lá, aprendendo e brincando em todas as línguas. Foi quando eu tinha uns 10 a 11 anos que eu descobri que sabia inglês, francês, espanhol, italiano, português e alemão. Eu aprendi todas essas línguas assim, de brincadeira, sem nenhum esforço, o que é um tesouro, porque criança absorve. Isso influenciou mi-

to na minha vida. Minha vida pelo meio do mundo é inseparável do fato de eu saber várias línguas. Porque quanto mais línguas você sabe, mais fácil é aprender outra. Eu fiquei conhecida nos organismos de cooperação internacional como aquela que aprende qualquer língua, não tem medo de nada e come de tudo. E pronto, comecei a viajar.

■ *Nessas andanças, como chegou à Paraíba?*

Eu cheguei no Nordeste em dezembro de 1972 e na Paraíba em 1976. Fui morar no Brejo. Primeiro, em Pilõesinhos e, uns três anos depois, em Guarabira. Fiquei lá até 1988. Tive que vir para o Nordeste porque, naquele momento, no auge da Ditadura, não dava mais para ficar em São Paulo. Estavam me procurando, parece. E, como eu conhecia muito bem Dom Hélder Câmara e Dom Marcelo Carvalho, porque tinha sido da equipe nacional da JEC e eles eram assistentes dos movimentos de juventude da ação católica, eu vim embora para o Nordeste. Fiquei uns anos em Recife. Dom Marcelo era secretário da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil] regional. Dom Hélder era o arcebispo de Recife. Trabalhei com eles lá, mas queria vir para a zona rural. Naquele tempo, 70% da população daqui vivia no campo, em pequenos povoadinhos ou sítios. Só 30% viviam nas cidades grandes. Quando Dom Marcelo foi nomeado bispo de Guarabira, eu fui para lá. A gente tinha criado a Escola de Formação Quilombo dos Palmares, que trabalhava nos nove estados do Nordeste, e eu tinha que viajar muito. Era complicado viver no interior. Para pegar a condução e ir a outros cantos, ainda tinha que vir para João Pessoa. Aí a gente veio para cá e eu continuei trabalhando muito mais, andando pelo meio do mundo. A minha literatura é alimentada pelo que eu ouvi do povo. E começou por ali. Como eu sou uma educadora popular inspirada por Paulo Freire, a pergunta é a grande ferramenta educativa da gente. É com as histórias do povo que eu faço minha literatura. Eu sempre digo: “Minha cabeça nasceu vazia. Tudo que sai é porque entrou”. E a maior parte do que entrou foi na Paraíba, porque eu já estou aqui há mais de 50 anos.

■ *O que a senhora descobriu ao aprender a escutar o outro?*

Ouvir o que os outros dizem é fundamental. Eu, inclusive, falo que, se eu entrar em um lugar para tomar um cafezinho, qualquer coisa, e só tiver uma mesa ocupada, eu vou sentar na mesa ao lado para ouvir a conversa. Não é para fofocar. É porque eu preciso ouvir o que os outros estão dizendo. Às vezes, eu sento aqui, ali, em um canto perto da rua, e fico ouvindo as frases de quem passa. Aquilo, para mim, depois dá uma história. Eu ouço uma frase e o resto eu invento. Eu acho que tem dois tipos de escritor: os que, para escrever, olham para o espelho e os que olham pela janela. Eu sou do tipo que olha pela janela. Eu não sou uma pessoa introspectiva. Eu estou sempre olhando para fora, que acho mais interessante do que eu mesma.

■ *Uma dessas memórias ainda está esperando para virar livro?*

Tem coisas que estão na minha cabeça, mas ainda não escrevi porque não tive tempo. Tem muita coisa lá para contar. Mas eu já estou no fim da linha. Quando eu nasci, a perspectiva de vida para as mulheres era de 56 anos. Eu estou fechando 84 daqui a pouco. Já tenho 26 anos de prazo de validade vencido, né? Quer dizer, eu não sei quanto tempo ainda vou poder escrever. Claro, tem grandes partes do mundo que eu vi que ainda não contei. Por exemplo, uma vez eu passei oito meses na China, em 1988, antes da modernização. Atravessei a China toda, de norte a sul. E eu acho que eu não escrevi sobre isso. Eu vou morrer conversando.

■ *De lá para cá, que mudanças o tempo trouxe à escrita da senhora?*

Acabou de chegar uma nova edição de um livro meu de contos que foi publicado 20 anos atrás. Ficou esgotado e não tinham reeditado, não tinham reimpresso. Agora, fizeram uma nova edição e, quando eu fui ler, não me lembrava mais do que eu tinha escrito. É engraçado isso, né? Eu escrevi tanto e é tanta coisa na minha cabeça que eu já não lembro do meu texto. Quando eu comecei a ler, me surpreendi. Era como se eu estivesse lendo um livro novo, de outra pessoa. E achei interessante, sim, gostei. Mas deu para eu perceber, por exemplo, como o meu estilo mudou de lá para cá, nesses 20 anos. Eu estou muito mais lacônica. E eu acho que é porque o tempo está curto agora para mim. Mas eu estou preparada. A única coisa que eu tenho é uma livrarada, que eu quero encaminhar antes de morrer. Tem muita coisa que tem valor, que tem lembranças, que eu gostaria de encaminhar para quem vai saber o que é aquilo, e ainda não acabei de organizar tudo. Se eu morrer de repente, vai tudo para o lixo. E eu acho que cada um é único, cada livro é único. Agora, como eu já estou ficando meio caduquina, que eu já esqueci meus textos, cada vez que eu abro um e começo a ler, eu digo: “Ah, olha que interessante”. Eu tenho três romances começados que eu não sei se vou conseguir terminar, porque eu estou muito mais lenta para escrever agora.

■ *Que histórias esses projetos contam?*

Dois deles são inspirados na vida dos meus avós. A história dos meus avós maternos é uma história de Romeu e Julieta. Eles eram de uma cidade que, naquele tempo, no princípio do século passado, era dividida em dois grupos políticos rivais. Houve até a famosa Matança do Fórum, em que os dois grupos, dentro do fórum da cidade, fizeram um tiroteio, para você imaginar. E o meu avô e a minha avó se viram na igreja, na adolescência, se apaixonaram um pelo outro, mas não podiam nem se falar. Não é a biografia deles; são coisas que eu sei da vida deles ou que eu vi que me inspiram a inventar mais. É ficção. Mas a vida de qualquer pessoa dá um livro. É uma questão de a gente parar e escrever. E gostar de escrever, gostar das palavras. Uma coisa que me está preocupando muito, hoje, é que eu acho que as pessoas estão perdendo o vocabulário. Quanto menos palavras a gente tem, menos a gente pode pensar, porque a gente só pensa com palavras. Acho que o meu papel como escritora é alargar o vocabulário das pessoas.

■ *Quando a senhora se reconheceu como escritora?*

Eu não achava graça nenhuma em ser escritor. Todo mundo na minha família escrevia. Quando eu era muito pequena, eu achava que escrever um livro era algo que todo mundo ia fazer um dia. Antigamente, tinha etapas na vida: com seis anos caía os dentes; fazia a primeira comunhão dos seis para sete anos; depois, com 15 anos, era o primeiro baile de vestido comprido. Eu achava que escrever um livro era assim. No meu primeiro livro, eu não estava começando uma carreira de escritora. Foi por acaso que ele saiu. Eram cartas que eu escrevia para minha avó e inventava histórias. Tanto que ela nunca se conformou de eu não querer ser escritora, porque achava que eu escrevia muito bem. Minha casa só foi ter televisão quando eu já tinha uns 16, 17 anos e só servia para o meu pai ver jogos do Santos. Ler era o grande divertimento. O que mais tinha lá em casa era livros. Até hoje, eu assisto ao noticiário, porque acho que é uma obrigação saber o que estão dizendo, o que está acontecendo no mundo, mas, se eu tiver tempo livre, eu vou ler. Agora, eu leio muito no meio digital. Como eu estou com a visão muito reduzida, eu não aguento muito tempo em livro de papel. Mas eu estou lendo 10 livros ao mesmo tempo. Eu recebo muitos livros, sobretudo de mulheres brasileiras.

■ *Esse incentivo à literatura feminina também levou à criação do Mulherio das Letras, do qual a senhora é cofundadora. Como o grupo surgiu?*

Como o foco estava sobre os escritores masculinos, a gente não sabia quantas mulheres escreviam no Brasil. Nós criamos um grupo fechado no Facebook em que cada uma ia convidando as outras escritoras que conheciam. Foi um grupo que se encontrou em Paraty, em uma Flip [Festa Literária Internacional de Paraty]. Tinha gente em vários lugares do Brasil. Cada uma, voltando para o seu canto, começou a convidar as outras ami-

gas que conhecia, as pessoas que conhecia da região. A gente achava que tinha umas 500 escritoras no Brasil e, em três ou quatro meses, descobrimos que éramos cinco mil. E isso foi importante, porque os grupos de mulherio começaram a se formar, combinar de se encontrar e se apoiar. Agora, eu acho que não há mais perigo de convencer mulher brasileira nenhuma de que, porque ela é mulher, ela não é capaz de escrever. Acabou.

■ *Hoje, a senhora ainda acredita que a leitura pode aproximar as pessoas?*

É uma coisa que a gente não fala muito, mas tem uma enorme quantidade de gente que está criando comunidades e se encontrando pessoalmente. Tem um monte de clubes de gente que se juntam para ler e conversar sobre livros. São grupos que não têm hierarquia, não têm presidente, não têm chefe, não têm nada, é todo mundo igual. Nós temos o nosso Clube do Conto, que já tem mais de 20 anos. Somos mais de 40 pessoas que nos reunimos toda semana, que escrevemos nossos contos, que nos desafiamos e nos tornamos uma comunidade. Se eu precisar de alguma coisa, por exemplo, se eu tiver que ir a algum lugar — como eu não enxergo quase nada, não posso ir sozinha —, eu boto lá no grupo de WhatsApp do clube: “Alguém está indo para tal lugar e pode me dar uma carona?”. Dá dois minutos, alguém responde e eu vou. E isso está se multiplicando. Eu recebo pelo menos uma vez por semana alguém de algum clube de leitura que chega aqui, vem buscar um livro ou combinar algo. Só que isso não é notícia. Você liga a televisão e, quase o tempo todo, só te dão notícias de tragédia, de ruindade, de maldade. Mas tem muita coisa boa acontecendo justamente entre o povo, não aqueles que disputam o poder, mas quem reparte o que tem.

■ *No seu livro mais recente, Recapitulações (2025), a senhora brinca com personagens e autores já conhecidos. Quando reescreve histórias como essas, o que a interessa mais?*

Fazer uma brincadeira com os outros escritores. Não foi um livro que eu falei: “Agora eu vou fazer um livro assim” e fiz tudo. Foi uma amiga da Editora 34, Raquel Camargo, que é paraibana. Ela veio aqui em casa e começou a procurar coisas dentro dos meus computadores. Eu tenho uma sucatas de computador em cada canto da casa. E ela foi indo, foi indo e achou esses contos todos. E disse: “Ué, mas isso aqui dá um livro”. Foram coisas escritas ao longo de 20 anos, mais ou menos. Não foi um projeto. De vez em quando me dá na telha de escrever, de brincar. Às vezes, os personagens ficam vivendo na minha cabeça, personagens que eu li, dos outros autores. Ou, às vezes, eu leio uma história e penso: “Não, isso não foi nada assim, não. Eu não escreveria essa história desse jeito”. E eu tinha esses contos todos, que vão nessa linha de brincar com os textos de outros escritores, fazer outros escritores virarem personagens de alguma história que eu inventei ou contradizer o que o outro contou.

FADIGA DIGITAL

Hiperconectividade provoca cansaço

Excesso de estímulos e necessidade de estar sempre on-line sobrecarregam a mente e dificultam a concentração

Marisa Rocha
contato.marisarocha@gmail.com

O dia começa com o toque do celular e, muitas vezes, termina da mesma forma. Entre uma notificação e outra, o brasileiro passa mais de 50 horas por semana imerso em conteúdos digitais, segundo dados do *Relatório Digital 2026*, realizado pelo DataReportal. Redes sociais, vídeos, mensagens, notícias: tudo cabe na palma da mão, mas nem sempre sem consequências.

Se, por um lado, a tecnologia encurta distâncias e amplia o acesso à informação, por outro, especialistas acendem um alerta para os efeitos desse consumo contínuo para a saúde mental. “No consultório, é comum encontrar pessoas mentalmente cansadas, com dificuldade para descansar e que sentem a necessidade de estar sempre conectadas. O problema não é a tecnologia, mas a falta de equilíbrio no uso”, afirma a psicóloga Cassiana Andrade.

Em meio a esse cenário, cresce também a sensação de esgotamento diante do excesso de estímulos e da necessidade constante de estar conectado. Segundo a psicóloga, a hiperconectividade faz com que o cérebro alterne rapidamente entre diversas informações, o que dificulta a concentração e aumenta a sensação de cansaço mental. “Muitas pessoas acreditam que estão sendo mais produtivas, quan-

do, na verdade, estão apenas mais sobrecarregadas”, ressalta Cassiana.

Uma das principais fases do desenvolvimento do cérebro e da saúde emocional, a infância pode ser afetada pelo uso prolongado de dispositivos digitais. Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) apontou que cerca de 72% das crianças participantes de estudos clínicos apresentaram aumento nos sinais de depressão associados ao uso de telas. Além dos possíveis impactos na saúde mental, a psicóloga explica que o acesso a conteúdos digitais em excesso também pode interferir no desenvolvimento da linguagem, na capacidade de concentração e na forma como a criança aprende.

Já na adolescência — fase em que a identidade e a autoestima estão sendo construídas —, o uso excessivo das redes sociais pode intensificar comparações, aumentar a ansiedade e criar uma necessidade constante de aprovação. “As redes sociais mostram, na maioria das vezes, apenas os melhores momentos das pessoas. Quando alguém compara sua vida real com esse recorte, pode surgir um sentimento de insuficiência, afetando a autoestima”, alerta.

A psicóloga ressalta que a tecnologia não deve ser tratada como vilã, já que ela faz parte da realidade atual e ofe-



Momentos de pausa na rotina, como caminhada ou leitura, fortalecem bem-estar emocional

rece oportunidades de aprendizado e conexão. O desafio é estabelecer limites saudáveis para que ela não substitua experiências que são essenciais para o desenvolvimento. Atitudes simples, como criar pequenos momentos de pausa, podem ajudar a fortalecer o bem-estar emocional. “Fazer uma refeição sem o celular, conversar olhando nos olhos, caminhar, ler um livro, ou simplesmente permitir que a mente descanse, faz muito bem para a saúde mental”, completa Cassiana Andrade.

Importância do sono

O médico psiquiatra Thiago Guedes pondera que o tempo de exposição às telas é um indicador importante, mas

não deve ser analisado isoladamente. Para ele, é preciso observar o que acontece durante esse período e quais espaços a tecnologia passa a ocupar na rotina. “Uma pessoa pode passar várias horas diante de uma tela trabalhando, estudando ou conversando com alguém e ter uma relação relativamente saudável com a tecnologia”, explica. O sinal de alerta aparece quando o uso começa a substituir o sono, a atividade física, os estudos, o trabalho ou a convivência presencial.

O sono, nesse contexto, merece atenção especial. Segundo o especialista, dormir não significa apenas interromper as atividades do dia, já que, durante esse período, o

cérebro desempenha funções importantes para a memória, a aprendizagem e a regulação das emoções. “Quando dormimos mal, podemos apresentar irritabilidade, dificuldade de concentração, falhas de memória, redução do rendimento e maior dificuldade para controlar as emoções. A pessoa também pode ficar mais impulsiva e menos tolerante às frustrações”, enfatiza o médico.

O profissional destaca, ainda, outro aspecto importante: o uso excessivo da *internet* pode ser consequência, e não necessariamente a causa, de outras dificuldades. “Às vezes, pode estar associado a ansiedade, depressão, TDAH [transtorno do

déficit de atenção com hiperatividade], solidão ou dificuldades de relacionamento. Nesses casos, simplesmente mandar a pessoa ‘largar o celular’ pode não resolver o problema”, explica.

Entre as mudanças possíveis, o psiquiatra recomenda reduzir notificações desnecessárias, manter o aparelho distante durante atividades que exigem concentração e estabelecer períodos do dia sem telas, principalmente nas refeições, encontros e antes de dormir. Ele também sugere interromper pequenos comportamentos automáticos, como pegar o celular sempre que surge um momento de tédio. “Nem todo minuto da nossa vida precisa ser preenchido por alguma coisa”, ressalta o médico Thiago Guedes.

“
Nem todo
minuto
da nossa
vida
precisa ser
preenchido
por alguma
coisa
Thiago Guedes

Novos hábitos aprimoram usufruto do tempo

Há pouco mais de um mês, a jornalista Luanna Farias, de 38 anos, decidiu parar de acessar sua conta pessoal na rede social Instagram. Segundo ela, a quantidade de horas que despendia “navegando” passou a afetar sua saúde. “Eu ficava três ou quatro horas por dia na frente do celular, olhando vídeos, respondendo comentários. Mesmo colocando limitador [de tempo] no celular, eu passava todo esse tempo vendo ‘boba-gem’, até que minha cabeça doía bastante. E, mesmo sabendo que era por conta do uso excessivo do aparelho, eu continuava”, relata. Atualmente, Luanna trabalha com assessoria de comunicação e como *social media* e, por isso, precisa utilizar as redes sociais profissionalmente.

Ela conta que, em certa ocasião, ouviu de um consultor de carreiras que o sucesso profissional que ela buscava ainda não havia chegado por não investir nas redes sociais. “Por algum tempo, eu acreditei nisso”, comenta. A partir daí, vieram as comparações constantes com outras pessoas, a autocobrança e o sentimento de frustração. Com o tempo, no entanto, ela percebeu que a realidade mostrada no ambiente digital não corresponde ao que acontece fora dele.



Luanna usa as redes sociais apenas para o trabalho

Segundo a jornalista, esse entendimento trouxe uma mudança importante na forma de lidar com o meio digital, o que a permitiu valorizar outras atividades. Como conselho, Luanna Farias destaca a leitura como um caminho para se afastar da “vida on-line”: “A leitura traz conhecimento e conhecimento traz liberdade. A partir do momento que a gente se concentra num bom livro, a rede social se torna desinteressante”.

Já Carolina Lins, estudante de Direito, de 25 anos, decidiu afastar-se das redes sociais ao perceber que o tempo parecia escapar enquanto permanecia conectada, sem que aquilo se transformasse em algo concreto. Segundo ela, essa sensação passou a gerar angústia, especialmente em um momento decisivo da vida acadê-

mica, quando precisava se dedicar à escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Diante disso, entendeu que era necessário mudar a relação com o ambiente digital e optou por um afastamento mais radical.

A estudante também aponta que o hábito de recorrer ao celular para “passar o tempo”, especialmente em momentos de espera, era frequente. Apesar dos benefícios da mudança, ela admite que ainda enfrenta desafios: “Hoje, por exemplo, eu tenho dificuldade de me inteirar do que está acontecendo na cidade e acabo tendo esse acesso mais pelas minhas amigas e amigos”.

Segundo a estudante, o excesso de informações causava uma sensação ilusória de que seria possível acompanhar e aprender sobre tudo, o que, na prática, se

mostrava inviável e gerava ansiedade. “Hoje, eu não divido uma atividade com várias informações, eu foco no que é importante”, pontua.

O mesmo aconteceu com Yasmim Anselmo, de 21 anos, que decidiu reduzir consideravelmente o “tempo de tela”, desinstalando alguns aplicativos de redes sociais. A estudante relata que, aos poucos, percebeu que o excesso de tempo diante do celular começou a interferir até nas tarefas mais simples do cotidiano.

Para ela, o desafio foi justamente abandonar o celular como uma espécie de “escape” durante os intervalos do dia. “Eu ligava o celular, procurava o aplicativo e não tinha. Então, eu voltava para a rotina, para o que tinha de ser feito, em vez de ‘enrolar’ nas redes sociais”, expõe. A jovem diz que não adotou nenhuma técnica específica para mudar o hábito, mas decidiu contar com a própria força de vontade depois de reconhecer os pequenos prejuízos que o uso excessivo já provocava. A mudança, segundo ela, trouxe a sensação de que o dia passou a transcorrer com mais calma. Hoje, Yasmim mantém as redes ativas por necessidades específicas, mas tenta evitar que elas façam parte da rotina.

Efeitos adversos também atingem a saúde física

Por sua vez, Ana Geisa Viana, de 27 anos, é jornalista e vive uma relação diferente com as redes sociais devido à própria profissão. Atualmente trabalhando como *social media*, ela relata que ficou cada vez mais difícil estabelecer um limite entre trabalho e lazer ao utilizar alguns aplicativos, como Instagram e TikTok.

Essa conexão praticamente contínua, segundo Ana Geisa, tem consequências perceptíveis sobre sua saúde física e mental. “Eu faço tratamento de ansiedade e, tanto o psiquiatra quanto o psicólogo, já indicaram que eu diminuísse o uso das redes sociais por conta da sobrecarga de estímulos”, declara. Recentemente, ela iniciou o acompanhamento para tratar as constantes crises de enxaqueca e explica que a médica neurologista fez a mesma recomendação.

A relação com as redes também mudou depois da pandemia, quando as plataformas passaram a ocupar ainda mais espaço na rotina da jornalista. Durante o período de isolamento, ela enxergava a *internet* como uma das principais portas de contato com o mundo exterior. Depois, porém, o hábito permaneceu. Ela lembra que familiares chegaram a reclamar que conversavam com ela en-

quanto sua atenção estava voltada para o celular. Ana Geisa reconhece que já sente os efeitos desse excesso e tenta se policiar para não repetir o comportamento.

Os efeitos da hiperconectividade, no entanto, não ficam restritos à saúde mental, afetando também algumas partes do corpo, como os olhos. O oftalmologista Vanderlan Carvalho explica que sintomas como lacrimejamento, ardência e vermelhidão podem aparecer após longos períodos diante de celulares, computadores e outros dispositivos. Para reduzir o desconforto, ele recomenda pequenas pausas ao longo do dia: “A cada hora de trabalho na frente das telas, faça um descanso de cinco minutos”.

Segundo o médico, também é importante manter o hábito de piscar, o que ajuda na lubrificação natural dos olhos, e, quando necessário, utilizar colírios lubrificantes. Para quem precisa permanecer muitas horas diante das telas por causa do trabalho, ele recomenda, ainda, o uso de lentes com tratamento antirreflexo e proteção para luz azul. As medidas, embora simples, ajudam a reduzir os efeitos do uso prolongado e reforçam que o equilíbrio no ambiente digital passa também pelos cuidados com a saúde física.

VOLUNTARIADO

Ação nasce do afeto e visa à justiça

Conheça projetos solidários de João Pessoa que impactam cotidianos, ofertando alimento, alegria e perspectiva de vida

Marisa Rocha
contato.marisarochoa@gmail.com

Seja em grandes centros urbanos ou em pequenas comunidades, homens e mulheres dedicam tempo, habilidades e afeto, sem a lógica da compensação financeira, para transformar realidades. Mais do que um gesto de ajuda, o voluntariado e as ações solidárias revelam um compromisso coletivo com a construção de uma sociedade mais justa e humana.

Para a assistente social Ana Paula Cunha, “por meio do trabalho voluntário, pessoas e instituições unem esforços para atender às necessidades de comunidades em situação de vulnerabilidade, complementando as ações do poder público e incentivando a participação social”. Ela afirma que, ainda que muitas ações sejam inspiradas por valores políticos ou religiosos, há também iniciativas que são motivadas por valores humanitários e pelo compromisso com o bem comum, independentemente de crenças ou ideologias.

Nesse contexto, a solidariedade surge como ferramenta concreta de transformação social. Ana Paula Cunha observa que os efeitos são percebidos em duas vias. “Para quem participa, há desenvolvimento de empatia e responsabilidade social; para quem recebe, melhora da qualidade de vida e fortalecimento da autoestima”, aponta.

A partir dessa troca — humana, direta e transformadora —, surgem iniciativas capazes de impactar realidades inteiras. E é justamente nessas experiências, vividas no dia a dia, que o voluntariado ganha forma e sentido.

Vagalumes

Com atuação voltada a pessoas em situação de vulnerabilidade nas ruas de João Pessoa, o Projeto Social Vagalumes realiza ações que combinam distribuição de refeições, água, roupas e itens de higiene com algo menos visível, mas igualmente essencial: a escuta e o acolhimento.

A história do projeto começa na cidade de São Paulo, em 2007, quando um grupo de jovens decidiu realizar ações voluntárias nas ruas, inspirado pela arte e pela ideia de aproximar pessoas. O nome “Vagalumes” nasce desse impulso — o de iluminar pequenos espaços em meio à escuridão. A iniciativa rapidamente espalhou-se por outras cidades e chegou à capital paraibana no início de 2008. Depois de pausas ao longo dos anos, foi re-

tomada em 2019 e segue ativa desde então, sustentada pela persistência de quem acredita na força do encontro.

“Nosso projeto é um esforço solidário cujo objetivo é melhorar a sociedade. Estamos aqui para mudar realidades”, resume Deise Julyene, coordenadora de Comunicação da iniciativa. Segundo ela, as ações acontecem às quartas-feiras, além de atividades em datas comemorativas e campanhas fixas ao longo do ano. “Atualmente, atendemos de 100 a 130 pessoas, dependendo do local e da dinâmica de cada ação realizada”, explica.

O projeto reúne cerca de 40 voluntários envolvidos, que atuam desde o trabalho manual — como preparar as refeições e demais itens para doação — até a escuta atenta e afetiva no campo. Úrsula Feitosa, coordenadora financeira do projeto Vagalumes, ressalta como o trabalho voluntário foi pessoalmente importante. “O voluntariado transformou a forma como vejo o mundo, me ensinou sobre empatia, solidariedade e gratidão. Cada sorriso, cada abraço e cada história compartilhada renovam minha esperança e reforçam a certeza de que pequenos gestos têm o poder de transformar vidas”, declara.

“

O voluntariado me ensinou sobre empatia e gratidão. Cada sorriso e cada abraço renovam minha esperança

Úrsula Feitosa

Para a voluntária Anna Beatriz Freitas, de 25 anos, o impacto vai além de quem recebe. “Desde que entrei [no projeto Vagalumes], eu me sinto mais humana e conectada com as pessoas. A equipe acolhe como uma segunda família, e isso dá esperança. Nem tudo são flores, mas é sempre gratificante estar presente”, relata.

Manter o projeto ativo, no entanto, exige esforço contínuo. Entre os desafios, estão a garantia de doações, os custos com transporte e a necessidade de manter o engajamento dos voluntários. Atualmente, as

Fotos: Evandro Pereira



Palhaça Bom Te Ver faz pacientes oncológicos do Hospital Napoleão Laureano sorrirem; já na Casa Pequeno Davi, crianças e adolescentes são atendidos por profissionais e voluntários

ações são viabilizadas por meio de contribuições espontâneas e do apoio da própria rede de participantes.

Casa Pequeno Davi

Fundada em 1985, no bairro do Roger, em João Pessoa, a Casa Pequeno Davi nasceu com a proposta de acolher crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Mais de quatro décadas depois, cerca de 200 crianças e adolescentes participam das atividades do projeto, que acontecem no contraturno escolar e unem arte, cultura e esporte como ferramentas de transformação social. “A gente trabalha com as expressões de teatro, dança e musicalização. E, em breve, vamos oferecer também o futebol, além de oficinas de ioga e capoeira”, explica o coordenador do projeto, Jó Custódio.

Para participar das oficinas, é necessário que os alunos estejam matriculados e frequentando a escola. “Somos uma organização que contribui nessa busca de cidadania para crianças e adolescentes. Então, por isso, a gente também acompanha o desenvolvimento escolar”, explica Dora Delfino, coordenadora do projeto.

Crianças podem ingressar a partir dos seis anos de idade e permanecem até o fim da adolescência, em um percurso que busca prepará-las para a vida adulta. Ao longo desse caminho, além do suporte pedagógico e psicossocial, a instituição investe em um processo formativo que vai além do desenvolvimento artístico, abordando temas como racismo, trabalho infantil e a prevenção do abuso e da exploração sexual.

A manutenção da Casa Pequeno Davi é assegurada por meio de parcerias, doações e projetos financiados via editais públicos e privados. Esse modelo garante não apenas a continuidade das atividades oferecidas a crianças e adolescentes, mas também o custeio da equipe que atua diretamente na instituição, desde educadores até profissionais das áreas técnica e administrativa. Mesmo com diferentes fontes de apoio, a sustentabilidade do trabalho depende de articulação constante e da renovação desses recursos.

O trabalho desenvolvido pela organização também conta com o apoio de voluntários, que hoje somam oito integrantes. A entrada ocorre a partir

de chamadas divulgadas nas redes sociais, seguidas de um processo de triagem e análise dos candidatos. Mais do que boa vontade, o voluntariado na instituição exige responsabilidade e compromisso. Por isso, segundo Jó Custódio, o processo de seleção é criterioso. “A gente trabalha com proteção de crianças e adolescentes, então não pode trazer qualquer pessoa. Tem todo um processo de aprofundar quem é essa pessoa para poder estar aqui dentro, porque é prioridade absoluta a proteção da criança”, detalha.

A trajetória de Matheus Felipe, de 27 anos, dentro da Casa Pequeno Davi atravessa diferentes fases e ilustra, na prática, o impacto positivo da instituição. Ele chegou ainda criança, por volta dos seis anos, e encontrou no espaço um apoio que ia além das atividades básicas. No início, participou de ações voltadas ao letramento, com foco em leitura e escrita, e, pouco tempo depois, passou a integrar oficinas artísticas. A música, em especial, tornou-se um ponto de virada. “Comecei na flauta e fui me interessando cada vez mais. Depois vieram outros instrumentos, outras experiências”, relembra.

Ao longo de mais de uma década, Matheus esteve envolvido em diferentes atividades pedagógicas e culturais, construindo um percurso que também incluiu a participação em ações de protagonismo juvenil, nas quais teve contato direto com debates sobre direitos de crianças e adolescentes.

Atualmente, Matheus Felipe atua como educador e, também, como articulador de projetos na Casa Pequeno Davi. “Na verdade, eu nunca saí daqui. Quando surgiu a oportunidade de trabalhar, eu abracei”, relata. O jovem enxerga na própria história a prova concreta dos resultados da instituição: “Eu sou fruto disso tudo. Não só eu, como muitos dos meus amigos que hoje são formados, concursados. A Casa Pequeno Davi é sinônimo de transformação e de mudança de realidade”, celebra.

Hospital Napoleão Laureano

No Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa, a solidariedade ganha rosto, voz e rotina. Entre corredores e salas de espera carregadas de expectativa, são as histórias de quem doa tempo e afeto que ajudam a sustentar

■ Solidariedade traz benefícios em duas vias: quem a pratica se torna mais responsável; quem a recebe tem melhora na qualidade de vida



o cotidiano de pacientes e familiares. Ali, o voluntariado não se resume a ações pontuais, mas se constrói no vínculo e na presença constante.

É o caso de Lurdinha Silva — ou, simplesmente, palhacinha Bom Te Ver — que há duas décadas percorre os setores do hospital levando leveza a quem enfrenta o tratamento de câncer. “[É gratificante] escutar um paciente no leito de um hospital, olhar para mim e dizer: ‘Bom Te Ver, muito obrigada, eu estou tão feliz’. Foi Deus que me escolheu”, afirma.

Duas vezes por semana, a conselheira tutelar sai de Rio Tinto e segue até a capital paraibana, onde dança com pacientes, improvisa brincadeiras e, principalmente, acolhe. “Muitas vezes, o que eles precisam é alguém que escute a sua história”, comenta.

“

Eu sou fruto disso tudo. A Casa Pequeno Davi é sinônimo de transformação e de mudança de realidade

Matheus Felipe

Trajetórias como a de Lurdinha encontram-se com as de outras voluntárias da Rede Feminina de Combate ao Câncer da Paraíba. A entidade sem fins lucrativos atua

no Hospital Napoleão Laureano desde 1962, oferecendo suporte humanizado, material e estrutural a quem enfrenta a doença.

Maria Lúcia Ramalho, de 64 anos, chegou ao projeto por acaso, depois de ver um chamado na televisão. O que começou com timidez, virou permanência: são 17 anos dedicados a esse serviço. “Eles [os pacientes] dão mais para a gente do que a gente para eles”, pontua. Ela lembra, com gratidão, de uma experiência pessoal. “No dia da missa de sétimo dia [de falecimento] do meu pai, eu estava aqui. 15 dias depois, quando minha mãe faleceu, eu estava aqui. Foram os pacientes que me consolaram”, relata. Maria Lúcia reforça que o voluntariado é um trabalho que deve ser tratado com responsabilidade e comprometimento.

Do outro lado dessa relação, pacientes confirmam o impacto desses encontros no dia a dia do tratamento. Aline Martins, de 34 anos, está há cerca de sete meses no hospital e destaca como esses momentos ajudam a quebrar a rotina difícil. “Às vezes, a gente está aqui [na sala de quimioterapia] e o tempo demora a passar. Quando as voluntárias vêm, trazem esse divertimento, essa descontração, e a gente acaba rindo e esquecendo um pouquinho [do tratamento]”, frisa.

Já Patrícia Moreira, de 50 anos, em tratamento contra o câncer há um ano, enxerga nas ações voluntárias algo ainda mais profundo. “É a forma mais linda de amor, de empatia. Aqui já está todo mundo tão sofrido, por causa da doença e emocionalmente, então a empatia é muito importante”, agradece.

Saiba Mais

Interessados em fazer doações ou em se voluntariar podem entrar em contato com os projetos pelos seguintes canais:

- Projeto Social Vagalumes: Instagram @vagalumesjp ou telefone (83) 99829-2546;
- Casa Pequeno Davi: [site pequenodavi.org.br](http://site.pequenodavi.org.br) ou telefone (83) 3241-5263;
- Rede Feminina de Combate ao Câncer (Hospital Napoleão Laureano): [site hlaureano.org.br/seja-um-voluntario](http://site.hlaureano.org.br/seja-um-voluntario) ou telefone (83) 3241-5373.



Foto: Divulgação/Vagalumes

Vagalumes atende pessoas em situação de rua na capital

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

Conscientização faz parte da solução

No 20º aniversário da Lei Maria da Penha, especialistas destacam a educação como aliada no combate ao problema

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Agosto marca o aniversário de criação da Lei Maria da Penha — que, em 2026, completa 20 anos de existência. Por isso, este foi o mês escolhido para a campanha Agosto Lilás, voltada à conscientização pelo fim da violência doméstica e familiar contra a mulher. Apesar de a lei ter trazido grandes avanços, o problema está longe de acabar, e os casos de violência contra a mulher ainda são destaques constantes nos noticiários.

“A Lei Maria da Penha é uma das legislações mais avançadas do mundo no enfrentamento da violência contra a mulher, mas, enquanto sociedade, ainda precisamos transpor questões culturais, históricas e sociais nesse enfrentamento”, comenta a coordenadora das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (Deams) da Paraíba, Sileide Azevedo.

Para ela, a solução também passa por educação e conscientização social e, por isso, a campanha é importante. “Precisamos seguir investindo em educação para a igualdade de gênero, em campanhas permanentes de conscientização, na responsabilização célere dos agressores e em políticas públicas que promovam a autonomia econômica das mulheres, pois muitas vítimas permanecem em situações de violência por dependência financeira ou por falta de uma rede de apoio”, aponta.

Sobre o tema, a psicóloga e psicanalista Gilberta Santos, doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mu-



Foto: Leonardo Ariel

Segundo Gilberta Santos, a sociedade deve encarar a agressão doméstica e familiar como um tema de responsabilidade coletiva, para além do ato criminoso

lheres, Gênero e Feminismo, afirma que é necessário seguir fortalecendo e ampliando as políticas públicas de prevenção e enfrentamento da violência, citando, como exemplos, iniciativas como o Pacto Nacional de Prevenção aos Feminicídios, coordenado pelo Ministério das Mulheres, e o recente Pacto Nacional Brasil contra os Feminicídios, que reúne os Três Poderes do país e a participação de empresas, artistas e da sociedade civil.

“Também são necessárias ações capazes de produzir mudanças culturais. É importante incluir, desde a infância, uma educação para a igualdade de gênero e o respeito às diferenças e à alteridade, tanto nas famílias quanto nas escolas. Meninas e meninos precisam ter a oportunidade de construir outras referências para as relações entre mulheres e homens, rompendo com modelos de masculinidade e feminilidade baseados na

hierarquia, no controle e na violência”, avalia.

Engajamento

Um ponto destacado tanto por Gilberta quanto por Sileide é a relevância da participação da sociedade como um todo nesse combate. “A violência não se sustenta apenas no ato do agressor; ela pode ser perpetuada quando a sociedade e as instituições não reconhecem aquilo que aconteceu. Por isso, enfrentar a violência contra as

mulheres exige mais do que responsabilizar individualmente os autores. É preciso transformar as condições culturais, políticas e institucionais que permitem que a violência seja produzida, naturalizada e desmentida”, observa Gilberta.

“É essencial que a sociedade compreenda que o enfrentamento da violência contra a mulher é uma responsabilidade coletiva. Denunciar situações de violência, apoiar as vítimas e não

naturalizar comportamentos abusivos são atitudes fundamentais para prevenir a escalada da violência e salvar vidas”, frisa Sileide.

■ O respeito à igualdade de gênero deve ser fomentado desde a infância, diz psicóloga

Espaços de escuta contribuem para entender a persistência da mazela

Na avaliação de Gilberta Santos, não se pode esquecer que o homem também é um componente importante dessa equação. Por isso, a especialista considera fundamental haver esforços voltados aos autores de violência, por meio de grupos operativos de responsabilização, assim como fomentar os espaços de escuta de homens que possam contribuir para interrogar os modos de subjetivação masculina — atravessados por fantasias de controle, desamparo, fragilidade e perda de poder diante das transformações nas relações de gênero. “Essa escuta pode contribuir para favorecer processos de responsabilização e possibilitar a construção de outras formas de relação com as mulheres e com a própria masculinidade”, pondera a psicóloga.

Nesse contexto, embora não considere viável criar justificativas para a misoginia ou para a violência contra as mulheres, Gilberta afirma que é necessário compreender as condições sociais, culturais e políticas que favorecem seu recrudescimento. “A

Discursos

Entre as condições que favorecem o recrudescimento da misoginia, está a difusão da cultura red pill, baseada em uma visão de superioridade masculina

sociedade contemporânea encontra, no ambiente digital, um terreno particularmente propício à circulação e à organização de comunidades que produzem, compartilham e amplificam discursos de ódio. Perseguições, ameaças, assédio, exposição, divulgação não consentida de imagens íntimas, deep fakes e campanhas de desinformação produzem efeitos que podem limitar a liberdade, a autonomia e a participação das mulheres na vida pública”, pontua.

Ela alerta que movimentos e comunidades,

como a chamada cultura red pill, têm difundido concepções de masculinidade baseadas na superioridade dos homens, no controle sobre as mulheres e numa visão negativa sobre as mudanças nas relações de gênero modernas. “O problema não está apenas nas opiniões individuais, mas na possibilidade de esses discursos serem produzidos, compartilhados, monetizados e amplificados em escala”, ressalta.

Para Gilberta, a reivindicação de autonomia pelas mulheres, assim como a ocupação de espaços de poder e decisão, a recusa de posições de subordinação e o direito de elas decidirem sobre seus corpos, relações, sexualidade, trabalho e projetos de vida tensionam o paradigma histórico da feminilidade frágil e submissa. “Para determinados setores, essas transformações podem ser vividas como uma ameaça a privilégios historicamente estabelecidos, produzindo reações que assumem formas de controle, silenciamento, desqualificação e violência”.

Legislação fortaleceu a atuação do poder público em favor das vítimas

De acordo com a coordenadora das Deams da Paraíba, Sileide Azevedo, a Lei Maria da Penha representa um marco na proteção dos direitos das mulheres no Brasil. A partir dela, a agressão contra a mulher é reconhecida como uma violação dos direitos humanos e são estabelecidos mecanismos para prevenir, punir e erradicar essa violência, além de fortalecer a atuação das instituições de segurança pública e do sistema de Justiça.

“A Lei Maria da Penha trouxe importantes avanços, entre eles a instituição das medidas protetivas de urgência, que determinam condutas ao agressor, como o afastamento do lar e a proibição de comunicação com a vítima, bem como possibilitam a ela a concessão de alimentos provisionais e de aluguel social. Também fortaleceu a atuação integrada entre a Polícia Civil, o Ministério Público, o Poder Judiciário, a Defensoria Pública [e entidades de] assistência social e saúde, além de incentivar a criação de delegacias especializadas, casas de abrigo e outros serviços de acolhimento”, esclarece Sileide.

Nomeada em homenagem



Foto: Leonardo Ariel

Ativista sobreviveu a duas tentativas de feminicídio em 1983

à farmacêutica e ativista Maria da Penha — que sofreu duas tentativas de assassinato do ex-marido, em 1983, inclusive um tiro que a deixou paraplégica —, a legislação reconhece cinco formas de violência doméstica e familiar contra a mulher — física, psicológica, sexual, patrimonial e moral —, assim como a violência vicária, praticada contra pessoas que te-

nham vínculo afetivo com a vítima. Com a lei, foram estabelecidos, ainda, mecanismos de proteção e de responsabilização para crimes já previstos na legislação penal brasileira, além da tipificação de novos delitos — como o descumprimento de medida protetiva e, posteriormente, o crime de violência psicológica contra a mulher, o feminicídio e o vicaricídio.

Canais de denúncia

- Central de Atendimento à Mulher: Disque 180
- Polícia Civil: Disque 197
- Polícia Militar: Disque 190 (para acionar quando o crime estiver ocorrendo)
- Delegacia on-line: <https://delegaciaonline.pc.pb.gov.br/>

TURISMO SUSTENTÁVEL

Litoral Sul ganha destaque nacional

Semifinalista do Prêmio Braztoa, fórum conecta negócios e grupos sociais em um roteiro de viagem por três cidades

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Uma rede de turismo e cultura que reúne não apenas pequenos empreendedores, mas governos e grupos sociais, vem fazendo a diferença no Litoral Sul da Paraíba, ganhando mais espaço e notoriedade pública. Prestes a completar três anos, em novembro, o Fórum de Turismo Sustentável Costa das Falésias — que soma mais de 80 associados nas cidades de Caaporã, Conde e Pitimbu — é semifinalista do Prêmio Braztoa de Sustentabilidade, oferecido pela Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa), na categoria Gestão e Governança. Além disso, o projeto já recebeu reconhecimentos do Governo do Estado, da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e do Ministério do Turismo (MTur).

O sucesso resulta da forma colaborativa como a iniciativa fomenta a participação tanto de agentes de mercado como de organizações culturais — incluindo artesãos e grupos quilombolas —, estimulando todos os seus entes a pensar e se organizar coletivamente. O principal produto do fórum é o roteiro Raízes da Cultura, criado há cerca de dois anos, que integra atrativos dos três municípios — aos quais Alhandra vai se unir em breve.

“Muitas vezes, os pequenos negócios ainda pensam de modo muito individualista”, reflete Regina Amorim, gestora de Turismo e Economia Criativa do



As belezas naturais estão entre os principais atrativos da chamada “Costa das Falésias”; praias e pontos de observação — como os mirantes do Castelo da Princesa (acima) e de Coqueirinho (D), em Conde — fazem parte da rota

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) — entidade parceira do projeto. “O século 21 é o século da colaboração. A governança estabelece uma rede para que se possa ter um olhar coletivo na realização de projetos de desenvolvimento local”.

Chico Pereira, presidente do fórum, acredita que o reconhecimento da Braztoa também se refere ao modo como o turismo é conduzido pelo grupo. “O prêmio está relacionado justamente à preocupação de um turismo sustentável — que não agrida o meio ambiente e que seja bom, antes de tudo, para a própria população

local, não só para o turista que vem visitar”, reforça.

Potencial da terra

Criado em 2024, o Raízes da Cultura abrangia, inicialmente, apenas Conde e Pitimbu, sendo que Caaporã foi inserida em 2025. Belezas naturais da região, como as praias e falésias, fazem parte do roteiro, assim como pontos

de observação do litoral — como os mirantes do Castelo da Princesa, do Dedo de Deus e de Coqueirinho, além da Pedra Furada, na Praia do Amor.

No entanto, como lembra Danylo Aguiar, consultor de Turismo do Sebrae-PB e que atua no fórum desde sua formalização, o diferencial do projeto foi estender o

foco do setor turístico do Litoral Sul para as riquezas culturais da região, cuja Zona Rural é bem próxima da faixa costeira. “Tem comunidades indígenas, quilombolas, rurais, artesanato e gastronomia. Para o roteiro, pegamos o potencial cultural imenso dessas populações tradicionais e o inserimos no contexto do turismo”.

Produção de caranguejo inspira passeio pelo mangue e degustação

Veloso Jr. é uma das provas dos impactos do Raízes da Cultura na região. Antes da criação do roteiro, ele atuava em Caaporã como operador emissivo, ou seja, organizando viagens de moradores para outros lugares. Com o lançamento do projeto, ele passou a também ofertar os serviços de receptivo, recebendo e conduzindo visitantes pelos atrativos locais.

Entre os destaques, Veloso Jr. cita a vivência promovida junto à Associação dos Catadores de Caranguejo de Caaporã. “Em época boa, mandamos 120 mil caranguejos, por mês, para Recife [PE]. O Sebrae-PB viu essa riqueza e passamos a fazer passeios de barco pelos mangues, trabalhando o turismo de base comunitária”. O percurso continua no Porto Congaçari, onde, segundo Veloso Jr., “uma senhorinha da comunidade ribeirinha” acolhe os visitantes com caldinho de caranguejo. “Ela já serve com uma peça de artesanato da gente, que é a panela de barro”.

O roteiro ainda inclui um almoço no restaurante Ilha do Sabor, também em Caaporã, com pratos preparados à base do crustá-

ceo — como lasanha de banana-da-terra, parmegiana, quiche e coxinha, além do caranguejo *in natura*. As iguarias são preparadas pelas mãos de Risoneide Oliveira, que compõe o fórum desde seu início. Ao longo do tempo, para dar conta da demanda crescente, ela e o marido tiveram de contratar mais cinco pessoas para o estabelecimento.

“Aumentou o movimento, aumentou a procura, aumentou a receita”, comemora Risoneide, revelando que pretende ampliar o restaurante e aprimorar o atendimento. “Todo empreendedor deve pensar que o que tem que fazer é receber melhor os clientes”.

Estrutura hoteleira

Para conhecer as belezas da orla, mergulhar nas vivências em comunidade e experimentar os sabores locais, a ideia do Raízes da Cultura é que os visitantes possam pousar nas próprias cidades da rota. Nesse caso, entre os três municípios, Conde é o que apresenta a melhor infraestrutura hoteleira. Uma das pousadas que integram o roteiro é a Aruanã, de propriedade de Marília Melo, que também possui uma pizzaria

na cidade — a La Caravela. Ambos os espaços ficam na Praia de Carapibus.

Marília atua, ainda, na vice-coordenação do Fórum Costa das Falésias. Para ela, um dos principais desafios é conquistar o cliente para que ele retorne. “Coincidentemente, eu estava, nesse exato momento, respondendo a uma agência de viagens de Recife e fechando um grupo de 30 pessoas para um *day use* da pousada, em outubro”, conta Marília, detalhando que representantes da operadora em questão haviam conferido o Raízes da Cultura, no ano passado. “Os agentes de viagem passaram dois, três dias conosco. Esse retorno deles, ligando para trazer clientes para a minha pousada, é o objetivo final”.

■ Dona de uma pousada, Marília Melo comemora o sucesso do roteiro ao atrair viajantes de fora do estado

Com café da manhã e apresentações, grupo quilombola vê receita triplicar

Para o secretário de Turismo de Conde, Dante Tomei, os viajantes têm percebido que o turismo “de praia” não é suficiente. “As pessoas querem construir uma relação com aquele local, querem visitar muito mais do que a praia — é o que chamamos de ‘turismo de experiência’”. O turista quer vivenciar o lugar como as pessoas dali. E o roteiro Raízes da Cultura vem justamente para atender a essa demanda. Traz a oportunidade de um turismo que não é tão óbvio, no qual você se envolve com aldeias indígenas e com quilombolas”.

É lá, em Conde, que se situa o território quilombola Gurugi, na localidade de mesmo nome, onde atua, ainda, a Associação de Mulheres Negras do Campo. Trata-se de um grupo de pequenas agricultoras familiares, que focam na produção de raízes — como macaxeira e inhame — e de frutas regionais — como acorola, caju e mangaba. A partir dessas colheitas, as mulheres preparam quitutes e geleias, apresentadas em um extenso café da manhã para os turistas, junto com uma explanação sobre o quilombo e sua história. Para turmas maiores de visitantes,



Turistas podem conhecer de perto a história da comunidade

existe a possibilidade de assistir e participar de apresentações de grupos populares locais.

Segundo Neide Rodrigues, que integra a associação, com a participação do coletivo no roteiro, o número de visitantes passou de cerca de 30 a 50 pessoas, por mês, para aproximadamente 700. Por causa disso, a receita do grupo, que era de R\$ 3 mil a R\$ 4 mil mensais, cresceu para até R\$ 12 mil, como registrado em julho. “Isso dá espaço para o próprio quilombo; viramos a identidade do nosso território. Hoje, somos outras pessoas. Faz três anos de uma transformação sobrenatural para a gente, é como se estivéssemos sonhando”, festeja

Neide. “Com o QR Code [de divulgação] do fórum, estamos em todos os restaurantes, pousadas e hotéis de Conde, Caaporã e Pitimbu. Teve pessoas do Rio Grande do Norte que nos encontraram dessa forma e ficaram interessados em conhecer uma comunidade quilombola”, finaliza.



Conheça o fórum por meio do QR Code

MÚSICA

De Conceição para o mundo

Elba Ramalho comemora 75 anos amanhã, ainda como uma das mais importantes representantes da música paraibana e nordestina

Silvio Darlan
Especial para A União

Há artistas cuja trajetória parece desafiar o próprio tempo. Aos 75 anos, que serão completados amanhã, Elba Ramalho continua contrariando qualquer expectativa de desaceleração. Com a mesma energia que marcou sua carreira desde os primeiros passos no Sertão paraibano, a cantora prepara para 2027 uma nova turnê internacional, que levará sua música a alguns dos principais palcos da Europa.

De abril a maio do próximo ano, Elba percorrerá nove cidades europeias — Amsterdã, Londres, Paris, Dublin, Zurique, Barcelona, Lisboa, Porto e Berlim —, em uma sequência de apresentações que reafirma sua posição entre as grandes representantes da música brasileira no exterior e confirma a permanência de uma artista que transformou as raízes culturais do Nordeste em uma linguagem reconhecida mundialmente.

A vitalidade que demonstra aos 75 anos representa muito mais do que longevidade artística. É a continuidade de uma missão iniciada ainda na infância, quando a menina nascida em Conceição, no Vale do Piancó, tinha como cenário as manifestações culturais do Sertão paraibano. Antes dos grandes festivais, dos prêmios e dos palcos estrangeiros, existia uma jovem profundamente marcada pela música popular, pelas tradições religiosas, pelos festejos do interior e pela riqueza cultural de sua terra natal.

Foi em Conceição que Elba Maria Nunes Ramalho nasceu, em 17 de agosto de 1951. A infância vivida na cidade ajudou a moldar a artista que o Brasil conheceria décadas depois. Ali, estavam presentes os aboios, as novenas, os sanfoneiros, os pastoris, as festas religiosas e as manifestações populares que faziam parte do calendário cultural do município.

Na juventude, participou do tradicional Pastorel realizado no patamar da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, atividade incentivada pelo então pároco, padre José Raimundo de Sousa Neto. Muito

antes da fama nacional, a jovem sertaneja já demonstrava desenvoltura diante do público e um talento que ultrapassava os limites da pequena cidade.

Quem conviveu com Elba naquele período costuma recordar uma personalidade marcante para os padrões do interior nordestino da época. Espontânea, inquieta e independente, demonstrava uma visão de mundo que já revelava a força artística que a acompanharia por toda a vida.

Essa juventude, entretanto, também foi marcada por uma profunda tragédia. Durante o Carnaval de 1971, um grave acidente automobilístico vitimou quatro pessoas, entre elas Cecílio Ramalho, primo da cantora e irmão do desembargador Nilo Ramalho, que anos mais tarde presidiu o Tribunal de Justiça da Paraíba. Cecílio integrava o grupo musical Os Quatro Loucos e foi um dos maiores incentivadores de Elba em seus primeiros passos artísticos. A cantora também estava no veículo envolvido no acidente e sofreu apenas escoriações leves, mas a perda do familiar deixou marcas profundas em sua memória.

Pouco tempo depois, a mudança para Campina Grande ampliaria seus horizontes. Na cidade, participou de festivais estudantis, integrou o conjunto feminino As Brasas e iniciou uma trajetória artística que, posteriormente, a conduziria ao teatro. Foi justamente o teatro que mudou definitivamente sua vida.

Em 1978, Elba recebeu de Chico Buarque o convite para integrar o elenco da histórica montagem de *Ópera do malandro*, interpretando a personagem Lúcia. Sua atuação chamou a atenção da crítica e do próprio compositor. O dueto de “O meu amor”, interpretado ao lado de Marieta Severo, tornou-se um dos momentos marcantes do espetáculo, levando Chico Buarque a incluir a gravação em seu álbum lançado naquele mesmo ano. A participação na peça abriu de-

finitivamente as portas da música popular brasileira para a cantora.

No ano seguinte veio *Ave de prata*, álbum considerado um divisor de águas na música nordestina contemporânea. Produzido por Carlos Alberto Sion, com direção musical de Geraldo Azevedo, o disco reuniu participações de Domingos, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho e outros grandes nomes da música brasileira. Décadas depois, em 2026, a Assembleia Legislativa da Paraíba reconheceu oficialmente *Ave de prata* como Patrimônio Histórico, Cultural e Bem Imaterial do Estado, homenagem que simboliza não apenas a importância do álbum, mas também sua contribuição para a preservação da identidade cultural paraibana.

Para quem acompanhou essa trajetória desde os primeiros anos, *Ave de prata* não é apenas um

disco, mas uma lembrança afetiva que atravessa gerações. É o caso de Tom Jerônimo, natural de Conceição, que guarda na memória a primeira vez em que ouviu a voz de Elba:

“Como fã, amo tudo o que ela grava. Porém, a primeira música que ouvi em sua voz foi ‘Ave de prata’, tocando em uma vitrola na casa de uma vizinha, em Conceição. Como eu era muito pobre e nem vitrola tinha em casa, pedia à vizinha que colocasse o LP para tocar. Aquela música me fez entender que eu estava diante da minha grande idola”.

A lembrança de Tom ajuda a dimensionar o significado que Elba adquiriu para o público paraibano. Sua música não ficou restrita aos palcos ou aos discos: passou a fazer parte da memória afetiva de pessoas que acompanharam, de perto, ou à distância, a transformação daque-

la jovem sertaneja em uma das grandes vozes da música brasileira.

A partir dali, Elba construiu uma das carreiras mais sólidas e respeitadas da música brasileira. Ao longo de mais de cinco décadas, dividiu palcos ou gravou ao lado de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Moraes Moreira, Vital Farias, Pinto do Acordeon, Alceu Valença, Ney Matogrosso, Geraldo Azevedo, Fagner, Zé Ramalho, Sivuca, Marinês, Djavan, Gal Costa e tantos outros artistas fundamentais da cultura nacional.

Para os admiradores que acompanharam sua carreira desde os primeiros anos, a presença de Elba nos palcos paraibanos também se tornou parte dessa memória. Francisco Narciso, natural de Ibiara, no Sertão da Paraíba, lembra, com emoção, de uma das primeiras apresentações da cantora que presenciou.

Seu primeiro contato com Elba aconteceu ainda na década de 1980, durante a inauguração do Hotel JK, em Conceição. A lembrança permanece como um registro de uma época em que a cantora já começava a consolidar sua presença diante do público e a construir a trajetória que a levaria aos grandes palcos do Brasil e, posteriormente, do exterior.

Entre esses encontros com o público, poucos artistas alcançaram a dimensão de *O grande encontro*, espetáculo que reuniu Elba Ramalho, Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Zé Ramalho e transformou-se em um dos maiores sucessos da música brasileira na década de 1990, tornando-se símbolo da força criativa do Nordeste.

O reconhecimento da crítica acompanhou toda a sua trajetória. Elba conquistou dois Grammys Latinos, diversos Prêmios da Música Brasileira, Troféu Imprensa e inúmeras outras distinções. Vendeu milhões de discos e permanece como uma das artistas brasileiras de maior permanência nos palcos.

Existe, porém, um palco ao qual seu nome parece definitivamente ligado: o São João.

Há décadas, Elba é presença indispensável n’O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, e também no tradicional São João de Caruaru. Mais do que atrações musicais, suas apresentações passaram a integrar a própria identidade dessas festas populares. Para milhares de nordestinos, ouvir sua interpretação das obras de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Pinto do Acordeon, Vital Farias e tantos outros compositores tornou-se parte inseparável da celebração junina.

Sua permanência nesses eventos revela uma característica rara: a capacidade de renovar gerações de admiradores sem abrir mão da própria identidade artística. Enquanto muitos artistas adaptaram o repertório às exigências do mercado, Elba percorreu o caminho inverso. Levou o forró, o baião, o xote, o frevo e as tradições nordestinas aos grandes centros culturais do Brasil e do exterior, transformando a cultura popular em patrimônio universal.

É justamente essa missão que ganha novo capítulo com a turnê europeia de 2027. Ao percorrer importantes casas de espetáculo, em nove cidades do velho continente, Elba reafirma que a música produzida no Sertão paraibano continua despertando interesse muito além das fronteiras nacionais. Mais do que uma agenda de apresentações, trata-se da continuidade de uma história iniciada ainda na infância, quando cantava em Conceição sem imaginar que, décadas depois, sua voz atravessaria oceanos.

Ao celebrar 75 anos de vida, Elba Ramalho permanece como uma das maiores embaixadoras da cultura nordestina. Sua trajetória demonstra que identidade regional e reconhecimento internacional não são caminhos opostos. Ao contrário: foi justamente por jamais renunciar às suas raízes que a menina nascida em Conceição transformou a música do Sertão em patrimônio cultural do Brasil e levou, com orgulho, o nome da Paraíba aos palcos do mundo.



Foto: Felipe Menegory/Divulgação

Elba prepara-se para uma turnê europeia que passará por nove cidades em 2027

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

Entre o desejo e o caso

Afirmo por experiência própria, e um pouco de leitura filosófica, que existe um verdadeiro abismo entre desejo e a capacidade de realizá-lo. Vejam o meu caso. Outro dia, desejei que o Flamengo vencesse um jogo importante. Por alguma conspiração cósmica, feitiçaria, incompetência técnica ou falta de sorte, o improvável aconteceu. E assim foi que meu entusiasmo e alegria — como escreveu Nelson Rodrigues — transformaram-se na “agonia de um César apunhalado”. Talvez a melhor coisa a fazer, nesses momentos, seja adotar a estratégia estoica de conformar-se com a situação ou mesmo substituir essa frustração pela expectativa da vitória e redenção no próximo jogo.

Conversei sobre o ocorrido com um amigo supersticioso e fanático por futebol, ele disse que isso poderia ter relação direta com detalhes fora de campo. A primeira coisa que argumentei é que o Flamengo, sob hipótese nenhuma, jamais entregaria o jogo; que acreditava, sim, em uma possível arbitragem corrupta. E nada mais. Fui advertido que não era disso de que se tratava, mas de seguir, fielmente, determinados rituais. Ele, então, fez perguntas do tipo: “Que camisa e cueca você usou durante o jogo?”, “Assistiu à partida num lugar inco-

mum ou ao lado de algum pé-frio?”, “Rezou para São Judas Tadeu?”. Ideias que, para um cético, quando não parecem tolas, soam muito engraçadas.

Sinceramente, não vejo a menor consistência nessas crendices. Sei que, de vez em quando, procuramos explicações mirabolantes para coisas simples; como também segurança para combater o medo que a sensação de incerteza e o acaso costumam provocar. É aí, essencialmente, que a superstição entra: nesse universo nada é por acaso. Tudo tem explicação e pode ser devidamente controlado. O que, para tristeza e testemunho de nossa impotência, a vida demonstra ser humanamente impossível.

Superstição e magia andam juntas. Esta última opera sob dois mecanismos básicos: a imitação e o contato. Kurt Kloetzel, especialista no assunto, cita os rituais vodus em que se espetam agulhas e agridem-se bonecos com características semelhantes a inimigos com a intenção de machucá-los ou destruí-los; e os cultos de fertilidade em que as pessoas fazem orgias coletivas nos campos de cultivo, esperando influenciar a fecundidade da terra, como exemplos que reforçam a imitação como elemento fundamental do pensamento mágico. Por sua vez, certas tribos

canibais podem ilustrar o princípio mágico do contato, quando seus membros acreditam que, ao se alimentar da carne de guerreiros derrotados, absorverão seus poderes.

Para finalizar, é possível encontrar uma proximidade espantosa entre o pensamento mágico e o pensamento infantil. Assim diz Kloetzel com base em Piaget. Segundo ele, as crianças nos primeiros meses viveriam como se fossem o centro do universo. Seriam egocêntricas, narcísicas, dominadas por seus desejos. Quando choram por comida e conseguem saciar a fome, associam o choro ao instrumento capaz de realizar todas suas vontades. E passam, então, a chorar por tudo que desejam. Além disso, as crianças construiriam um universo simbólico com regras próprias. Algumas acham que podem voar e que são mais fortes do que realmente são; outras criam amigos imaginários e trocam a ficção pela realidade em brincadeiras de faz de conta. Esses tipos de brincadeiras possuem muita importância sociológica, sobretudo quando analisados a partir dos processos de socialização, porque funcionam como meio de antecipar papéis sociais. Mas, por enquanto, deixemos essa discussão para um novo texto.

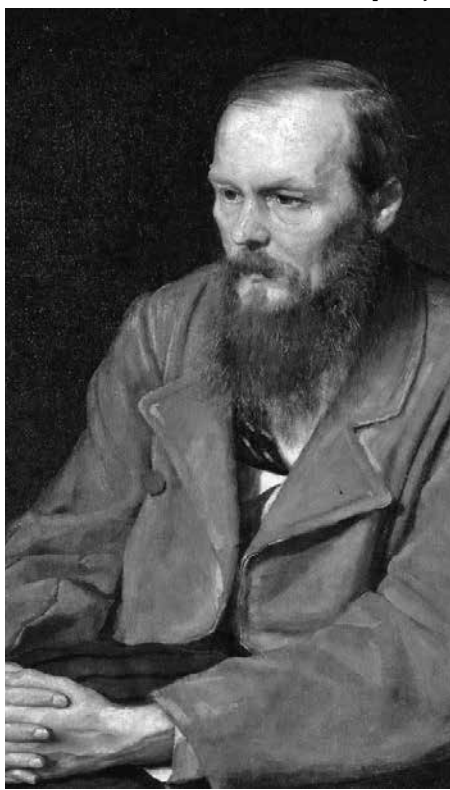
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Arte de suportar-se em Dostoiévski

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881), escritor e filósofo russo, defende que a arte de se suportar pode ser compreendida como a capacidade de enfrentar o próprio mal-estar interior, abandonando as ilusões, racionalizações e mentiras por meio das quais o indivíduo procura aliviar a culpa e proteger-se de suas próprias contradições. Para o escritor russo, o maior fardo da existência não reside necessariamente nas adversidades externas, mas no confronto com o próprio mundo interior: o egoísmo, o ressentimento, o desejo de reconhecimento, a necessidade de liberdade e as regiões obscuras da consciência que constituem aquilo que se poderia chamar de “subsolo da subjetividade”. Nesse sentido, suportar a própria existência não significa simplesmente resistir ao sofrimento, mas desenvolver a capacidade de permanecer permanentemente ao autoengano.

A literatura de Dostoiévski apresenta personagens que vivem esse confronto de maneiras distintas, revelando que a consciência humana é atravessada por conflitos que não podem ser reduzidos à racionalidade, ou à busca imediata da felicidade. A arte de suportar-se constitui um processo de reconhecimento de si, no qual o indivíduo precisa confrontar suas próprias sombras para encontrar alguma possibilidade de transformação. Para isso, deve-se suportar a própria existência consiste em interromper o autoengano. Em *Os irmãos Karamázov*, publicado em 1880, o personagem do padre Zósima está associado à necessidade de reconhecer a verdade interior e abandonar as falsas narrativas construídas pelo orgulho e pela necessidade de justificar-se diante dos outros. A mentira dirigida ao próprio sujeito produz um afastamento progressivo de si mesmo e compromete sua capacidade de amar, de assumir responsabilidades e de estabelecer relações autênticas. Nesse sentido, suportar-se exige abandonar as imagens idealizadas que o indivíduo constrói acer-



Dostoiévski: confrontar as próprias sombras

ca de si. Não se trata de uma simples confissão moral de erros, mas de um processo de reconhecimento da própria ambivalência. O sujeito precisa admitir que, geralmente, ele pode ser simultaneamente generoso e egoísta; amoroso e ressentido; solidário e cruel. A verdadeira lucidez começa quando essas contradições deixam de ser negadas. O autoengano é uma defesa contra a angústia provocada pelo reconhecimento de si mesmo. Embora possa oferecer conforto momentâneo, ele também impede a transformação. Para Dostoiévski, a liberdade interior passa necessariamente pela disposição de abandonar essas ilusões e assumir a responsabilidade pela própria existência.

Em *Memórias do subsolo*, publicado em 1864, Dostoiévski radicaliza essa problemática ao apresentar um narrador cuja consciência volta-se compulsivamente contra si mesma. O chamado “homem do subsolo” é marcado por uma autoconsciência excessiva, que transforma o pensamento em obstáculo à ação. Ele analisa permanentemente seus próprios motivos, antecipa as reações dos outros, revi-

ve humilhações e transforma cada experiência em objeto de uma reflexão interminável. Essa consciência não produz liberdade. Ao contrário, pode converter-se em paralisia, ressentimento e isolamento. O personagem percebe suas próprias contradições, mas essa percepção não o conduz à superação delas. A lucidez, quando desvinculada da capacidade de agir e de estabelecer vínculos, transforma-se em sofrimento. O subsolo representa, assim, uma dimensão da subjetividade na qual a razão encontra seus próprios limites.

O ser humano não é uma máquina racional, previsível e orientada pelo interesse próprio. Há desejos contraditórios, impulsos destrutivos, ressentimentos e necessidades inconscientes que frequentemente entram em conflito com aquilo que o indivíduo declara desejar. Suportar-se, nesse sentido, implica reconhecer esse processo contraditório da existência sem transformá-la em motivo para a autodestruição. A lucidez não consiste em pensar indefinidamente sobre si mesmo, mas em suportar aquilo que se descobre quando se olha para a própria representação. Diante disso, o sofrimento pode adquirir significado quando conduz o indivíduo à responsabilidade, à consciência e à transformação. A partir disso, a dor gera um processo de amadurecimento subjetivo por meio da arte da compaixão para compreender a própria contradição e suportar a existência e dignificar o sofrimento do outro.

Sinta-se convidado para a audição do 580º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 16, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara (<https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>). Durante o programa, comentarei a vida e as interpretações da virtuosa violoncellista britânica Jacqueline du Pré (1945-1987), também o seu exemplo de suportar com dignidade a esclerose múltipla.

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

O menino
Caique

Levantando o coelho para o alto, como se fosse um bebê, cheio de graça, colocando nos braços, quase acalentando, ao meio-dia, o menino Caique veio me mostrar a novidade. Fazia tempo que não via um coelho grande, já adulto.

Interminavelmente, essa cena conseguiu emigrar meus olhos, já apegado aos galos, galinhas, patos e vacas, no quintal de dona Auxiliadora — é assim que chamam ela lá em Salgado de São Félix — eu a chamo por um nome reservado à família e aos amigos da vida toda. Um dia a chamarei de prefeita.

Eu estava sentado numa cadeira de balanço de ferro coberta pelos fios de plástico, despregado ao decorrer das coisas, sentido-me num paraíso, sem ouvir barulhos de buzinas, das confusões diárias de um homem que mora numa quase metrópole, chamada João Pessoa.

Veio o menino Caique e ficou na minha frente, com um coelho nos braços — quase pedi para segurar, como se eu ainda fosse menino jogando bola de gude, aliás, é tão difícil ver um coelho aqui na capital...

Perguntei logo o nome — ele disse: “Tambor” e do seu jeito me contou que deixa Tambor à vontade, solto, porque ele precisa viver assim.

Fiquei ali a conversar com o Caique e nem sei se o seu Caique é com K, porque não interessa — estava eu de frente ao idioma da utilidade da vida, a conversa sem maldade, ao som do balanço das árvores, a vacaria lá adiante. Perguntei se ele estudava, disse que sim.

Dos nomes, das coisas, têm uma oração coerente — e existe isso, Sr. K? Sim, o menino é uma criança que gosta da vida numa cidadezinha do interior, sem pensar em coisa ruim, assim eu imagino, a vida de Caique.

Perguntei se ele queria ser doutor, balançou com a cabeça que sim, mas que gostaria de ser professor, jamais um pintor, um escultor, talvez músico, mas não mostrou que sabia uma canção de cor.

Ficamos amigos naquela hora, mas o que ele queria mesmo era mostrar seu coelho Tambor, como uma coisa sagrada com o fervor da sua alegria de segurar nos braços um coelho branco e preto. Nunca um gato, um cachorro, uma galinha.

Raros prazeres naquele instante em que estávamos no quintal da casa, onde nenhum gênio chegaria perto, nenhum escritor, nenhum doutor e isso estava a acontecer comigo — viramos meninos com estampas outras, quase ingênuos ao que poderia ser.

Eu poderia ser o pai do menino, o avô, e ficarmos sozinhos, eu, ele e o coelho sentindo o perfume, digo o cheiro que vinha da cozinha, pois já era quase hora do almoço.

Aperfeiçoamos nossas vidas; eu, um velho, ele, um menino, até começamos a rir longamente. Depois bateu uma tristeza em mim, absorvendo tudo como fossêmos animais que somos de outra substância.

Perguntei se eu podia filmar ele e o coelho, disse que eu filmasse e mostrasse a quem eu quisesse, “bote no seu Instagram” — isso dele dizer a quem eu quisesse, foi bater no feed — aquela confiança vinha do olhar para se demorar mais.

Ficamos na sorte da paciência de si mesmos. Eu, ele e o coelho entramos na floresta imaginária procurando Alice, ou a princesa que dormia, do poema de Fernando Pessoa, que sonha em morte a sua vida, e orna-lhe a fronte esquecida, verde, uma grinalda de hera.

A vida passa tão depressa...

Kapetadas

- 1 – Temos liberdade de expressão. Falta agora arranjar alguma coisa para expressar.
- 2 – Nunca precisei pedir que não comprem meus livros. Nem livro tenho.



O menino Caique e o coelho Tambor, em Salgado de São Félix

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Pela memória do cinema paraibano

A criação de um memorial sobre o cinema paraibano sempre foi uma proposta que, há muito, tenho argumentado, aqui mesmo, na minha coluna de **A União**, semanalmente. Mais ainda porque, verificando os atuais organismos diretamente envolvidos com o nosso cinema, sempre defendi a ideia de que a Academia Paraibana de Cinema é a que apresenta as condições formais para comandar o processo de sua implantação.

Buscando valorizar de forma democrática as diversas tendências, instituições e atividades do setor de cinema na Paraíba, nossa academia de cinema tem demonstrado competência e capacidade no trato das questões de planejamento e operacionalização de suas iniciativas.

Oportuno salientar que, com a implantação do Memorial do Cinema Paraibano, sob a chancela da nossa academia, ela teria a nobre função de difundir, junto aos interessados, os muitos acervos que ainda existem, tanto públicos como privados, sobre a história do nosso cinema. Como exemplo, os acervos do Cinema Educativo do Estado e as memórias do cineasta Machado Bitencourt, do próprio Linduarte Noronha e de tantos outros, que fizeram e ainda fazem a grandeza e importância do cinema paraibano.



Foto: Arquivo pessoal

O colonista (E) e João de Lima Gomes (D), presidente da Academia Paraibana de Cinema

A proposta tinha ainda objetivos específicos: diagnosticar e mapear a produção atual e os acervos audiovisuais; restaurar películas e filmes paraibanos; conservar adequadamente os filmes e outros materiais de cinema; criar uma biblioteca especializada em cinema, fotografia e outros audiovisuais; ajustar exposições com o acervo físico de cinema; apoiar os diversos eventos relacionados à sétima arte no estado; incentivar os grupos de pesquisas interessados; apoiar os cursos de Comunicação Social, Cinema e outros, em nosso estado. Enfim, disponibilizar seus acervos à sociedade interessada na pesquisa do nosso cinema.

Retorno sempre ao assunto, por acre-

ditar não existir nenhum obstáculo por parte da nossa classe à criação de um memorial cinematográfico. Seria, por assim dizer, um equipamento bem-vindo e deveras interessante à própria Academia Paraibana de Cinema.

Com fundamento no interesse público, também na importância que um memorial possa significar para a cultura cinematográfica, sobretudo local, há tempos a nossa Academia de Cinema vem insistindo sobre a importância de se criar uma instituição como essa. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais já foram contatados pela APC, e continuamos esperando algum retorno ao assunto. — *Mais “Coisas de Cinema” em www.alexssantos.com.br.*



APC: João Batista é duplamente imortal

A Academia Paraibana de Cinema, por meio de sua diretoria, congratula-se com o seu confrade, jornalista e escritor João Batista de Brito, cadeira 18 da APC, que tem como patrono o jornalista e cineasta Antônio Barreto Neto, pela nova cátedra na cultura paraibana.

O escritor João Batista de Brito foi eleito recentemente como o mais novo imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), ocupando a cadeira número 3 após vencer a eleição em segundo turno.

DEZ ESPETÁCULOS

Mostra de teatro abre amanhã em Cajazeiras

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Nos idos de 1980 e 1990, o Sertão da Paraíba viveu um período fértil no campo das artes cênicas. Era o tempo das Mostrs Paraibanas de Teatro, que por iniciativa da Federação Paraibana de Teatro (FPTA) e do Grupo Teatro Oficina (GTO) agora retomam suas atividades no Sertão paraibano. A primeira etapa da circulação acontece em Cajazeiras, de

amanhã à sexta-feira (21), sempre com entrada franca.

Serão 10 espetáculos. Amanhã, no Teatro Íracles Brocos Pires (Ica), apresentam-se *A grande arenga do circo sem lona* (19h30) e *Paz para quem?* (20h30). Na terça-feira (18), também no Ica, é a vez de *Viva o circo!* (14h) e *Francisco me ama!* (20h30). Entram em cartaz na quarta-feira (19), no Ica, *Camaleões e as batatas mágicas* (às 14h) e *Beijo de estrada* (19h30). No Açude Grande (Leblon), quinta-feira

(20), o palco é de *Trupizupe: o maior quengo do Nordeste* (17h30), enquanto o Ica apresenta *Trinca, mas não quebra* (19h30). Próxima sexta-feira (21), às 17h30, tem *Um conto de amor nordestino* no, Açude Grande (Leblon), e *Paixões de fogueira*, às 19h30, no Ica.

Solo teatral dirigido por Victor Lispector, *Paz para quem?* conta a história de uma mulher negra, periférica, que decide expressar sua dor diante da violência do Estado. Com o filho assassinado pela polícia, só resta à mãe solo costureira, interpretada pela atriz Renálide Carvalho, denunciar sua dor, a violação de direitos e o racismo estrutural.

“Ela está tão revoltada que não acredita mais na paz que é tão propagada por uma classe média abastada, que faz passeatas, manifestações em prol da paz. Mas

essa paz nunca chega na periferia”, descreve Renálide.

Com dramaturgia do escritor Marcelino Freire, o espetáculo conta com iluminação de Thales Acioly e fotografia de Macario Felipe. “Ao mesmo tempo que a gente traz essa dor, ao dar o seu grito de revolta, ela também anuncia possibilidades de um mundo novo”, acresce a atriz, que embora esteja presente na mostra enquanto artista independente, também faz parte do Coletivo Negro em Cena, de Cabedelo, e da Companhia Caos de Teatro.

O ator, palhaço e diretor teatral Luiz Cacau, responsável pelo espetáculo *A grande arenga do circo sem lona*, explica que a trama de palhaçaria e humor físico foi construída com base na “arenga” saudável que toda criança manifesta em relação ao que é “do outro”. “Culmina com eles abraçados, mostrando para o público que arenga é coisa de criança e que se tiver arenga a gente aprenda a escutar”, afirma Cacau.

ONDE:

■ **TEATRO ÍRACLES PIRES (ICA)** (R. Líbio Brasileiro, nº 87, Centro, Cajazeiras).

■ **AÇUDE GRANDE (LEBLON)** (R. Felismino Coelho, Centro, Cajazeiras).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Thelio Farias, bibliófilo apaixonado

Thelio Farias é um dos biógrafos de Pedro Américo. Sua escrita escala, em cadência rara, o olhar da paixão. Verbo entusiasmado, nem por isso deixa a minudência nem o cuidado com a capacidade de pesquisa, assim como o vasto e sólido domínio do conteúdo.

Thelio Farias é um viajante também marcado pelos crivos da paixão. Conhece grande parte do mundo; e sobre o que conhece, escreve, a seu modo, entre didático e afetivo, com o sentimento agudo de um fotógrafo atento ao brilho decisivo de um detalhe, de uma paisagem, de um fenômeno, de uma ou outra criatura que se deixa habitar no espaço inumerável de topografias distantes.

Thelio Farias possui as astúcias do advogado competente, certos sigilos da ciência jurídica, muitos escaninhos da doutrina e da jurisprudência, e, como profissional afeito aos trâmites e ritos do Direito e dos tribunais, não sucumbe, como tantos, ao despropósito dos formalismos estanques e vazios.

Thelio Farias escreve livros infantis, escreve poemas, coleta frases e dizeres de sapiência e ensinamentos, ao mesmo tempo que se há, em múltiplas situações do convívio social, sempre pautado, parece-me, por uma ética da gentileza e da generosidade. Elegância, cordialidade, fino trato, tudo como que se junta na composição estética de um comportamento exemplar.

Thelio Farias também é, e sobretudo, um bibliófilo apaixonado. Membro da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, possui o gosto das obras raras e o amor incontido pelos livros, esses objetos ao mesmo tempo ideais e materiais que fazem a felicidade daqueles que os amam e que com eles convivem na mais carnal e cotidiana intimidade.

Meu confrade na APL, Academia Paraibana de Letras, tem me dado provas de amizade e admiração. O traço sensível e intelectual de sua personalidade tem se revelado uma constante no nosso convívio. No ambiente, algo estranho e surpreendente da confraria reitera sua generosidade como marca insubstituível.

Sabendo-me leitor e amante de livros, aqui e ali, tem me feito mimos que me deixam feliz e meio abobalhado como um menino pobre que ganha seu primeiro velocípede. Sabe tocar na pele de quem tem paixão pelos alfarrabios e edições raras.

O primeiro desses mimos foi um exemplar numerado de *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego, da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, ilustrada por Jô Oliveira, com miolo em papel pólen, capa dura com papel fabricado à mão, com fibras vegetais (bananeira e sisal), pela artesã papelreira Maria Romeiro, com a seguinte dedicatória do próprio punho:

“Ao confrade Hildeberto Barbosa Filho: um livro especial, repleto de várias artes, para o grande especialista em Zé Lins. Do admirador [...]. Atenciosamente. Campina Grande, 22 - VII - 2023”.

Mais recentemente, presenteou-me com a edição comemorativa dos 140 anos das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e com a primeira edição, pela José Olympio, do livro *Dois mundos*, de Aurélio Buarque de Holanda, no qual se encontra o antológico conto, “O chapéu de meu pai”, que Graciliano Ramos tanto admirava.

Thelio Farias sabe o que faz. Detêm a arte do bem conviver, respeitando seus pares, agradando-os, sem servilismo nem hipocrisia. E em sendo assim, parece-me um modelo para todos que compartilham das academias e das instituições culturais. E mais, é filho legítimo da neblinada Serra da Borborema.



Foto: Arquivo pessoal

Escritor, Thelio Farias também é um bibliófilo apaixonado

Colunista colaborador



Foto: Divulgação

Foto: Felipe Macário/Divulgação

A grande arenga do circo sem lona (no alto) e Paz para quem? são as primeiras peças do evento



TEATRO

Palco Giratório começa amanhã

No coração da Lua e A maçã são as primeiras peças do projeto de circulação na Paraíba em 2026

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ação nacional promovida pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) desde 1998, o Palco Giratório mostra-se como uma importante iniciativa em prol da difusão e circulação das artes cênicas por todo o país. Em sua temporada 2026, o projeto chega à Paraíba com programação de quatro espetáculos que acontecem nas unidades Centro dos Sesc de João Pessoa e Campina Grande. É o caso, nesta semana, de *No coração da Lua* (amanhã, às 14h e às 19h30, em JP; e na quarta, às 14h, em CG) e *A maçã* (terça, às 20h, em JP; e na quinta, às 15h, e sexta, às 19h30, em CG). Os ingressos custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), à venda no Sympla (sympla.com.br). Na próxima semana, entram em cartaz *Frankinh@* e *Sancho Pança, o fiel escudeiro*. O infantil potiguar *No coração da lua* conta a história de Luana, uma menina que um dia acorda se sentindo muito estranha. Alegre e

ativa, de repente mostra-se sem vontade de levantar, comer ou brincar. Mas ela tem um grande amigo, Juca, e ao lado dele seguirá em busca de respostas para o mal que lhe acomete. Com direção de Rogério Ferraz, dramaturgia de Tonho Costa e elenco composto por Maria Flor, Paulo Lima Firmينو e Dudu Galvão, a montagem do Grupo Estação reflete com bom humor sobre o tema sensível da saúde mental na infância. Idoso, mágico e perdido no tempo: assim nasce o personagem que dá vida ao espetáculo *A maçã*, monólogo que acompanha a trajetória de Nicolau Souberdes, um mágico que enfrenta a doença de Alzheimer e revisita memórias e rela-

ções afetivas, em texto que aborda a condição sob uma perspectiva pouco explorada em produções audiovisuais e teatrais sobre o tema. Segundo o ator e mágico profissional William Seven, diretor e intérprete do espetáculo, documentários e filmes costumam privilegiar o olhar de cuidadores e

profissionais de saúde, deixando em segundo plano a vivência de quem enfrenta a doença. “Poucos retratam pela experiência do próprio paciente”, afirma o diretor-ator, que venceu o Grand Prix Close Up do 13º Congresso Latino-Americano de Mágica de 2017. “Essa peça fala

da doença de Alzheimer através da ótica da experiência desse senhor mágico, um drama contado com elementos de ilusionismo”. O título do espetáculo, inclusive, remete a significados atribuídos à fruta em diferentes culturas, associados à magia, renascimento, imortalidade e conhecimento. Também compõe a escolha uma referência visual: ao ser cortada ao meio, a maçã em seus dois hemisférios remete à estrutura de um cérebro, elemento reproduzido no cartaz da peça.

Curiosamente a esposa de William, Salma Hernandez, é formada em Educação Física, com mestrado dedicado ao estudo dos efeitos de exercícios físicos em pacientes com Alzheimer, e foi justo a troca de experiências entre os dois — ele dedicado à criação de núme-

ros de magia e ela, às pesquisas desenvolvidas em laboratório — que resultou na criação conjunta do espetáculo, apresentado pela primeira vez em 2017. Até então circunscrita a São Paulo, *A maçã* estreia pela primeira vez em João Pessoa. “É a realização de um sonho mesmo. O projeto Palco Giratório nos permite levar essa peça a lugares que a gente jamais teria conseguido ir com tanta segurança, tanto cuidado, respeito e dignidade, com respaldo técnico”.



Foto: Divulgação

A peça infantil potiguar *No coração da Lua* abre o projeto amanhã, em João Pessoa, com duas sessões

ONDE:

- **TEATRO DO SESC JP** (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro, João Pessoa).
- **TEATRO DO SESC CG** (Sesc Centro, R. Giló Guedes, nº 650, Centro, Campina Grande).

Em Cartaz

Cinema

Programação de 13 a 19 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Veira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

COLEGAS E O HERDEIRO. Brasil, 2026. Dir.: Marcelo Galvão. Elenco: Ariel Goldenberg, Rita Pokk, Rafaela Fontanelli. Comédia/ aventura. Ator com síndrome de Down acredita que é o legítimo herdeiro de um hotel no Uruguai e parte para lá com amigos enfrentando outro pretendente à posse. 1h25. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h, 16h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 11h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 11h20.

O FIM DA RUA (*The end of Oak Street*). EUA, 2026. Dir.: David Robert Mitchell. Elenco: Anne Hathaway, Ewan McGregor, Maisy Stella. Aventura/ mistério. Nos anos 1980, bairro inteiro é transportado para a era dos dinossauros. 1h39. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h45, 18h30; leg.: 16h, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 14h15; seg. a qua.: 19h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h45, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h, 21h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 18h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 3D: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h10, 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h45; seg. e qua.: 18h15.

A MORTE DE ROBIN HOOD (*The death of Robin Hood*). EUA/ Reino Unido/ Irlanda, 2026. Dir.: Michael Sarnoski. Elenco: Hugh Jackman, Bill Skarsgård, Katie Breen. Aventura/ drama. Ferido em batalha, um veterano Robin Hood reflete sobre o passado violento. 2h02. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h40, 17h40; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h30.

PATROLHA CANINA: UMA AVENTURA DINO (*Paw Patrol: The dino movie*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Cal Brunker. Aventura/ comédia/ animação. A Patrulha Canina descobre uma ilha habitada por dinossauros e tenta defendê-la de uma mineração. 1h28. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h15, 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom., seg. e qua.: 13h30, 15h45, 18h, 20h20; ter.: 13h30, 15h45, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 12h50, 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h15, 15h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h, 15h10. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h50, 16h40, 18h25; seg. a qua.: 16h40, 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h50, 16h40, 18h25; seg. a qua.: 16h40, 18h25. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h20, 17h10. **PATOS MULTIPLEX 3:**

dub.: 14h45, 16h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 15h10, 17h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: qui. a sáb. e qua.: 14h; dom. e ter.: 16h50; seg.: 16h30.

REAPRESENTAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 11h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 11h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h15.

A SAGA CREPÚSCULO – AMANHECER: PARTE 1 (*The Twilight Saga: breaking dawn – part 1*). EUA, 2011. Dir.: Bill Condon. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick, Michael Sheen. Aventura/ romance. O casamento e lua de mel dos jovens vampiros Bella e Edward trazem consequências inesperadas. 1h57. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: seg. e qua.: 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. e ter.: 20h30.

A SAGA CREPÚSCULO – AMANHECER: PARTE 2 (*The Twilight Saga: breaking dawn – part 2*). EUA, 2012. Dir.: Bill Condon. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Dakota Fanning, Michael Sheen. Aventura/ romance. Os jovens vampiros Bella e Edward precisam defender sua filha de vampiros rivais. 1h55. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: ter. e dom.: 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: ter.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom. e qua.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dub.: dom. e ter.: 20h30.

ESPECIAL

UM FILME DE CINEMA. Brasil, 2017. Dir.: Walter Carvalho. Documentário. Artistas refletem sobre a sétima arte. 1h51. 14 anos.
João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 19h.

JONAS E O CIRCO SEM LONA. Brasil, 2015. Dir.: Paula Gomes. Documentário. Menino quer manter vivo o circo que criou em seu quintal. 1h23. Livre.
João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 16h.

CONTINUAÇÃO

ACAMPAMENTO MIASMA (*Teenage sex and death at Camp Miasma*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Jane Schoenbrun. Elenco: Hannah Einbinder, Gillian Anderson, Amanda Fix. Drama/ terror. Cineasta fica obcecado com a escolha da “final girl” de seu filme de terror, e as duas concorrentes caem em frenesi psicosssexual. 1h46. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 16/8: 19h30; qua., 19/8: 19h50; sáb., 22/8: 18h10; ter., 25/8: 16h30; sex., 28/8: 20h20; seg., 31/8: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 18h20.

BIA. Brasil, 2022. Dir.: Taciano Valério.

Drama. Elenco: Veronica Cavalcanti, Everaldo Pontes. Estudante de doutorado investiga os direitos de expressão das mulheres e busca romper a estrutura básica do patriarcado. 1h11. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 18/8: 16h30; qui., 20/8: 19h (com debate); sáb., 22/8: 15h; qua., 26/8: 15h; sáb. 29/8: 16h20.

O BOLO DO PRESIDENTE (*Mamlaket Al-Qasab*). EUA, Catar, Iraque, 2026. Dir.: Hasan Hadi. Elenco: Baneen Ahmed Nayyef, Sajad Mohamad Qasem, Waheed Thabet Khreibat. Drama. No Iraque dos anos 1990, menina de nove anos deve levar para a escola um bolo celebrando o aniversário do presidente Saddam Hussein e teme represálias caso não o faça. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ (leg.): dom., 16/8: 15h; ter., 18/8: 18h10; sáb., 29/8: 18h.

A FABULOSA MÁQUINA DO TEMPO. Brasil, 2026. Dir.: Eliza Capai. Documentário. Meninas no Sertão equilibram-se entre o passado difícil de suas mães e os sonhos fantásticos que inventam para o futuro. 1h10. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 17/8: 18h10; dom., 23/8: 15h30; ter., 25/8: 20h40; qui., 27/8: 15h; sáb., 29/8: 15h.

FUTURO FUTURO. Brasil, 2026. Dir.: Davi Pretto. Ficção científica. Elenco: Zé Maria, João Carlos Castanha, Carlota Joaquina. No futuro, homem amnésico embarca em jornada para descobrir sobre si depois de usar um dispositivo de IA. 1h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 18/8: 20h20; qui., 20/8: 15h; sáb., 22/8: 16h30; sex., 28/8: 18h10; dom., 30/8: 15h.

HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA (*Spider-Man: brand new day*). EUA/ Canadá/ Reino Unido/ Alemanha, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Mark Ruffalo, Jon Bernthal, Florence Pugh, Marisa Tomei, Naomi Watts (voz). Aventura. Depois de um feitiço para todos o esquecerem, Peter Parker vive sozinho, combatendo o crime em Nova York como o Homem-Aranha. Mas a pressão desencadeia mudanças físicas, enquanto enfrenta misteriosa ameaça que domina mentes. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h, 17h, 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h; leg.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 12h45, 15h50, 19h, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 16h20; leg.: 19h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 3D: leg.: 13h20, 16h30, 19h30, 22h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 2D: 13h40, 17h; leg.: 3D: 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h, 16h15, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 12h30, 15h30, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: 20h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 12h, 15h15, 18h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h40, 17h20, 20h. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): dub.: 14h, 16h45, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser): dub.: 14h, 16h45, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h40, 17h20, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h15, 19h20. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h, 18h; 2D: 20h45. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 16h25, 19h30. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 20h45. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 14h, 17h, 20h; seg. a qua.: 17h35, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 3D: 15h15, 21h; 2D: 18h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; seg.: 14h; qua.: 15h40.

20h45. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 3D: 15h, 18h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h, 17h, 20h; seg. a qua.: 17h35, 20h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 3D: 15h15, 21h; 2D: 18h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; seg.: 14h; qua.: 15h40.

HONESTINO. Brasil, 2026. Dir.: Aurélio Michiles. Documentário. A história de Honestino Guimarães, líder estudantil, presidente da UNE, sequestrado pela ditadura militar em 1973. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 17/8: 16h30; sex., 21/8: 20h20; dom., 23/8: 19h10; qui., 27/8: 20h20; dom., 30/8: 18h10.

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton, Zendaya, Charlize Theron, Elliot Page, Jon Bernthal, Mia Goth, John Leguizamo. Aventura. Após a Guerra de Troia, herói grego tenta voltar para casa, mas, pelo caminho, enfrenta criaturas míticas e deuses. Enquanto isso, sua esposa resiste às investidas dos pretendentes a seu lugar. 2h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 17h20, 20h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h50, 17h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h45, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 20h.

PEQUENAS CRIATURAS. Brasil, 2026. Dir.: Anne Pinheiro Guimarães. Drama. Elenco: Carolina Dieckmann, Leticia Sabatella, Caco Ciocler. Em 1986, família muda-se para Brasília, mas a esposa é deixada para trás pelo marido numa viagem de negócios. Frustrada, ela lida com a adaptação à cidade desconhecida. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 16/8: 17h; qua., 19/8: 15h; sex., 21/8: 18h10; qua., 26/8: 18h30; dom., 30/8: 19h50; seg., 31/8: 20h20.

OS RUMINANTES. Brasil, 2026. Dir.: Tarsila Araújo e Marcelo Mello. Documentário. Em 1967, os cineastas Luiz Sergio Person e Jean-Claude Bernardet escreveram um roteiro de um filme radical, nunca filmado. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 17/8: 15h; qua., 19/8: 17h; sex., 21/8: 16h30; ter., 25/8: 15h; qui., 27/8: 16h30; dom., 30/8: 16h40.

TOY STORY 5 (*Toy story 5*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Aventura/ comédia/ animação. A chegada de um *tablet* ameaça brinquedos e as interações sociais da dona deles. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h30.

XICA DA SILVA. Brasil, 1976. Dir.: Cacá Diegues. Elenco: Zezé Motta, Walmar Chagas, Altair Lima, Elke Maravilha, Stephan Nercessian, Rodolfo Arena, José Wilker. Drama. Escravizada se torna poderosa ao se tornar amante de negociante de diamantes no Brasil colônia. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 17/8: 19h40; sáb., 22/8: 20h10; sex., 28/8: 16h10.

Teatro

HOJE

AS MALDITAS: ESSAS GÊMEAS NÃO SÃO FLOR QUE SE CHEIRE. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Texto: Saulo Queiroz. Irmãs idosas têm um cotidiano marcado pelos atritos entre elas. 16 anos. 50min.
João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaira). Sábado e domingo, até 30/8, 19h30. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados pela plataforma Sympla.

MONÓLOGO?. Da Cia Multicultural Art'Spaço. Espetáculo da mostra Made in Lima.
João Pessoa: TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, nº 67, Centro). Domingo, 16/8, 19h30. Ingressos: antecipados no perfil @ pingodehumoroficial, valor não divulgado.

O PEQUENO PRÍNCIPE: O ESPETÁCULO. Direção e adaptação: Tony Silva, baseado no livro de Antoine de Saint-Exupéry. Aviação cai no deserto e encontra um menino que diz ter vindo de outro planeta.
João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 16/8, 17h. Ingressos: R\$ 80 (inteira), R\$ 60 (social) e R\$ 40 (meia), antecipados na loja Furtacor (MAG Shopping) e no site Olha o Ingresso.

AMANHÃ

NO CORAÇÃO DA LUA. Do Grupo Estação Teatro (RN). Espetáculo do projeto Palco Giratório.
João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Segunda, 17/8, 14h e 19h30. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), antecipados no Sympla.
Campina Grande: TEATRO DO SESC (Sesc Centro, R. Giló Guedes, nº 650, Centro). Quarta, 19/8, 14h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), antecipados no Sympla.

Música

HOJE

BANDA LEI ZERO. Grupo convida o projeto Rock 102.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 16/8, 17h. Ingressos: R\$ 20 (promocional), antecipados no site Shotgun.

CHILDREN OF THE DAMNED FESTIVAL. Shows das bandas de metal Flamenhll, Tempora, Abracadaver e Omni Type.
João Pessoa: CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Domingo, 16/8, 17h. Ingressos: R\$ 20 (antecipados) e R\$ 30 (portaria), antecipados no site Shotgun.

DEMANDAS GERACIONAIS

Perfil demográfico influencia pleito

Com o envelhecimento do eleitorado, temas como saúde e aposentadoria tendem a pautar debates e campanhas

Eliz Santos
elzsantos17@gmail.com

O retrato do eleitor brasileiro mudou. Em um país que envelhece rapidamente, as urnas também passaram a refletir essa transformação demográfica. Nas Eleições 2026, os brasileiros com 60 anos ou mais consolidam-se como uma das principais forças do eleitorado, enquanto a participação dos mais jovens cresce em ritmo bem mais lento. O cenário revela uma transformação silenciosa, mas capaz de influenciar campanhas, propostas e prioridades dos candidatos em todo o país — inclusive na Paraíba.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostram que o Brasil conta com aproximadamente 37,5 milhões de eleitores na faixa dos 60 anos ou mais, o que corresponde a 23,6% do eleitorado nacional. Em apenas quatro anos, esse grupo ganhou cerca de 4,5 milhões de pessoas. A mudança acompanha a transição demográfica apontada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), marcada pelo aumento da expectativa de vida e pela queda na taxa de natalidade.

Para o cientista social Jomário Pereira, o avanço do eleitorado idoso representa muito mais do que uma mudança numérica. “O aumento do eleitorado idoso não é apenas um dado demográfico, ele reflete a transição pela qual o Brasil está passando, com menos nascimentos e maior expectativa de vida. Isso transforma a dinâmica da política. À medida que o eleitorado e os próprios políticos envelhecem, a disputa muda de cara e as campanhas passam a dialogar mais com temas ligados à experiência e à estabilidade. O eleitor mais velho busca identificação com propos-



Foto: Arquivo pessoal

O voto deve servir para promover mudanças e garantir condições dignas de vida: educação, saúde, moradia e trabalho

Maria Luzinete Nascimento



Foto: Antonio Augusto/TSE

Especialista defende que diferenças nas perspectivas de idosos e jovens transformam o jogo político e são essenciais para manter a democracia brasileira em movimento

tas, trajetórias e candidatos já testados”, analisa.

O especialista aponta, ainda, que as diferentes experiências vividas por cada geração influenciam a forma como jovens e idosos enxergam a política e participam da democracia. “Cada geração é formada por vivências diferentes e isso influencia a maneira de enxergar a política. Quem é mais velho viveu a Ditadura, a redemocratização e sucessivas crises. Já os jovens começam a participar da vida política em um cenário fortemente influenciado pelas redes sociais e pelas novas tecnologias. O jovem e o idoso não vivem no mesmo mundo e reagem de formas diferentes à política. Hoje, notamos um comportamento até mais passivo em parte da juventude, enquanto os mais velhos seguem participando ativamente do processo”, observa.

Contraste entre gerações

A diferença entre as faixas etárias também chama a atenção. Enquanto o eleitorado com 60 anos ou mais reúne cerca de 37,5 milhões de pessoas, 3.571.159 eleitores têm até 18 anos, o equivalente a 2,25% do eleitorado nacional. O contingente de idosos é, portanto, mais de 10 vezes superior ao grupo de eleitores mais jovens.

O TSE também aponta uma redução da participação relativa dos eleitores com idade de 21 a 34 anos. Em 2022, essa faixa correspondia a 28,01% do eleitorado. Em 2026, passou a representar 25,85%, totalizando 41.037.601 eleitores.

Entre os eleitores com até 18 anos, o número passou de 4.177.627, em 2022, para 3.571.159, em 2026. Os dados mostram que, enquanto aumenta o peso relativo dos eleitores mais velhos, algumas faixas jovens passam a representar uma parcela menor do eleitorado.

Força e desafio

No Brasil, o voto é obrigatório para os eleitores alfabetizados maiores de 18 anos e menores de 70 anos. Já para os jovens de 16 e 17 anos, maiores de 70 anos e para as pessoas analfabetas, o voto é facultativo.

Mesmo sem a obrigatoriedade, muitos brasileiros continuam comparecendo às urnas e consideram o voto uma forma de exercer a cidadania. É o caso do aposentado Sebastião Domingo Dantas, de 70 anos, que pretende seguir comparecendo às urnas e considera a saúde a principal prioridade na escolha dos representantes políticos. “Completei 70 anos, mas isso não é motivo para deixar de exercer a minha cidadania. Pretendo continuar votando, porque considero o voto muito importante para escolhermos nossos representantes. Hoje, a saúde é a minha maior preocupação. Sem saúde, a pessoa não consegue fazer nada. Acho que houve avanços para os idosos, mas ainda precisamos de um atendimento mais eficiente, com menos demora para consultas e exames. Também incentivo as pessoas da minha idade a fazerem um esforço para votar e aos jovens a participarem das eleições, porque são eles que carregam os sonhos de um Brasil melhor”, afirma.

A visão de Sebastião é compartilhada pela educadora aposentada Maria Luzinete Nascimento, também de 70 anos. Para ela, continuar votando é uma forma de preservar uma conquista histórica, especialmente para as mulheres. “Continuarei votando enquanto tiver condições, porque exercer a cidadania é um direito conquistado por muitas mulheres que vieram antes de nós e precisa ser preservado. Voto para escolher representantes comprometidos com o bem comum e não permitir que promessas vazias continuem enganando a popula-

ção. O voto deve servir para promover mudanças e garantir condições dignas de vida: educação, saúde, moradia, saneamento e trabalho”, pontua.

Se entre os idosos o voto representa a continuidade do exercício da cidadania, para quem está ingressando na vida política ele simboliza a conquista de um direito. Aos 19 anos, a estudante de Direito Jhennifer Silva participará das eleições pela primeira vez e afirma que encara esse momento com discernimento, especialmente pelo significado histórico da participação feminina na democracia. “Vejo o primeiro voto como uma responsabilidade, não apenas porque é um direito, mas porque muitas mulheres, há algum tempo, não podiam participar das eleições. Entendo que temos o dever de preservar essa conquista e mostrar que fazemos parte da sociedade. Ainda acredito que as demandas dos jovens nem sempre recebem a devida atenção dos políticos. Aos jovens, deixo um conselho: estudem, pesquisem as propostas e o histórico dos candidatos em fontes confiáveis, sem escolher representantes apenas pela influência das redes sociais”, reforça a estudante.

Retrato da Paraíba

Na Paraíba, a tendência acompanha o cenário nacional. O estado possui pouco mais de 3,2 milhões de eleitores aptos a votar. Desse total, 343.320 têm 70 anos ou mais, faixa em que o voto também é facultativo. Já entre os mais jovens, há 21.311 eleitores de 16 anos e 48.631 de 18 anos, números bastante inferiores aos registrados entre os idosos.

Embora o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) divulgue os dados por faixas etárias diferentes das estatísticas nacionais, o panorama confirma a mesma tendência observada no restante do país: o crescimento da participação dos eleitores mais velhos e uma base proporcionalmente menor de novos votantes.

Campanhas em transição

A nova configuração do eleitorado também impõe desafios às campanhas eleitorais. Com um número crescente de idosos aptos a votar, temas como saúde pública, aposentadoria, assistência social, mobilidade urbana e qualidade de vida ganham relevância no debate político. Ao mesmo tempo, candidatos precisam manter diálogo com a juventude, especialmente em pautas relacionadas a educação, emprego, inovação tecnológica e acesso ao primeiro trabalho.

Para Jomário Pereira, esse encontro entre diferentes gerações é justamente um dos elementos que mantém a democracia em movimento. Segundo ele, a experiência acumulada pelos idosos e o olhar renovador dos jovens não devem ser vistos como forças opostas, mas como partes de um processo permanente de transformação política. “Esse encontro entre experiências é, no fundo, o que mantém a política viva. É um processo dialético onde os mais velhos e os mais jovens entram em confronto, se contradizem e se reinventam. Se não houvesse essa renovação, o debate público travaria e a política viraria apenas uma reprodu-



Foto: Arquivo pessoal

Vejo o primeiro voto como uma responsabilidade. Acredito que as demandas dos jovens nem sempre recebem a devida atenção dos políticos

Jhennifer Silva

ção automática de quem já está no poder”, explica.

O cientista social destaca, ainda, que a renovação das instituições democráticas é construída de geração em geração, inclusive diante de períodos de crise. “O ponto-chave de tudo isso é entender que a democracia enquanto instituição consegue reaproveitar essa mistura, renovar-se e manter-se em pé. Mesmo diante de todos os problemas do 8 de janeiro de 2023, as instituições políticas democráticas se mantiveram firmes. Esse processo de renovação acontece geração a geração, eleição após eleição”, conclui.

MEDIDA DE PROTEÇÃO

Estatuto dos Cães e Gatos avança no Senado Federal

Texto estabelece direitos básicos dos animais, como acesso a água e alimentação

Agência Senado

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal aprovou, na última semana, o Projeto de Lei nº 6.191/2025, que institui o Estatuto dos Cães e Gatos. A proposta estabelece direitos e deveres relacionados à proteção e ao bem-estar desses animais e reconhece-os como seres sencientes, capazes de sentir dor, sofrimento, medo, prazer e afeto.

O texto tem origem na Sugestão Legislativa nº 10/2025, apresentada à Comissão de Direitos Humanos (CDH) pelo Instituto Arcanimal, ligado à Associação Amigos dos Animais. Estima-se que o Brasil tenha a terceira maior população *pet* do mundo, com cerca de 160 milhões de animais de estimação.

O projeto recebeu parecer favorável do relator, o senador Fabiano Contarato (PT-ES). A matéria segue para análise da Comissão de Meio Ambiente (CMA).

Direitos e deveres

O projeto estabelece direitos básicos dos cães e gatos, como acesso a abrigo seguro, água limpa e alimentação adequada, assistência veterinária, vacinação e proteção contra abandono e maus-tratos, além da possibilidade de expressar comportamentos naturais da espécie, como brincar, correr, cheirar e conviver com pessoas e outros animais.

Para os responsáveis legais, o texto define deveres claros. O tutor de um cão ou gato deverá garantir alimentação, higiene, saúde, vacinação, vermifugação, identificação do animal e condições adequadas de convivência. Também caberá ao responsável evitar fugas, prevenir acidentes, recolher os dejetos em vias públicas e conduzir cães com guia, coleira ou peitoral em locais públicos.

Entre os deveres dos responsáveis legais, o projeto também determina a identificação dos cães e gatos no Cadastro Nacional de Animais Domésticos, instituído pela Lei nº 15.046/2024.

A proposta também trata de situações comuns no dia a dia das cidades. O texto proíbe restrições genéricas à permanência de cães e gatos em condomínios residenciais, permitindo limitações apenas quando houver



Foto: Matheus dos Reis/Colaboração

Aprovado na CCJ, Projeto de Lei nº 6.191/2025 segue para análise da Comissão de Meio Ambiente

risco concreto à saúde, à segurança ou ao sossego dos moradores. Também prevê a facilitação do acesso desses animais aos meios de transporte, conforme regulamentação específica.

Educação animalista

O atendimento e o respeito aos direitos animais poderão ser implementados por meio da inclusão do tema nos currículos dos ensinos Fundamental e Médio e por campanhas educativas em meios de comunicação adequados, nas universidades, nas escolas, nas associações de bairro, nos canais oficiais de comunicação do governo local e em outros espaços comunitários.

O objetivo é promover a assimilação pelo público em geral sobre a adoção ética e responsável de cães e gatos, bem como sobre a existência da consciência e da senciência animal e, consequentemente, sobre o sofrimento a que podem ser submetidos.

Animais comunitários

Outro ponto importante é o reconhecimento dos animais comunitários, que são cães e gatos em situação de rua cuidados por moradores de determinada localidade. Pelo projeto, esses animais deverão receber alimentação, abrigo, vacinação, esterilização, identificação e atendimento veterinário, sob responsabilidade compartilhada entre o poder público e a comunidade.

Os municípios ou o Distrito Federal responderão pelos danos causados por

animais comunitários dentro de seus respectivos territórios, ressalvada a culpa exclusiva da vítima ou de membro da própria comunidade, além de força maior.

Adoção

O estatuto também disciplina a adoção responsável, que deverá ser formalizada por termo específico, com critérios mínimos para o adotante, como ser maior de 18 anos, ter domicílio certo e não possuir antecedentes de maus-tratos contra animais. As medidas têm o objetivo de promover a adoção responsável e reduzir devoluções indevidas.

O texto ainda prevê obrigações para o poder público, como a implantação de políticas de proteção animal, programas de castração, microchipagem, campanhas educativas sobre custódia responsável, atendimento veterinário gratuito ou subsidiado para pessoas em situação de vulnerabilidade e ações de resgate e acolhimento de animais em desastres ambientais.

Proibições

Entre as proibições previstas estão maus-tratos, abandono, eliminação de cães e gatos como forma de controle populacional, mutilações estéticas sem indicação clínica, criação clandestina para venda, rinhas, corridas extenuantes e uso de cães e gatos em experimentos científicos ou didáticos que provoquem dor ou sofrimento. O infrator também poderá ser

obrigado a custear integralmente os tratamentos veterinários decorrentes dos maus-tratos.

O projeto cria sanções administrativas e tipos penais específicos. Infratores poderão sofrer advertência, multa, apreensão dos animais, interdição de estabelecimentos, perda da guarda e impedimento de adotar ou manter animais por 10 anos. Também são previstas punições para condutas como matar cão ou gato, abandonar animal, omitir socorro a animal ferido, impedir cuidados a animais comunitários e explorar cães e gatos em situações de abuso.

No parecer, Contarato afirma que o projeto representa um avanço na proteção animal no Brasil. Segundo ele, a proposta responde a uma demanda social crescente por instrumentos jurídicos mais eficazes, ao reunir em uma única lei princípios, direitos, deveres e mecanismos de responsabilização que hoje estão dispersos no ordenamento jurídico.

O senador também argumenta que o reconhecimento da senciência de cães e gatos acompanha a evolução da ciência, da doutrina jurídica e da jurisprudência brasileira. “O projeto encontra respaldo em valores constitucionais relacionados à proteção do meio ambiente, à promoção da dignidade da vida em todas as suas formas e ao dever estatal de assegurar políticas públicas voltadas ao bem-estar coletivo”, argumentou Contarato.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (55)

Sou ateu não praticante, mas, de vez em quando, torço pela volta da Santa Inquisição para caçar uns pecadores da cara de pau-d’arco.

“Quem planta uma árvore, se for para o inferno, vai pela sombra” (Ameba, o pregador inconsequente).

“A vida é maravilhosa, sem ela estaríamos mortos” (Sonsinho).

E, no avião, o medo é passageiro.

Dirigido pelo cineasta russo Dziga Vertov, em 1929, *Um homem com uma câmera foi eleito* pela revista britânica *Sight & Sound* o melhor documentário de todos os tempos.

O filme de Dziga Vertov era uma câmera fotografando outra câmera que fotografava outra câmera. Genial.

“O irmão de Zé da Luz, Bastos de Andrade, também poeta e declamador, foi o mestre dele. Bastos apresentava o programa *Mensagem para o Rancho*, na Rádio Tabajara, da Paraíba, no qual declamava os poemas do irmão, contribuindo para sua popularização no Nordeste a partir de 1951” (Wikipédia).

O primeiro livro de Zé da Luz, *Brasil Caboclo*, foi impresso na gráfica do jornal **A União**, do Governo da Paraíba, em 1936. O governador era Argemiro de Figueiredo.

“A cada vez que um imbecil se recusa a vacinar seus filhos, ele reduz significativamente as chances de propagar sua descendência. A isso se chama seleção natural” (Nelson Moraes).

Eu queria ouvir um tango de Carlos Gardel na radiola e esquecer o suposto ódio que temos dos argentinos.

Hoje em dia, todo mundo é bipolar. Eu mesmo às vezes sou, às vezes não...

Economizando para comprar uma ilha, onde pretendo escrever contos sobre a solidão.

Meu compadre Jeremias me perguntou, quando cheguei do hospital: “Tiraram a geografia da tua cabeça?”. Talvez ele quis dizer tomografia.

Jeremias diagnosticou meu mal: é falta do que fazer.

“O capitão Bonifácio era tão patriota militar que não tinha cama. Dormia em berço esplêndido” (Stanislaw Ponte Preta).

Glauber Rocha, o principal nome do Cinema Novo, foi indicado para receber o Oscar de 1970 pelo seu filme *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. O baiano não quis participar. “Seria endossar o cinema americano”, justificou.

Em 30 de janeiro de 1942, o Ceará vivia uma grande seca. O céu amanheceu nublado. A população saiu às ruas para receber as chuvas tão esperadas. Só que o Sol resolveu aparecer, frustrando a multidão que prontamente soltou uma imensa vaia contra o Sol.

Em homenagem ao episódio, foi criado o Dia da Grande Vaia.

“Se não há leis para regular o algoritmo, o algoritmo é a lei” (Aline Valek).

“Comprem livros. Leiam livros. Escrevam livros. Publiquem livros. Desenhem livros. Traduzam livros. Imprimam livros. Vendam livros. Guardem livros. Colecionem livros. Durmam com livros. Acordem com livros. Sonhem com livros. Convivam com livros. Façam amor com livros. Comam livros. Vivam livros. Todo o resto é supérfluo” (Simone Paulino).

Cena tragicômica: enquanto o ministro da Saúde dos Estados Unidos treme ao ler documento no qual afirma que vacina salva, o presidente Trump dorme e uma bailarina fica perto dele, dançando.

Estados Unidos intervêm na Colômbia e Venezuela. Depois vem o terremoto completar a tragédia.

Punições

Infratores poderão sofrer advertência, multa, apreensão dos animais, perda da guarda e impedimento de adotar ou manter animais por 10 anos

SARAMPO NAS AMÉRICAS

Opas reforça importância de vacinas

Campanha de multivacinação de crianças e adolescentes menores de 15 anos segue até 1º de setembro

Agência Gov

O avanço do sarampo nas Américas reforça a importância de manter a vacinação em dia, especialmente entre crianças e adolescentes. Em alerta epidemiológico divulgado em 7 de agosto, a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) aponta que a Região das Américas registra, em 2026, o maior número de casos confirmados de sarampo dos últimos 22 anos e mantém risco muito alto para a saúde pública devido à ocorrência de surtos ativos. Diante desse cenário, a organização recomenda o fortalecimento da vacinação, da vigilância epidemiológica e da resposta rápida aos casos.

A situação reforça a importância da Campanha de Multivacinação do Ministério da Saúde, que segue até 1º de setembro em todo o país. A estratégia é voltada para crianças e adolescentes menores de 15 anos e oferece a oportunidade de verificar a caderneta e atualizar as doses que estiverem em atraso, incluindo a proteção contra o vírus.

O sarampo é uma doença altamente contagiosa e a circulação do vírus em outros países aumenta a possibilidade de importação de casos. No Brasil, o Ministério da Saúde mantém ações de vigilância e vacinação para evitar a reintrodução e a transmissão sustentada da doença. O país recebeu, em novembro de 2024, a recertificação da eliminação da circulação endêmica do sarampo pela OPAS e mantém o *status*.

Em 2025, as Américas já haviam registrado 14.891 casos confirmados de sarampo e 29 mortes, número 32 vezes maior que o registrado em 2024. O total de 2025 foi o maior na região desde 2019, quando foram registrados 23.269 casos. Em 2026, o cenário agravou-se: até 13 de junho, eram 22.324 casos confirmados em 17 países e territórios, com 38 óbitos. México, Guatemala, Estados Unidos e Canadá concentram 97% dos casos.

No Brasil, em 2026, até o momento, há registro de 24 casos de sarampo, relacionados à importação do vírus. Três foram encerrados sem risco de disseminação e 21 permanecem em acompanhamento em São Paulo: um em Guarulhos, dois em São Bernardo do Campo e 18 na capital.

Principal prevenção

Diante da identificação de casos no Brasil, o Ministério da Saúde ampliou a estratégia de vacinação contra o sarampo nos municípios de São Paulo, Guarulhos e São Bernardo do Campo. Nessas localidades, a orientação é vacinar, de forma indiscriminada, pessoas de seis meses a 59 anos durante a campanha, conforme as recomendações específicas para cada faixa etária. Em São Paulo, 3,2 milhões de doses da vacina tríplice viral foram destinadas ao reforço do abastecimento, garantindo a continuidade da ação de bloqueio vacinal.

Para crianças de seis a 11 meses, a vacina contra o sarampo é administrada como



Sarampo é uma doença altamente contagiosa e a circulação do vírus em outros países aumenta a possibilidade de importação de casos

dose zero, adicional e que não substitui as doses previstas na rotina aos 12 e 15 meses. Para as demais idades, a necessidade de vacinação é verificada pelos profissionais de saúde de acordo com a idade e o histórico vacinal.

A vacina tríplice viral, que protege contra sarampo, caxumba e rubéola, está disponível gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS). A manutenção de altas coberturas vacinais é fundamental para reduzir a circulação do vírus e proteger também pessoas que não podem ser vacinadas por determinadas condições de saúde.

A estratégia contra o sarampo integra uma mobilização mais ampla. Além da tríplice viral, a multivacinação contempla vacinas que protegem contra doenças como poliomielite, meningites, pneumonias, coqueluche, febre amarela, *influenza*, Covid-19, HPV e dengue, entre outras. A campanha também marca a primeira edição da multivacinação com a vacina pneumocócica 20-valente (Pneumo 20), incorporada neste ano ao Calendário Nacional de Vacinação.

A recomendação do Ministério da Saúde é que pais e responsáveis aproveitem a

Campanha de Multivacinação para levar crianças e adolescentes a uma unidade de saúde e conferir a situação vacinal. A estratégia também é uma oportunidade para ampliar a proteção contra doenças que podem voltar a circular quando há queda nas coberturas vacinais. O Dia D de Mobilização Nacional será realizado em 22 de agosto, com ações de vacinação em todo o país.

Brasil mantém vigilância

O Ministério da Saúde acompanha continuamente a situação epidemiológica do sarampo no Brasil e nas

Américas e orienta estados e municípios sobre medidas de vigilância, investigação de casos e vacinação. A pasta também tem intensificado estratégias para alcançar pessoas não vacinadas ou com doses em atraso.

A recomendação é simples: quem tem criança ou adolescente em casa deve conferir a caderneta e procurar uma unidade de saúde para colocar a vacinação em dia. Manter as vacinas atualizadas é uma das principais medidas para proteger a população e impedir que doenças controladas ou eliminadas voltem a se espalhar.

SEM REGULAÇÃO

Avanço da IA corrói financiamento do jornalismo profissional

Lucas Pordeus León
Agência Brasil

O avanço da inteligência artificial (IA) por meio dos resumos que buscadores oferecem na *internet* vem derrubando o tráfego direto de internautas em *sites* jornalísticos, prejudicando o financiamento do jornalismo profissional no Brasil. Isso ocorre porque parte dos usuários tem deixado de clicar nos *links* diretos dos *sites*, restringindo a pesquisa aos resumos das IAs.

A mudança vem ganhando força, principalmente, a partir de maio de 2024 com o AI Overviews do Google (resumos gerados por IA, em português). Segundo especialistas, a novidade tem, ainda, o potencial de prejudicar a integridade da informação que circula no país em meio à proliferação das *fake news* impulsionadas pelas mesmas plataformas por trás das IAs que dominam o mercado.

Um projeto de lei (PL nº 2.338/2023) em tramitação na Câmara, o Marco Regulatório da IA, prevê que as plataformas digitais paguem pelos direitos autorais das

obras e reportagens usadas pela tecnologia, o que poderia fortalecer o jornalismo profissional frente à crise no setor. Porém, o tema não avançou no último semestre, apesar da prioridade anunciada na Câmara dos Deputados.

A Associação de Jornalismo Digital (Ajour), que representa 152 veículos *on-line* no Brasil, aponta que um de cada quatro desses portais de notícias perdeu, em 2025, mais de 20% da audiência.

“A queda de tráfego nos *sites* das associadas advinda de ferramentas de busca, uma preocupação generalizada na indústria jornalística, se mostra verdadeira no contexto das associadas”, concluiu a pesquisa da Ajour.

A diretora de Relações Institucionais da associação, Carla Egydio, explicou que a queda é “preocupante” por prejudicar a atração de publicidade e o financiamento calculado a partir das “métricas de audiência”.

“O ecossistema jornalístico, hoje, vive um cenário de crise. Parte da publicidade já migrou, principalmente, para plataformas digitais. Os veículos que se financia-

vam, sobretudo por publicidade, têm uma dificuldade muito grande de manter seus negócios. Esse resumo da IA aprofunda um contexto de crise do jornalismo”, explicou a diretora.

Integridade

Carla destacou que os resumos da IA fornecidos pelos buscadores não oferecem todo o conteúdo das reportagens, com impacto para a qualidade da informação. “Isso pode gerar descontextualização, com prejuízos para o debate público. Você tem ainda os casos de cópia literal do conteúdo, que configura plágio”, completou a diretora da Ajour.

Um caso de repercussão internacional foi o do veículo Business Insider, que demitiu, em maio de 2025, 21% dos funcionários em meio a quedas no tráfego de usuários impulsionadas pelos resumos das IAs dos buscadores.

“Setenta por cento do nosso negócio apresenta algum grau de sensibilidade ao tráfego [de usuários no *site*]. Precisamos estar estruturados para suportar quedas extremas de tráfego fora do nosso controle, por isso estamos re-

duzindo o tamanho geral da nossa empresa”, explicou Barbara Peng, da direção-executiva da companhia.

Marco regulatório

No Brasil, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) tem pressionado pela aprovação do PL nº 2.338 na Câmara, onde projeto tramita desde março de 2025.

A matéria que chegou do Senado prevê que as empresas de IA remunerem pelo uso de conteúdos protegidos pela Lei dos Direitos Autorais, como é o caso do jornalismo. “O *lobby* das *big techs* é muito forte. Elas querem, para ter uma ideia, tirar toda essa parte que fala de direito autoral. Esse é um dos pontos que têm emperrado esse projeto na Câmara”, revelou a presidenta da Fenaj, Samira de Castro.

Ela acrescentou à Agência Brasil que, apesar das fragilidades do projeto, o texto traz avanços para garantir a remuneração do produto do trabalho dos jornalistas. “O PL também não cria mecanismos específicos de transparência sobre quais conteúdos jornalísticos foram utilizados para treinar mo-

delos de IA, mas isso pode ser objeto de regulamentação posterior”, completou Samira.

Críticas ao projeto

O texto que chegou do Senado é criticado pelas empresas de tecnologia, que alegam que o dispositivo sobre direitos autorais “na prática, inviabiliza o treinamento de novos modelos locais de IA”.

“A proposta de legislação brasileira, dessa forma, poderá isolar o Brasil no desenvolvimento da IA, além de impactar investimentos em infraestrutura digital”, esclareceu a nota de diversas organizações empresariais, entre elas, a Associação das Empresas de Tecnologia (Brasscom).

Governo apoia PL

O Governo Federal tem defendido a aprovação do PL nº 2.338. O secretário de Direitos Autorais e Intelectuais do Ministério da Cultura, Marcos Alves de Souza, argumentou que tem crescido a judicialização envolvendo direitos autorais.

“Enquanto esse PL não for aprovado, o uso não au-

torizado de conteúdo jornalístico, ou qualquer conteúdo protegido por direitos de autor, para o treinamento de sistemas de IA, constitui violação de, ao menos, sete dispositivos da lei de direito autoral”, comentou Souza, em audiência pública do Conselho de Comunicação Social do Congresso, na última semana.

Enquanto o Congresso não vota o Marco Regulatório da IA, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) abriu uma investigação, em abril deste ano, sobre a conduta do Google e os impactos do uso da IA no mercado de mídia.

O conselho avalia se a gigante da tecnologia abusou de sua posição dominante ao utilizar conteúdos jornalísticos em ferramentas de IA sem remunerar os veículos responsáveis.

Por outro lado, dois grandes jornais brasileiros, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, fecharam acordos privados com a OpenAI e o Google, respectivamente. O acordo da *Folha* ocorreu após o jornal processar a OpenAI pelo uso dos seus conteúdos jornalísticos.

EM TRÊS ESTADOS

Editais oferecem 148 vagas no NE

São oportunidades de nível fundamental, médio, técnico e superior; salário pode chegar a R\$ 11.975

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira@gmail.com

Passando pela perspectiva de trabalhar na defesa do consumidor ou em funções diversas na área da saúde desempenhadas no setor público, alguns dos certames em aberto nos próximos dias na Região Nordeste trazem destaque também para carreiras no ensino, com postos de trabalho na educação municipal a serem preenchidos na Paraíba, e no Ensino Superior, em cursos como Direito, Letras e Pedagogia, no estado de Pernambuco.

Para quem não deseja sair do estado, no Litoral Norte, Zona da Mata paraibana, a Prefeitura Municipal de Cuité de Mamanguape busca, por meio de concurso público, selecionar 116 profissionais — de nível fundamental, médio, técnico e superior — para compor o quadro de funcionários à serviço da população da cidade. As inscrições já estão abertas e podem ser efetuadas até as 23h59 do dia 13 de setembro, no *site* do Instituto Assessoria Educa.

As vagas em aberto no processo seletivo são para postos de trabalho de motorista nas categorias D e B; agente comunitário de saúde; agente de combate a endemias; auxiliar

de saúde bucal; fiscal de tributos; educador social; técnico em enfermagem; assistente social; enfermeiro; fonoaudiólogo; fisioterapeuta; médico; nutricionista; psicólogo; e para professores — em áreas como língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências, língua inglesa e educação física.

Com jornadas de trabalho variando de 30 a 40 horas semanais, as remunerações podem chegar até R\$ 11.975, a depender do cargo. De acordo com a vaga pretendida, as taxas de inscrição variam de R\$ 70 a R\$ 110, podendo ser isentos do pagamento doadores de sangue, medula óssea e rins, além de pessoas em situação de hipossuficiência econômica, mediante solicitação e comprovação, conforme edital, até terça-feira (18).

Com provas objetivas para todos os cargos agendadas



Use o QR Code para acessar o edital da prefeitura

para 18 de outubro, a seleção inclui também provas práticas para os cargos de motorista e intérprete de Libras e prova de títulos para cargos de nível superior. A validade do resultado final é de um ano, contado a partir da data de homologação, e poderá ter prorrogação por igual período, a critério da Prefeitura do Município.

Procon alagoano

Com 15 vagas imediatas e formação de cadastro de reserva para funções de nível superior, o edital do concurso do Instituto de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado de Alagoas (Procon-AL), publicado no início do mês passado em conjunto com a Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio de Alagoas (Seplag-AL), está com inscrições abertas até as 18h da quarta-feira (19).

As oportunidades são para os cargos de analista de proteção e defesa do consumidor — área: Administração; analista de proteção e defesa do consumidor — área: Direito; e fiscal de defesa do consumidor. Cada cargo oferecido dispõe de cinco vagas imediatas e mais cinco para cadastro de reserva. As jornadas são de 40 horas semanais e a remuneração deverá ser de R\$ 5.501,43.

As inscrições, com taxa de R\$ 150, podem ser feitas exclusivamente pelo *site* da banca organizadora, o Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). O certame inclui, com caráter eliminatório e classificatório, prova objetiva de conhecimentos básicos e específico, e prova discursiva — ambas com aplicação prevista para 29 de novembro, em Maceió. O resultado final, após homologado, terá prazo de validade de dois anos, podendo ser prorrogado, uma única vez, por igual período.



Use o QR Code para acessar o edital do Procon-AL

Ensino Superior

Destinado ao preenchimento de 17 vagas para o cargo efetivo de professor titular do Ensino Superior, o certame para a Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira (Aedai), em Pernambuco,

exige nível superior com pós-graduação específica em cada uma das áreas de conhecimento correspondentes aos cargos. A jornada mínima é de 39 horas-aula mensais, e as remunerações variam de R\$ 29,57 a R\$ 42,57 por hora-aula, conforme titulação (especialista, mestre ou doutor). As inscrições, já abertas aos interessados, podem ser feitas até 3 de setembro, pelo *site* do Instituto de Apoio à Gestão e Educação (Igeduc). Os professores selecionados atuarão nos cursos de Direito, Letras, História, Matemática e Pedagogia.

Para o ensino em Direito, serão contempladas as seguintes disciplinas curriculares: Direito Civil e Direito Empresarial; Direito Constitucional, Direito Administrativo, Direito Eleitoral, Direito do Trabalho, Direito Processual do Trabalho e Direito Tributário; Direito Penal e Direito Processual Penal; Direito Processual Civil e Direito do Consumidor.

Para quem busca lecionar em Letras, as vagas em aberto são para as especialidades: Língua Inglesa e Literaturas de Expressão em Língua Inglesa; Língua Portuguesa e Linguística; e Teoria Literária, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Na área de História, há apenas uma vaga para

a área titular do curso. Já em Matemática, as duas vagas são para Cálculo, Geometria, Álgebra e Introdução à Análise Real; e Educação Matemática: Planejamento, Ensino e Avaliação.

Na Pedagogia, os postos de ensino são para as áreas de: Avaliação Educacional do Ensino e da Aprendizagem e Metodologia Científica; Didática, Planejamento Educacional e Política e Organização da Educação Nacional; e Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Libras e Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.

O valor da taxa de inscrição é de R\$ 150 e o concurso terá validade de dois anos a partir da homologação do resultado final, podendo ser prorrogado uma única vez por igual período. A seleção será composta por prova escrita, prevista para o dia 20 de setembro, prova de aptidão docente, e avaliação de títulos.



Use o QR Code para acessar o edital da Aedai

Docentes são multiplicadores da prática jurídica

“O magistério jurídico é uma carreira em si, com identidade e exigências próprias, não uma etapa intermediária ou um complemento a outras atividades”, com essas palavras, resultantes de um conhecimento construído em “primeira pessoa” na docência universitária, a professora do Departamento de Ciências Jurídicas (DCJ), em Santa Rita, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Ana Paula Albuquerque Costa resume que o ofício exige dos profissionais um perfil que combine o domínio técnico da área com a vocação para formar pessoas: é preciso gostar de estudar continuamente, ter disposição para pesquisa, capacidade de comunicação e, sobretudo, compromisso com a formação crítica dos futuros profissionais.

“Diferencia-se de outras carreiras jurídicas porque o objeto de trabalho não é apenas o caso concreto, mas a formação de quem vai atuar nesses casos no futuro: há uma responsabilidade multiplicadora nesse papel, que a dedicação exclusiva à docência e à pesquisa pode potencializar”, frisa Ana Paula. Além da atuação em regime de dedicação exclusiva, em que o profissional se ocupa integralmente do ensino, da pesquisa e da extensão, também há quem concilie a docência com alguma outra prática profissional. “Ambos os caminhos são legítimos e, sem prejuízo algum à qualidade ou à relevância do trabalho exercido, enriquecem a universidade de formas di-

ferentes”, pondera.

O segundo horizonte exemplificado — no qual o ensino se alia a outras atividades na área — corresponde à vivência profissional que Ana Paula vem construindo na própria carreira. Atualmente lecionando disciplinas de Prática Jurídica IV (em métodos adequados de resolução de conflitos) e Mediação e Arbitragem, ela também tem como ocupação o exercício da advocacia, atuando como mediadora extrajudicial e árbitra de arbitragens nacionais. A profissional integra também a diretoria da seccional paraibana da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no cargo de secretária-geral adjunta.

Com mais de 10 anos de docência, hoje, Ana Paula é professora associada na UFPB. A experiência e os conhecimentos compartilhados dentro e fora do ambiente acadêmico foram consolidados em uma trajetória formada por etapas como mestrado e doutorado em Ciências Jurídicas e um estágio doutoral no Centro de Direito Biomédico da Universidade de Coimbra.

Na avaliação da professora, a carreira acadêmica em Direito tem se profissionalizado bastante nas últimas décadas. Se antes bastava a experiência prática e o reconhecimento no mercado para lecionar, hoje a titulação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e a produção científica qualificada são exigências consolidadas, tanto nas instituições públicas quanto nas privadas. “Isso ele-

vou o nível de exigência, mas também abriu novos caminhos: pesquisa, extensão, internacionalização acadêmica e atuação em programas de pós-graduação passaram a fazer parte do horizonte de quem escolhe essa carreira”, descreve.

Um dos grandes desafios, porém, é atualizar o currículo jurídico numa velocidade compatível com as transformações da sociedade e da própria prática do Direito. “Temas como inteligência artificial aplicada ao Direito, proteção de dados, Direito Digital, métodos adequados de resolução de conflitos e sustentabilidade já não podem ser tratados como conteúdo optativo, e precisam integrar a formação regular”, destaca Ana Paula. “Além disso, há o desafio de equilibrar formação técnica com formação humanística e crítica, evitando um ensino excessivamente tecnicista que prepare apenas para provas e concursos, sem desenvolver a capacidade de pensar e argumentar diante de problemas complexos e inéditos”.

Diante deste cenário, a formação continuada é indispensável e, de acordo com a professora, este caminho pode e deve incluir a participação em grupos de pesquisa, envolvimento em publicações científicas, presença em eventos acadêmicos e o estabelecimento de um diálogo constante com a prática profissional.

O desenvolvimento de competências pedagógicas também é fundamental.



Ana Paula diz que é preciso gostar de estudar continuamente e ter disposição para pesquisa

“Muitas vezes, o professor de Direito domina o conteúdo técnico, mas precisa se dedicar também a aprender a ensinar”, comenta Ana Paula, ao evidenciar a importância da abertura para metodologias ativas de aprendizagem e da busca e engajamento, por parte dos profissionais atuantes no setor, em cursos de didática do Ensino Superior e trocas com outros docentes. “[São ajustes que] fazem grande diferença na qualidade da entrega em sala de aula”, opina.

“Um ensino jurídico de-

satualizado forma bacharéis despreparados para os desafios reais da profissão”. A professora avalia, portanto, que apenas um ensino que investe em qualificação docente, atualização curricular e formação crítica pode viabilizar que se formem profissionais cada vez mais capazes de atuar com competência técnica e responsabilidade social. “No fim, a excelência do ensino em Direito se reflete diretamente na qualidade da Justiça e do exercício profissional que a sociedade recebe”, conclui Ana Paula.

“**No fim, a excelência do ensino em Direito se reflete diretamente na qualidade da Justiça**”

Ana Paula Albuquerque

Selic Fixado em 5 de agosto de 2026 14%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial +0,52% R\$ 5,219	Euro € Comercial +0,86% R\$ 6,038	Libra £ Esterlina +0,80% R\$ 7,068	Inflação IPCA do IBGE (em %) Julho/2026 0,07 Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58 Abril/2026 0,67 Março/2026 0,88	Ibovespa 166.934,20 pt -0,10%
---	---	--	--	---	--	--

PRESSÃO NO CAMPO

El Niño ameaça safras que dependem de chuva na PB

Fenômeno climático deve elevar preços dos alimentos, afirmam especialistas

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Segundo os especialistas, neste ano, o El Niño traz um potencial de impacto ainda maior para o país. O fenômeno climático nasce nas águas do Oceano Pacífico, e influencia diretamente o tempo, a temperatura e a ocorrência de chuvas. Na Paraíba, como em todo Nordeste e Norte do Brasil, a mudança deve causar um déficit pluviométrico, podendo afetar setores da economia, sobretudo aqueles ligados à agricultura e ao agronegócio.

Segundo informações da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), as projeções climáticas sugerem que o impacto do El Niño não ficará restrito ao ano de 2026 e se distribuirá, de forma desigual, entre as cadeias produtivas, conforme a velocidade de transmissão ao consumidor e a sensibilidade de cada produto às condições climáticas. “A pressão poderá ocorrer em duas ondas: a primeira, mais rápida, tende a envolver os hortifrutigranjeiros [batata, tomate, banana, laranja e maçã] e o trigo, com reflexos sobre farinha, pão e massas, entre o final de 2026 e o início de 2027”, destaca a companhia em nota.

O comunicado acrescenta que a segunda onda, mais ampla e defasada, dependerá dos resultados das safras de feijão, arroz e milho. “Este último, por ser componente central das rações animais, poderá pressionar também carnes, ovos e derivados lácteos ao longo de 2027”, informa, esclarecendo que esse é o impacto projetado nacionalmente, uma vez que não possui análises específicas sobre o estado da Paraíba.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2024, no estado, as culturas predominantes — levando em conta a quantidade produzida e o valor de produção que representam — são: cana-de-açúcar (R\$ 1.216.614), abacaxi (R\$ 671.809), banana (R\$ 259.101), mandioca (R\$ 160.977), mamão (R\$ 83.813), coco (R\$ 83.175), tomate (R\$ 69.081), milho



Impacto inicial vai englobar hortifrutigranjeiros, como banana, laranja e maçã, revela Conab

em grão (R\$ 62.250), maracujá (R\$ 41.967), tangerina (R\$ 32.143) e outros (R\$ 138.044). Quanto aos rebanhos, a predominância é de galináceos (14.527.801 cabeças), seguidos de bovinos (1.472.825), caprinos (848.852), ovinos (842.035) e suínos (317.171). Codornas, equinos e bubalinos somam juntos 1.036.644 cabeças. Essas produções, em menor ou maior grau, carecem da oferta de água e, em períodos de escassez hídrica, os custos se elevam.

Análise

O professor de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Cássio Besarria, afirma que nenhum setor fica totalmente isento dos efeitos do El Niño. “Todos eles podem ser impactados, obviamente com diferentes dimensões. Muito provavelmente, o setor da agropecuária será aquele que estará mais exposto, porque os efeitos diretos envolvem a redução de chuvas, o que pode afetar a produção agrícola”, pontua.

O professor também reforça que a menor disponibilidade de água também poderá afetar as pastagens e impactar a criação animal. “Então a parte da pecuária pode ser afetada meio que indiretamente, uma vez que aumenta o custo de criação de animais, de produção agrícola, e isso acaba tendo efeitos diretos sobre o preço final cobrado ao consumidor”, explica.

Também segundo a econo-

mista Karolline Guedes, o fenômeno mexe com as estruturas sociais e econômicas, porque tudo está interligado. “O El Niño é um fenômeno natural, que tem feito com que aconteça um aquecimento global, então isso tem trazido danos, não só a áreas específicas do planeta Terra, mas de forma geral. E, infelizmente, as áreas que são mais afetadas são as que têm poucas chuvas, então acontece um desequilíbrio”, constata.

A economista lembra que o Nordeste é uma região do Brasil em que chove com menos intensidade. “Então, esse fenômeno faz com que a seca se torne mais prolongada e, nos lugares onde era para ter chuvas periódicas que deixam de acontecer, traz uma consequência muito grande no processo produtivo, na economia local”.

Com isso, deve haver impacto sobre o preço dos alimentos, segundo a relação entre a oferta e a procura. Porque, de acordo com a especialista, se não há condições climáticas para se produzir bem, isso vai impactar na quantidade e qualidade dos produtos, podendo causar aumento dos preços. “O que acontece com os produtos, o agro e, até mesmo, na agricultura familiar é que, se eu não tenho condições de fazer o que eu fazia antes, e até a questão do tempo que essa produção demanda, então aquele produto vai encarecer”, explica, enfatizando que fatores climáticos também influenciam direta-

mente nesse processo.

Quanto à possibilidade de aumento no preço dos alimentos, Cássio explica ainda que o índice oficial de inflação leva em consideração pesos ou ponderações para cada um dos itens presentes em grupos. “Então, dependendo da importância desse produto nessa composição, o efeito será maior ou não. E esse efeito, ou essa composição, é dado com base nas preferências das famílias, ou seja, produtos que são mais demandados pelas famílias acabam tendo um peso maior. E, quando os seus preços mudam, o efeito final sobre a inflação acaba sendo maior também”, ressalta.

Agricultura familiar

A trabalhadora rural e secretária de Mulheres na Federação dos Trabalhadores na Agricultura na Paraíba (Fetag-PB), Maria Leônia Soares da Silva, comenta que longos períodos de estiagem prejudicam as plantações da agricultura familiar. Esses produtores também não costumam ter grandes recursos e estrutura para garantir maior segurança hídrica. “As mudanças climáticas não afetam só a vida das pessoas do campo, da floresta e das águas, mas também a vida das pessoas das cidades. A gente precisa de água não só para beber, mas também para o cuidado da casa, para aguar as plantas, para os animais, e, se houver um período mais longo de seca, os produtos da agricultura familiar podem encarecer em feiras livres e outros locais onde são vendidos”, destaca.

Ela, ainda, salienta que as produções são diversas e dependem de cada território do estado. “Tem local que é mais forte a produção de hortaliças, a batatinha, alface, coentro, cebolinha, chuchu, cebola. Em outras regiões, tem a produção dos roçados, milho, feijão, fava, mandioca, batata-doce. E em outras é mais forte a questão do leite, das carnes, e tudo isso precisa de água para se produzir”, conclui.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Brasil desacelera, a economia perde força

Há um movimento em curso na economia brasileira que pede leitura atenta, não alarme. O país segue crescendo, mas com menos fôlego a cada trimestre. Não é recessão — é o custo, agora visível, de conviver por tanto tempo com juros altos, crédito caro e um horizonte carregado de incertezas.

O Boletim Focus mais recente traz um sinal discreto, mas eloquente: o mercado cortou a projeção do PIB de 2026, de 1,99% para 1,98%. Um centésimo, dirá o leitor. Sozinho, pouco importa. O problema é a direção: a estimativa para 2027 também recuou, de 1,57% para 1,52%. Quando as revisões passam a apontar sempre para baixo, o que se lê ali é confiança escorrendo pelos dedos.

Convém, porém, dar perspectiva aos números. O Brasil não parou. No primeiro trimestre, o PIB cresceu 1,1% sobre o anterior, com agropecuária, indústria e serviços avançando juntos. Em junho, o próprio Banco Central elevou de 1,6% para 2% sua projeção anual, animado pelo bom começo de ano. A economia ainda tem tração; o que ela começa a sentir é o peso da Selic sobre os ombros.

E a Selic é o centro da equação. Juro alto encarece o crédito de famílias e empresas, adia o consumo financiado, eleva o custo de capital e faz o investidor pensar duas vezes. Em contrapartida, segura a inflação. É esse fio de navalha que o Banco Central administra todos os dias.

Há notícia boa nesse front: pela sexta semana seguida, o mercado reduziu a projeção do IPCA

de 2026, agora em 5,02%. Ainda acima da meta, sim, mas com trajetória mais bem-comportada. O incômodo está na combinação: inflação resistente com juro elevado é receita conhecida para esfriar a demanda. As famílias compram menos, as empresas seguram projetos e quem depende de crédito sente primeiro.

O desafio é trazer a inflação para a meta sem sacrificar demais a atividade

desigual. Construção civil, comércio de bens duráveis e parte da indústria — setores movidos a financiamento — recebem o aperto na frente. Serviços, agronegócio e atividades ancoradas num mercado de trabalho ainda firme tendem a resistir melhor.

Lá fora, o vento também não ajuda. Tensões comerciais, cadeias produtivas em rearranjo e geopolítica instável compõem o pano de fundo. As exportações brasileiras para os Estados Unidos já caem em 2026, sobretudo nos produtos alcançados pelas sobretaxas.

O diagnóstico, portanto, é desaceleração — não recessão. O desafio é fazer a travessia sem quebrar louça: trazer a inflação para a meta sem sacrificar demais a atividade, permitir que os juros continuem cedendo sem perder a âncora dos preços e, acima de tudo, devolver previsibilidade fiscal a quem decide investir.

O Brasil tem trunfos: mercado consumidor de peso, emprego relativamente resiliente, economia diversificada e setores competitivos mundo afora. A questão é converter essas vantagens em crescimento que se sustente. Crescer perto de 2% ao ano afasta a crise, mas não resolve produtividade, renda, infraestrutura nem desigualdade na velocidade que o país exige.

A desaceleração pode ser apenas uma fase de ajuste. Mas pode ser também o lembrete de que o país precisa voltar a discutir, a sério, como crescer mais — e não apenas como evitar crescer menos.



Estiagem prolongada encarece alimentos comercializados em feiras livres, segundo a Fetag-PB

COMÉRCIO ELETRÔNICO

Importação sobe 19% em 12 meses

Mais de 81 milhões de consumidores brasileiros compraram produtos enviados por outros países nesse período

O consumo de produtos importados por meio de *e-commerces* e *marketplaces* (em português, os termos significam comércio e mercado eletrônico) internacionais atingiu marcas expressivas no Brasil. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil, em parceria com a Offerwise, revela que 61% dos consumidores digitais compraram ao menos um produto importado — vindo do exterior — nos últimos 12 meses. O contingente é estimado em 81,2 milhões de pessoas, número que representa um salto de 13,1 milhões de novos compradores (19,2%) em relação ao levantamento do ano passado.

Entre as plataformas digitais que comercializam produtos vindos de fora do país, a Shopee (73%) e a Shein (50%) lideram a preferência dos brasileiros na hora de importar, apresentando forte presença entre o público feminino. Em seguida aparecem Amazon (44%) e Mercado Livre (44%), que ganham destaque entre os homens e nas classes A e B. Completam o *ranking* de importação marcas como AliExpress (25%) e Temu (15%).

Os itens de vestuário e uso pessoal vindos do exterior continuam no topo do interesse dos consumidores:

- roupas: 45% das citações;
- acessórios de moda (bolsas, cintos, óculos, carteiras): 28%;
- calçados: 25%;
- cosméticos e perfumes: 25%;
- acessórios para celular/informática (capas, películas, carregadores): 22%.



Fotos: Carla Miranda

Uso do cartão de crédito registrou uma redução acentuada na faixa etária de 18 a 28 anos, sendo praticado por 38% desse público, contra 76% que optaram pelo Pix

Decisão de compra

Ao avaliar o que mais influencia a decisão de compra em *sites* estrangeiros, os consumidores apontam o preço reduzido (39%), a confiabilidade da plataforma (37%), o valor do frete (37%) e a variedade de produtos não encontrados no Brasil (32%). As redes sociais lideram como o principal canal de descoberta dessas lojas (41%), seguidas por anúncios na *internet* (40%) e buscadores como o Google (37%).

“O avanço das compras em plataformas estrangeiras expõe a urgente necessidade de garantirmos um ambien-

te de negócios equilibrado e justo no Brasil. Não se trata de restringir o direito de escolha do consumidor, mas de assegurar isonomia tributária e regulatória. O empresário nacional, que gera empregos, paga seus impostos localmente e cumpre uma série de exigências legais, não pode ser penalizado por uma assimetria fiscal que favorece a produção e o comércio do exterior em detrimento da produção nacional”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Uma novidade relevante captada pelo estudo é o surgimento das plataformas

de inteligência artificial (IA) — a exemplo do ChatGPT, Gemini, Claude, DeepSeek — como fonte de descoberta de compras internacionais para 15% dos entrevistados. O índice que chega a 23% nas classes A e B e 20% no público masculino.

Hábitos financeiros

A frequência de compra internacional é predominantemente mensal (41%), apresentando uma média de quatro pedidos nos últimos três meses. O tiquete médio da última compra em *site* internacional ficou registrado de R\$ 188 — valor inferior aos

R\$ 225 observados para compras no comércio eletrônico nacional. Um dado de destaque: 41% dos compradores não souberam informar o valor exato da última compra.

Nas formas de pagamento, o Pix consolidou sua liderança ao avançar 7 pontos percentuais (p.p.) em relação a 2025, atingindo 61% da preferência, superando o cartão de crédito (52%). O uso do cartão de crédito teve queda acentuada na Geração Z (18 a 28 anos), em que apenas 38% utilizaram a modalidade para compra de produtos internacionais, preferindo o Pix (76%).

Escolha

**Preço (39%),
confiabilidade (37%)
e valor do frete (37%)
foram citados como as
principais razões para a
aquisição dos produtos
em sites estrangeiros**

Maioria dos entrevistados é contrária ao imposto de 20%

Em relação à cobrança de 20% de Imposto de Importação, a percepção dos consumidores reflete um dilema:

- 58% discordam da tributação, avaliando que ela prejudica famílias de menor renda;
- 30% concordam com a cobrança, afirmando que a taxa traz igualdade de concorrência e apoia o comércio nacional;

• 45% dizem que a compra internacional “compensa apenas em alguns casos”, contra 20% que afirmam que “continua compensando” plenamente.

Apesar do forte apelo das plataformas globais, o estudo indica que o consumidor brasileiro mantém hábitos de comparação e valoriza a agilidade

do mercado interno: de acordo com a pesquisa, 61% dos consumidores comprariam, preferencialmente, em *sites* brasileiros, caso o preço e a variedade fossem equivalentes.

Além disso, 53% sempre verificam se o produto está disponível no Brasil antes de comprar fora (e 33% fazem isso às vezes). Já 49% pesquisam o preço em *si-*

tes nacionais antes de concluir o pedido internacional.

Diante da opção de receber a compra de uma loja brasileira em até três dias pagando até 10% a mais (contra a espera de 20 a 30 dias do exterior), 33% priorizam a rapidez e pagariam mais, 46% condicionam à necessidade do momento e 17% preferem aguardar para eco-

nomizar.

“Os micro e pequenos empreendedores são a espinha dorsal da nossa economia e os mais vulneráveis à concorrência desleal. Quando mercadorias estrangeiras chegam ao consumidor final sem arcar com a mesma carga tributária praticada internamente, o pequeno comerciante local perde a capacidade de competir, o que coloca em risco milhares de pequenos negócios e postos de trabalho no país. É fundamental criar condições de igualdade para que o comércio brasileiro consiga crescer, investir e continuar impulsionando o desenvolvimento da economia”, alerta o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro.

Desvantagens e satisfação

As principais desvantagens percebidas ao comprar fora do país são as taxas de importação (41%), o tempo de entrega (36%), o valor do frete (27%) e o risco de fraudes (24%). Cerca de 37% dos compradores relataram ter vivido algum problema no último ano, destacando-se a falta de suporte ao cliente (12%) e atrasos na entrega (10%).

Ainda assim, a nota média de segurança das plataformas ficou em 6,9 (de 1 a 10) e a satisfação geral do consumidor subiu

para 4 (de 1 a 5), com 81% dos entrevistados declarando-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Metodologia

A pesquisa teve como público-alvo homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas, e que realizaram compras pela *internet* nos últimos 12 meses.

O método de coleta utilizou, inicialmente, pesquisa quantitativa, realizada pela *web* e pós-ponderada por sexo, idade, estado e renda.

Foram realizados 939 contatos em um primeiro levantamento para identificar o percentual de pessoas que compraram pela *internet* nos últimos 12 meses. Em seguida, continuaram a responder o questionário 800 casos, que fizeram alguma compra ao longo desse período. Resultando, respectivamente, uma margem de erro no geral de 3,2 p.p e 3,5 p.p para um nível de confiança de 95% para mais ou para menos.

Os dados foram coletados no período de 25 de maio a 4 de junho de 2026. Os testes estatísticos foram realizados dentro de cada categoria — mais ou menos intenso (sexo masculino *versus* feminino, idade por faixa e classes A e B *versus* C,D e E).



61% dos brasileiros dizem que consumiriam em plataformas nacionais, caso o preço e a variedade fossem equivalentes

DOMÍNIOS DE INTERNET

Ilha de 15 mil habitantes, no Caribe, lucra com IA

Anguilla transformou uma coincidência de letras em fonte de receita

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

A inteligência artificial (IA) veio para mudar a sociedade e isso todo mundo já percebeu. É difícil lembrar de uma época em que não existia esse recurso de forma fácil para a população, fazendo até com que, hoje, muitos recorram a ele para tarefas simples do dia a dia ou questões mais complexas de trabalho. Mas para além da discussão de como essa ferramenta é boa ou ruim para as pessoas, na pequena Anguilla — um território britânico no Caribe, com pouco mais de 15 mil habitantes —, ela teve um impacto ainda maior.

Na década de 1990, essa pequena ilha, que dificilmente aparecia em qualquer notícia internacional, ganhou, por uma decisão puramente burocrática, o que hoje pode ser um dos ativos mais rentáveis de sua economia: o domínio .ai.

A sigla nada tinha a ver, na época, com IA. Segundo o professor do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Carlos Eduardo Batista, essa coincidência é fruto de um sistema criado décadas antes, quando a *internet* ainda dava seus primeiros passos.

“Houve uma definição por parte da Iana [Internet Assigned Numbers Authority ou Autoridade para Atribuição de Números da Internet], que aproveitou os códigos de uma lista que já estava definida pela ISO [International Organization for Standardization ou Organização Internacional de Padronização], o órgão internacional de padronização, vinculado à ONU, que define um padrão de códigos de duas letras para

os países”, explicou. “No caso, para alfândega, correio, então, você tinha essa lista de siglas para todos os países”, completou, lembrando que a finalidade original daquelas siglas não tinha relação nenhuma com a *internet*.

Foi dessa lista que nasceram os domínios de países como os conhecemos hoje. O Brasil ficou com .br; Anguilla, com .ai; Tuvalu, com .tv; o Uruguai, com .uy, por exemplo. Não houve qualquer participação dos países em questão na escolha das siglas, ou mesmo qualquer tipo de pensamento em como a combinação de letras poderia soar, décadas depois. No entanto, hoje, elas têm o poder de mudar a economia de muitos desses países.

Com o tempo, esses domínios tornaram-se produtos disputados comercialmente. “Como você tem um recurso escasso, a palavra só pode ser registrada uma vez com aquele sufixo”, explica o professor. Conforme ele, a maioria dessas siglas não carrega nenhum significado especial,

mas algumas escaparam à regra: “Alguns países têm um significado, como, por exemplo, ponto io. Ele tem um significado na computação de *input output*. Então, esse TLD [*top-level domain* ou domínio de topo] passa a ter um valor, um valor para aqueles endereços que passam a ter esse sufixo”. A mesma coisa, explica, aconteceu com o .tv, de Tuvalu, e, mais recentemente, com o .ai, de Anguilla.

O professor expõe que Tuvalu foi um dos primeiros a perceber esse potencial e licenciou seu .tv ainda nos anos 1990, só que por um valor fixo. “Foi um modelo que depois eles até consideraram que não foi tão vantajoso para o país”, disse.

Já Anguilla conseguiu aprender com esse episódio e formalizou uma exploração comercial em condições bem melhores, a partir do .ai, com um percentual sobre os domínios comercializados. “Como foi uma coisa mais recente, eles puderam se aproveitar dessa experiência de Tuvalu para não incidir nesse mesmo

problema e ter um contrato de capitalização melhor. É por isso que, atualmente, eles têm um percentual dos domínios que são negociados”, afirma o professor. A partir disso, cada *startup* ou empresa de tecnologia que deseja registrar um endereço que contenha .ai contribui diretamente, mesmo sem saber, para a economia do território caribenho.

“

Alguns países têm um significado, como, por exemplo, ponto io. Ele tem um significado na computação [...] e] passa a ter um valor

Carlos Eduardo Batista

Sufixo ganha valor com avanço da tecnologia

Todo computador ou servidor conectado à *internet* possui um endereço numérico, uma sequência de números que o identifica na rede. É esse endereço que, tecnicamente, permite que uma máquina encontre a outra. O problema, como lembra Carlos Eduardo Batista, é que decorar sequências numéricas para navegar na *internet* seria impraticável. “Isso, naturalmente, dificultaria ter endereços na *internet*, para você, por exemplo, apontar no seu navegador”, explica o professor.

Foi para resolver esse obstáculo que surgiu o domínio: um nome, formado por palavras, que substitui a sequência numérica no dia a dia do usuário. Por trás de cada nome digitado em um navegador, existe um serviço chamado “sistema de

nomes de domínio”, (do inglês, *domain name system*), o *DNS*, responsável por fazer essa tradução, convertendo o nome legível para humanos no endereço numérico que as máquinas realmente utilizam para se comunicar.

Os *TLDs*, sigla para domínios de topo — como .br, .com ou .ai — são a parte final desses endereços e indicam, em geral, a que país ou categoria aquele domínio pertence. Como cada nome só pode ser registrado uma única vez dentro de um determinado sufixo, alguns *TLDs* tornaram-se recursos escassos e, portanto, disputados.

Vantagens econômicas

Conforme o professor, a gestão desses domínios era bastante informal nos primeiros anos da rede, mas isso começou a mudar por

volta da década de 1990, quando surgiram instituições dedicadas a organizar esse sistema, entre elas a Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (Corporação da Internet para Atribuição de Nomes e Números), a Ican, e a Iana. Batista destaca que a criação da Ican, no fim daquela década, marcou o início do registro comercial de domínios em maior escala e trouxe uma padronização mais efetiva ao processo, que ficou, por um período, vinculado ao governo americano, até passar por um processo de internacionalização, a partir dos anos 2010.

O exemplo de Anguilla é um dos mais usados recentemente, principalmente pelo que dizem os números. Por quase duas décadas, o sufixo não rendeu tanto. Em 2018, a receita de registros somava

cerca de 2,9 milhões de dólares. No entanto, o cenário mudou de forma abrupta a partir de novembro de 2022, e isso não foi coincidência.

O lançamento do Chat-GPT disparou uma corrida mundial por marcas, produtos e *startups* ligados à IA e, com ela, uma corrida por domínios terminados em .ai. Em 2023, a receita saltou para cerca de 32 milhões de dólares, quase um quarto da arrecadação total do governo. Em 2024, chegou a aproximadamente 39 milhões de dólares.

“Esse domínio — .ai — já existia há muito tempo, mas era pouco explorado. [...] É natural que, com a popularização da inteligência artificial, ele tenha sido valorizado por conta do sufixo pelo qual ele é composto, ponto ai”, concluiu o professor.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Quando a física vira música

Hoje, eu me deparei com a vontade de falar sobre música. E como não podia, simplesmente, falar do meu gosto musical, já que não caberia na proposta da Poeira Estelar, fui atrás de lembrar em que a física e a música erudita — um dos gêneros de que mais gosto — encontram-se: por meio da acústica musical, a ciência que estuda as ondas sonoras.

Compositores e instrumentos clássicos dependem de leis físicas, de como frequências, harmônicos e vibrações de cordas e tubos sonoros combinam para gerar notas precisas, harmoniosas e complexas. Existe todo um panorama aprofundado sobre a relação histórica e prática entre a Ciência do Som e as melodias.

Se olharmos para os instrumentos clássicos, o violino e o violoncelo usam o atrito do arco para criar ondas estacionárias em uma corda tensionada, o mesmo fenômeno de ondas e vibrações que estudamos na física. Os tubos sonoros — como os dos grandes órgãos das catedrais antigas — e as flautas alteram colunas de ar para modificar a frequência do som e, assim, produzirem concertos maravilhosos, o que me faz lembrar do *Fantasma da Ópera*.

A série harmônica está muito presente no dia a dia da música: o som puro gera múltiplos de frequências que definem a consonância e a dissonância das melodias. Do ponto de vista matemático, Pitágoras havia descoberto que as notas harmoniosas possuem proporções numéricas simples nos comprimentos das cordas.

A série harmônica é o conjunto de frequências que vibram juntas quando uma única nota musical é tocada. Na música erudita, esse fenômeno físico dita as regras da harmonia e define o timbre de cada instrumento. Ao tocar uma corda de piano ou soprar uma flauta, você não ouve apenas uma nota pura, mas uma combinação de várias frequências simultâneas.

Daí vêm algumas definições interessantes: a frequência fundamental é a nota mais baixa e mais forte, aquela que o ouvido identifica como a altura principal. Os sobretons são frequências múltiplas inteiras da fundamental. O terceiro harmônico, por exemplo, vibra com o triplo da frequência da nota original, gerando um intervalo equivalente a uma oitava e uma quinta acima dela.

Isso tudo pode estar soando muito técnico, parecendo aula de Física sobre ondas. Mas, na verdade, a música nada mais é do que trabalhar com ondas sonoras propagadas por diversos instrumentos, de diferentes maneiras, formando essa sinfonia que encontramos na natureza. E, se olharmos para a história, vemos grandes compositores que criaram obras-primas contando histórias, como é o caso da ópera.

A ópera é uma história contada, e aí está outra relação com a ciência: várias óperas são baseadas em fatos históricos. Cada parte de uma ópera é chamada de “ária”, e algumas árias transformaram-se em verdadeiros hinos nacionais, como *Va, Pensiero*, da ópera de Giuseppe Verdi, que os italianos adotaram como símbolo da unificação da Itália (essa, aliás, é uma das minhas preferidas). Ou uma ária de Carmina Burana, como *O Fortuna*, de Carl Orff. Inspiração pura, um trabalho majestoso que transforma frequências em obras-primas.

É aí que a genialidade se encontra com a física, com as leis da natureza, criando melodias fantásticas. Na natureza, também temos grandes compositores: os pássaros. Aqui, no Brasil, temos o uirapuru, de canto belíssimo, que podemos chamar de “uma verdadeira sinfonia natural”.

A física e as ciências naturais estão no dia a dia das pessoas. Às vezes, são uma forma de expressão, mas sempre há explicações e leis que regem e dão simetria e perfeição às coisas. Na música, esse jogo entre notas, tons e sobretons, e a evolução da harmonia, é o que possibilita experimentações tão maravilhosas.

SEMENTES DA PAIXÃO

Insumos que preservam histórias

Variedades crioulas mantidas por famílias e entidades transpõem gerações e fortalecem a agricultura paraibana

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Quem planta, colhe e produz os alimentos que chegam às nossas mesas, mantém uma forte ligação com a terra. Uma relação que vai além do sustento. Evoca ancestralidade, tradições, resistência e respeito às origens. Por esse motivo, as denominadas “sementes da paixão”, cultivadas em solos paraibanos, têm um nome tão simbólico e significativo. As sementes, também conhecidas como “crioulas” ou “nativas”, são armazenadas pelos agricultores de uma safra para outra e garantem uma cultura de subsistência, renda e coletividade.

O nome “semente da paixão” foi dado pelo agricultor Cassimiro Caetano Soares, conhecido como “Seu Dodô”, natural da cidade de Cacimbas, no Sertão do estado. A justificativa: o sentimento e a confiança nas sementes que carregam, em sua genética, os traços da constante adaptação às intempéries do tempo. Seu Dodô, hoje já falecido, consolidou em palavras o legado deixado pelos antepassados, que se renova e fortifica a cada nova safra. Em outros estados, porém, esses insumos recebem outras nomenclaturas, como “Sementes da Gente”, “da Fartura”, “da Resistência” e “da Liberdade”.

Feijão, fava, milho, jerimum, plantas frutíferas e hortaliças têm suas sementes preservadas pelas chamadas “famílias guardiãs”. Josefa Gomes Valentim tem 54 anos e mora no sítio Serra de Joaquim Vieira, no distrito de São José da Mata. “Zefinha”, como é conhecida, é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na região e consegue contar a história da sua família por meio das lembranças que as sementes da paixão despertam.

“Meus avós eram agricultores, meus pais eram agricultores e toda vida a gente plantou nossa própria semente. Elas vieram passando de geração em geração, e eu trago esse sentimento desde a infância. Minha família tinha silos de zinco que o governo dava, na época, e eles guardavam as sementes tanto para plantar quanto para a

gente comer”, recordou. Hoje, Zefinha segue os costumes da família como produtora rural e mantém vivos os ensinamentos que recebeu dos pais. “Meu pai plantava feijão, mandioca, batata-doce e, até hoje, eu nunca deixei de cultivar essa semente. Ele sabia o tempo de plantar cada coisa, quando era período de chuva e quando estiava. Então, ele ensinava a gente isso. Tudo que eu aprendi, meu maior professor, meu maior incentivo, foi meu pai”, afirmou. Apoio que Zefinha passa adiante, mantendo o sentido de família guardiã para os seus filhos.

Apoio aos produtores
Apenas o esforço e o apego que os agricultores têm a essas culturas ancestrais não são suficientes para mantê-las vivas. Na Paraíba, entidades ligadas à lida no campo traçam estratégias que auxiliam no armazenamento, distribuição e perpetuação das sementes da paixão. É o caso do Centro de Ação Cultural (Centrac), com sede em Campina Grande, e da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que atua em 11 estados e dissemina suas ações em 198 municípios paraibanos.

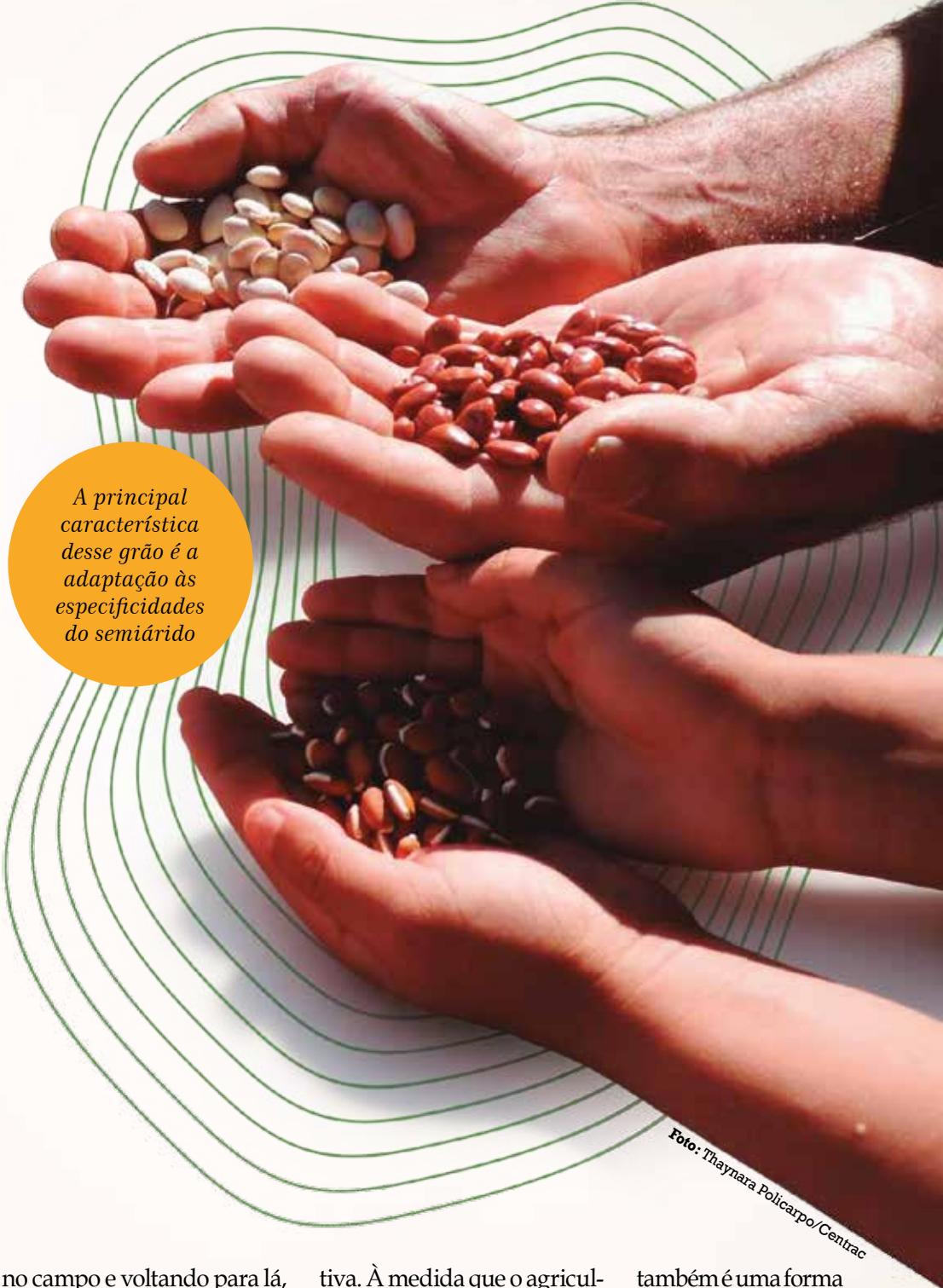
O Centrac opera junto ao Fórum de Lideranças do Agreste (Folia), promovendo ações de articulação e fortalecimento da agricultura familiar. “Nós trabalhamos na perspectiva da ecologia e da convivência com o Semiárido. Nessa convivência, as estratégias passam pela captação e armazenamento de água, estocagem de sementes e de forragens. Essas estratégias são agroecológicas, porque a estocagem de sementes pressupõe grãos livres de agrotóxicos, de transgênicos e não modificados em laboratórios”, explicou a assessora técnica, Madalena Medeiros. O trato dado às sementes da paixão vai além de considerá-las um insumo que garante a produtividade. Elas são tidas como patrimônio material, por serem palpáveis e terem a sua relevância histórica, mas também imaterial, pelos saberes associados a elas.

“O agricultor e a agricultura sabem se aquela semente é de ciclo mais rápido ou de um ciclo mais longo. Sa-

bem para que elas servem, como devem ser utilizadas. Muitas sementes são alimentícias, voltadas para a segurança alimentar, nutricional e para soberania alimentar dos povos. Outras são medicinais, espécies da Caatinga, forrageiras. Então, esse conhecimento está associado e torna as sementes tão importantes”, esclareceu a representante do Centrac.

As principais características desses grãos são as adaptações para enfrentamento às crises climáticas, às altas temperaturas e à escassez de água da região semiárida. Entre as culturas tradicionais, existe uma grande variedade de sementes para cada espécie. É possível tomar como exemplo as favas: branca, vermelha-pintada, coquinho, moita-roxa, cara-larga de rama, entre outras; e os feijões: macassar, preto, mulatinho, carioca, costela-de-vaca e corujinha são alguns deles.

De acordo com a técnica do Centrac, as sementes preservadas pelas famílias guardiãs são muito mais fortes na resistência ao Semiárido, do que as variedades geneticamente modificadas. “Uma semente retirada há 50 anos do campo e levada para o banco de genoma, por exemplo, não está adaptada às mudanças na temperatura das últimas décadas. Já aquelas sementes que estão, constantemente,



A principal característica desse grão é a adaptação às especificidades do semiárido

Foto: Thaynara Policarpo/Centrac

no campo e voltando para lá, vão se adaptando ao aquecimento de forma mais grada-

tiva. À medida que o agricultor vai selecionando, ele vai guardando as melhores. Isso

também é uma forma de melhoramento genético”, defendeu ela.

Bancos de armazenamento são cruciais

Guardar sementes é uma forma de proteger o futuro. Mesmo diante do aprimoramento natural das variedades tradicionais, fenômenos climáticos inesperados podem prejudicar a plantação. É o caso de índices pluviométricos muito acima ou muito abaixo dos níveis esperados, calor extremo, solo encharcado ou extremamente ressecado.

Com o agravamento dos problemas climáticos e a instabilidade do inverno, muitos produtores perdem as suas plantações, e, com elas, se vão as sementes crioulas. Como consequência, a família perde a matéria-prima nativa para a próxima safra.

Para evitar a escassez e o desaparecimento das sementes da paixão, foram criados bancos de sementes, espaços comunitários onde se guardam estoques das espécies cultivadas. A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) mantém, atualmente, 900 casas de sementes em todos os estados do Nordeste, além da região setentrional de Minas Gerais — que equivale ao Norte mineiro e o Vale do Jequitinhonha —, e uma pequena parte do Espírito Santo. Na Paraíba, 120 bancos estão em funcionamento, espalhados nos sete territórios de atuação da ASA.

A entidade mantém uma rede de agricultores e agricultoras guardiãs das se-

mentes. “Ela cumpre um papel histórico, inclusive proporcionando intercâmbios de experiências, fortalecendo campanhas que chegaram em todo o Semiárido brasileiro. A Paraíba é pioneira na rede de sementes, desde que lançou a campanha Não planto transgênico para não apagar minha história”, defendeu Rose Vitor, que integra a coordenação da ASA-PB

Segundo a representante, de 2006 a 2007, a entidade iniciou as articulações para fomentar uma rede de agricultores e agricultoras guardiãs das sementes. Só em 2015, esse modelo de trabalho foi expandido e passou a ser replicado nas outras regiões de atuação da ASA, por meio do incentivo de recursos públicos.

A Articulação Semiárido buscou um diálogo com o governo, a fim de sensibilizar para a importância de investir no programa de sementes crioulas, evitando a compra de insumos para o plantio às grandes empresas. “São sementes que, muitas vezes, vêm contaminadas por transgênicos. A gente nem sabe onde são produzidas. Você planta um ano e no outro ano já não consegue mais plantar, porque ela tem uma diminuição muito grande de produção. E se a gente perde as sementes crioulas, a gente perde biodiversidade, perde o ma-

terial genético de sementes que, muitas vezes, só tem naquele território”, apontou Rose Vitor.

Os bancos de sementes articulam vários agricultores e agricultoras nas comunidades rurais. Quando uma família camponesa necessita de sementes, ela recorre ao estoque coletivo. “Se elas pegam 10 kg de semente, devolvem em torno de 15 kg. Uma parte fica para o armazenamento do banco, outra parte fica para a própria família pegar no ano seguinte e uma terceira é disponibilizada para outras famílias que precisem de semente crioula para plantar”, detalhou a representante da ASA.

Vertente voltada a animais

Nem só do plantio e da colheita vive a produção rural. Muitas famílias também sobrevivem da criação de aves, caprinos e suínos, por exemplo. E para esse tipo de cultura existem as sementes da paixão animal. São raças nativas, também adaptadas ao ambiente semiárido. “É o caso da galinha de capoeira. À medida que a gente vai colhendo os ovos e reproduzindo, elas vão se tornando cada vez mais adaptadas às mudanças climáticas”, exemplificou Madalena Medeiros.

Quem entende bem desse assunto é Zefinha, mencionada no início desta reportagem. Embora tenha em seu quintal uma diversidade

de plantas frutíferas, horta e plantação de grãos, ela também se dedica a criar galinha e porco. “Eu comecei criando oito galinhas e um galo. Hoje, eu já cheguei a uma faixa de 100 galinhas. Então, no mês, eu tiro uma média de 200 ovos. A minha renda familiar, a maior parte dela, é do meu quintal produtivo de galinhas”, contou.

Zefinha tem três filhos, sendo dois deles com atuação ligada às atividades do campo. O mais novo, Ysmael, de 12 anos, segue os passos da mãe e tem sua própria criação de galinha. Já Samuel, de 29 anos, mantém a tradição do cultivo baseado nas sementes da paixão e repassa isso para sua família.

“Se for ver em termos de lucro, é pouco. Mas, assim, quando a gente ama o nosso trabalho, principalmente a agricultura, é uma satisfação tão grande. A gente olha a garrafa de feijão na estante e diz ‘isso aqui tem uma história, isso aqui eu plantei e colhi’. Por mais dificuldade que a gente passe, a gente só agradece”, concluiu Zefinha.

Exemplos como o dela mostram que as famílias guardiãs preservam muito mais que a base da produção agrícola. Elas mantêm firmes os laços com as antigas gerações. É o que faz do Semiárido uma terra que fortalece não apenas as sementes, mas também um povo e sua identidade.



Foto: Arquivo pessoal

Agricultora Zefinha exibe sua colheita de açafrão

HELOÍSA NASCIMENTO

Heloísa mostrando toda a sua habilidade no Centro de Excelência, que fica localizado em Mangabeira

Joia rara na ginástica

Fotos: Carla Miranda

Aos sete anos, ginasta paraibana desperta o interesse do Flamengo e vai treinar com as melhores do país

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Sete anos de idade, seis meses de treinamento e a menina Heloísa Nascimento já pode dar o seu maior salto no esporte em sua curta trajetória na ginástica artística. É que a paraibana fez um teste de cinco dias em julho, no Flamengo, clube que reúne algumas das melhores ginastas do país, e conseguiu passar. Heloísa é um dos destaques do time Centro de Excelência Loterias Caixa e treina em Mangabeira, em João Pessoa.

“Heloísa é uma menina extremamente disciplinada. Desde quando ela chegou, a gente já notou que ela era diferente das outras meninas. Com pouquíssima idade, ela consegue ter um foco grande, uma disciplina nos treinos muito grande e uma força de vontade absurda. Então ela sempre se destacou no meio das outras meninas e isso criou na gente o olhar de levá-la para novos horizontes muito cedo”, analisou o treinador da garota, Almir Santana.

São apenas seis meses de treinamento, de trabalho duro, que se confundem, claro, com risos e diversão, que só a infância somada a uma brincadeira séria de saltos e manobras no ar podem proporcionar. Todo esse cenário é acompanhado de perto pelo treinador Almir Santana e pela avó de Heloísa, Verônica Nascimento, que acompanha os treinamentos e leva sempre a garota para os treinamentos.

Um espaço de afetos, sem cobranças, mas também de identificação de que a menina paraibana é uma joia da ginástica artística do estado e do país. Heloísa é muito dedicada, de acordo com o técnico e a sua avó, e vem demonstrando bastante satisfação em melhorar a cada dia para, quem sabe, se tornar uma atleta de ponta no futuro. Percepção que o Flamengo teve nos dias em que viu a jovem ginasta desenvolver seus movimentos no Rio de Janeiro.

“É uma relação quase de pai e filha. Desde que ela chegou, a gente criou uma identificação muito grande. Em alguns momentos, às vezes, eu até esqueço que ela é minha aluna. Graças a Deus, a gente deu uma estrutura boa, formatamos uma convivência muito boa, com respeito e um carinho mútuos”, comentou o professor.

Ele explica como conseguiu o teste no Rubro-Negro para a garota. “Eu tenho um amigo que é técnico lá, no Flamengo e falei que eu tinha uma atleta que estava muito além das outras e que gostaria que ela tivesse uma chance de fazer um teste lá. Ele conversou com outros treinadores do clube, que deu essa oportunidade para ela ficar lá por uma semana. Gostaram dela e convidaram para integrar a equipe carioca ainda neste ano”.

Começou como brincadeira

As cambalhotas, estrelinhas e as peripécias no ar já estão na ordem do dia da crian-

çada em aulas de educação física e, claro, como brincadeira dentro de casa. Com Heloísa, não é diferente. A menina já gostava de fazer tudo isso naturalmente. Mas nada melhor do que se identificar com mulheres adultas que fazem as mesmas coisas. Nesse sentido, o esporte transmitido pela televisão tem grande influência sobre a sociedade e, em especial, sobre as crianças.

Foi assim que as brincadeiras no ar começaram a se transformar em vontade de fazer o que as outras garotas faziam “na televisão”. Acompanhando competições de ginástica, Heloísa despertou o interesse de entrar no esporte. A partir daí, iniciou as aulas no Centro de Excelência Loterias Caixa.

“Ela não falta um dia. Eu sempre viajo no meio do ano para levá-la para ver os pais, que moram em São Paulo, para ficarem um pouco com ela. E, no final do ano, os pais vêm para cá e ficam um pouco com ela aqui. Mas ela fica o tempo inteiro pensando em ginástica, dizendo que quer ir para o treino”, comentou a avó de Heloísa, Verônica Nascimento, de 54 anos, a responsável por fazer o sonho da menina se tornar realidade a cada dia que leva a neta para os treinos.



O técnico Almir Santana orientando Heloísa nas barras assimétricas

Para Verônica, acompanhar a neta conquistar essa oportunidade em um dos maiores clubes do país é muito gratificante para toda a família. “É uma felicidade enorme, porque é o que ela gosta. Eu vejo a felicidade dela. É muito gratificante ver o esforço dela, que tanto se dedica nos treinos”, completa.

E Heloísa já tem as suas referências no Flamengo. Ao acompanhar pela televisão, a garota paraibana identificou-se em especial com duas atletas, que são suas referências. “Eu vejo muito na TV a Rebeca Andrade e a Flavinha [Saraiva] também. Eu gosto de brincar e fiquei fazendo em casa, dando cambalhota”, revelou Heloísa. Tanto Rebeca quanto Flávia fazem parte do time de elite do clube carioca.

Após a aprovação da menina paraibana em julho, o Flamengo deu um prazo para a família da jovem se organizar e conseguir fixar de vez residência no Rio de Janeiro para que a atleta possa ser de fato uma atleta da ginástica artística do Flamengo. Enquanto isso, Heloísa segue em João Pessoa, treinando para se aprimorar, evoluir e sonhar com ainda mais saltos no esporte.

“O Flamengo deu um prazo para a família, de dois a três meses, para se organizarem e verem se é viável ir morar no Rio de Janeiro, para que Heloísa possa ser atleta do clube. Estamos na torcida para que dê certo. Ela já voltou a treinar conosco desde que retornou do Rio de Janeiro”, explicou Almir.



JOGOS PARALÍMPICOS

Escalada estreia em Los Angeles 2028

Modalidade será a grande novidade e disponibilizará 40 vagas para atletas na chave masculina e 40 na feminina

A escalada fará sua estreia nos Jogos Paralímpicos em Los Angeles 2028 e será disputada por atletas com deficiência física e visual, divididos em classes de acordo com o tipo e o grau de comprometimento funcional. Para os Jogos, um total de 80 vagas, distribuídas em oito classes, estarão em disputa em 2027.

A modalidade começou a ser desenvolvida internacionalmente em 2006, quando a primeira competição de escalada foi realizada. No ano seguinte, foi criada a Federação Internacional de Escalada Esportiva (IFSC), que gere as principais competições no cenário mundial.

Em 2011, foi disputado o primeiro Campeonato Mundial, antes mesmo do reconhecimento do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) do IFSC, que chegou em 2017. Em 2024, a modalidade foi oficialmente anunciada no programa dos Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028.

No Brasil, a modalidade passou a ser organizada em 2014, quando foi criada a entidade que deu origem à Confederação Brasileira de Escalada Esportiva (CBEscalada), que atualmente rege o esporte.

Conforme o calendário divulgado pelo Comitê Organizador de Los Angeles 2028, as provas de escalada acontecem de 24 a 27 de agosto, com as disputas de medalha a partir do dia 25.



Foto: Ali Machado/CBEscalada

Atleta de escalada paralímpica competindo no Campeonato Brasileiro, que aconteceu em abril, na cidade de Curitiba

Como funciona

A escalada paralímpica será disputada em uma única prova. Cada atleta terá até seis minutos e uma única tentativa para alcançar o ponto mais alto possível da via ou dominar o maior número de agaras. A tentativa termina caso o competidor caia ou o tempo esgote-se.

A parede utilizada nas disputas tem 15 metros de

altura. Durante toda a tentativa, o atleta deve fazer sua ascensão utilizando principalmente as mãos e os pés sobre os apoios instalados na parede, chamados de “agarras”.

Os atletas são protegidos por cordas, mosquetões e cadeirinha, que são utilizados apenas quando o atleta “cai”, perde contato com a parede. O modelo utilizado é o chamado “top rope”, no qual a cor-

da permanece presa ao topo da via desde o início. Assim, o atleta não precisa fixá-la a cada mosquetão durante a subida como ocorre na prova olímpica. A segurança é feita no solo por um auxiliar, responsável pelo controle da corda durante a tentativa.

Disputa em Los Angeles

Em Los Angeles, serão 40 vagas para atletas na chave

masculina e 40 para atletas da chave feminina. Esse número corresponde ao total de atletas que poderão disputar a escalada nos Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028.

As vagas de qualificação serão atribuídas individualmente aos atletas, e não aos Comitês Paralímpicos Nacionais (NPCs). Cada NPC poderá receber, no máximo, oito vagas masculinas e oito femininas.

Também haverá limite de inscrições por evento de medalha: cada NPC poderá inscrever, no máximo, dois atletas elegíveis em cada prova. O atleta só poderá ser inscrito no evento para o qual tenha obtido uma vaga de qualificação.

Qualificação

A primeira etapa da classificação para Los Angeles 2028 será o Campeonato Mundial de escalada em 2027, que será realizado em Brno, na República Tcheca, de 13 a 22 de agosto.

Os três atletas mais bem classificados em cada prova no Mundial de 2027 conquistam uma vaga de qualificação, respeitando os limites máximos de vagas e inscrições por NPC.

Ao todo, serão distribuídas 12 vagas no masculino e 12 no feminino nessa etapa.

As vagas restantes serão definidas pelo Qualificatório de escalada em 2028. Os seis atletas mais bem classificados em cada prova que ainda não tenham garantido a classificação, anteriormente, receberão uma vaga, respeitando os limites de vagas e inscrições de cada Comitê Nacional. Nessa etapa, serão distribuídas 24 vagas no masculino e 24 no feminino.

Além das vagas obtidas nas competições classificatórias, o país-sede terá direito a quatro vagas masculinas e quatro femininas.

JOGOS DA JUVENTUDE

COB visita Foz do Iguaçu e define as diretrizes para o evento

A contagem regressiva para os Jogos da Juventude 2026 atingirá a marca de dois meses, no próximo dia 19. Por isso, nos dias 10, 11 e 12 de agosto, uma equipe do Comitê Olímpico do Brasil (COB) esteve em Foz do Iguaçu para uma ampla visita técnica à próxima cidade-sede da competição de 19 de outubro a 3 de novembro.

O objetivo foi acompanhar de perto a evolução dos preparativos, avaliar estruturas esportivas e alinhar, junto ao município e fornecedores, as principais demandas para a

realização do evento.

A delegação do COB foi formada por Daniel Santiago, gerente de Eventos do COB; Júlia Camargo, Cassius Duran e Jesse Oliveira, lideranças dos Jogos da Juventude; Juliana Henriques, da área de eventos; Renan Soares, da área de Infraestrutura;Valter França, coordenador de Comunicação, e Luciano Silva, da LiveSports, parceira do COB nas transmissões da Time Brasil TV.

Ao longo de três dias de trabalho, o grupo visitou diferentes instalações que fa-

zem parte do planejamento dos Jogos e participou de reuniões com representantes da Prefeitura de Foz do Iguaçu. Um dos principais momentos da programação foi a reunião de balanço e atualização das demandas com a Prefeitura, realizada na terça-feira (11). O encontro teve como objetivo avaliar o estágio atual dos preparativos, reforçar os próximos passos e alinhar responsabilidades entre as equipes envolvidas na organização.

“Estamos vivendo um momento importante da prepara-

ção. A visita técnica nos permite acompanhar a evolução dos trabalhos, entender os desafios e, principalmente, alinhar os próximos passos com a Prefeitura. O tempo é curto e precisamos que todos enviem esforços para que as demandas avancem dentro dos prazos. A construção de um grande evento depende desse trabalho conjunto”, destacou Daniel Santiago, gerente de Eventos do COB.

Instalações

Durante a visita, a equipe do COB percorreu diferentes equipamentos esportivos e espaços estratégicos de Foz do Iguaçu. O roteiro incluiu instalações como o Centro de Convenções de Foz do Iguaçu, que receberá o Centro de Convivência dos Jogos — restaurante, distribuição de kits, ativações de patrocinadores e parceiros do COB, dentre outras experiências —, o complexo Costa Cavalcanti, que receberá a Cerimônia de Abertura e as competições de natação e atletismo; o Centro de Convivência Francisco Bupas, e os ginásios Guarda Mirim, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Xororó, Cidade Nova e Morumbi.

Também fizeram parte da programação visitas à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), à Prainha e a outros pontos que integram o planejamento operacional dos jogos e que receberão algumas das competições dos Jogos da Juventude.

As 20 modalidades vão estar divididas em três partes da seguinte forma nesta edição

■ 1ª onda:
20 a 22/10 – atletismo, judô, remo virtual, taekwondo, tênis de mesa e triatlo

■ 2ª onda:
24 a 26/10 – águas abertas, badminton, ciclismo, ginástica rítmica, wrestling
24 a 28/10 – handebol e voleibol

■ 3ª onda:
30/10 a 01/11 – esgrima, ginástica artística, natação e tiro com arco
30/10 a 03/11 – basquete, futsal e vôlei de praia

Locais de competição

A visita também serviu para o que COB confirmasse os palcos de cada uma das modalidades. Confira a lista abaixo:

■ Av. Pedro Basso: ciclismo;
■ Centro de Convivência Arnaldo Isidoro: badminton e tiro com arco;
■ Centro de Convivência BUBAS: ginástica artística e ginástica rítmica;
■ Centro de Convenções: judô, remo virtual, handebol e futsal no Salão Cataratas; taekwondo, wrestling e esgrima no Salão Itaipu;

■ Complexo Esportivo Costa Cavalcanti: atletismo, natação, handebol e futsal;
■ Ginásio Cidade Nova: tênis de mesa, handebol e futsal;
■ Ginásio da Guarda Mirim: vôlei e basquete;
■ Ginásio Xororó: basquete;
■ Ginásio Ronaldo Nunes (Morumbi): handebol e futsal;
■ Iate Clube – ICLI: triatlo e águas abertas;
■ Ginásio do Instituto Federal do Paraná (IFPR): vôlei e basquete;
■ Prainha: vôlei de praia;
■ Ginásio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA): vôlei.



Foto: Divulgação/COB

Dirigentes do COB e da cidade traçando as metas para os Jogos, em outubro

COPA DO BRASIL

Clássico mineiro com mais decisões

Atlético-MG e Cruzeiro estiveram frente a frente na final de 2014, nas quartas de final de 2019 e do ano passado

A CBF realizou o sorteio das quartas de final da Copa do Brasil de 2026, na última terça-feira (11), no Rio de Janeiro, que terá pela primeira vez, desde 1989, três clássicos estaduais. De um lado da chave, a competição contará com os duelos entre Internacional x Grêmio e Cruzeiro x Atlético-MG. Do outro, Vasco x Vitória e Palmeiras x Santos.

Desses quatro confrontos, dois já decidiram o torneio anteriormente: o clássico mineiro, Atlético-MG x Cruzeiro, em 2014, quando o Galo sagrou-se campeão, e o clássico paulista, Palmeiras x Santos, em 2015, ano em que o Alviverde ficou com a taça.

Na história, todos os quatro confrontos já foram realizados anteriormente. Grêmio e Inter enfrentaram-se apenas uma vez, em 1992, nas quartas, quando o Colorado avançou nos pênaltis. Cruzeiro e Atlético-MG, além da final de 2014, enfrentaram-se nas quartas em 2019 e 2025, com uma vitória para cada lado.

No clássico paulista, o Palmeiras levou a melhor nos dois confrontos — final de 2015 e semifinal de 1998. Já o Vitória eliminou o Vasco em três oportunidades e acabou derrotado apenas uma.

Confrontos

■ **INTERNACIONAL X GRÊMIO**
1992 – Quartas (Internacional classificado)
Grêmio 1 x 1 Internacional
Internacional 1 x 1 (3 x 0 penaltis) — Grêmio

■ **CRUZEIRO X ATLÉTICO-MG**
2014 – Final (Atlético-MG campeão)
Atlético-MG 2 x 0 Cruzeiro
Cruzeiro 0 x 1 Atlético-MG
2019 – Quartas (Cruzeiro classificado)
Cruzeiro 3 x 0 Atlético-MG
Atlético-MG 2 x 0 Cruzeiro
2025 – Quartas (Cruzeiro)
Atlético-MG 0 x 2 Cruzeiro
Cruzeiro 2 x 0 Atlético-MG

■ **VASCO X VITÓRIA**
1989 – Oitavas de final (Vitória classificado)
Vitória 0 x 0 Vasco
Vasco 1 x 2 Vitória
2009 – Quartas de final (Vasco classificado)
Vasco 4 x 0 Vitória
Vitória 1 x 1 Vasco
2010 – Quartas de final (Vitória classificado)
Atlético-MG 0 x 2 Cruzeiro
Cruzeiro 2 x 0 Atlético-MG
2017 – Terceira Fase (Vitória classificado)
Vasco 1 x 1 Vitória
Vitória 1 x 0 Vasco

■ **PALMEIRAS X SANTOS**
1998 – Semifinal (Palmeiras classificado)
Palmeiras 1 x 1 Santos
Santos 2 x 2 Palmeiras
2015 – Final (Palmeiras campeão)
Santos 1 x 0 Palmeiras
Palmeiras 2 x 1 (4 x 3 pen)
Santos



Santos e Palmeiras em jogo do Brasileiro, mas em 2015 pela Copa Brasil deu Verdão



No clássico mineiro, a vantagem é do Cruzeiro em três decisões, apenas uma do Galo



O Vitória já eliminou o Vasco em três oportunidades, sendo derrotado uma única vez

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

E o Serra Branca?

O noticiário policial do jornal A União e dos muitos veículos de imprensa da Paraíba trouxe, durante a semana, algo que muito tem a ver com o futebol. Afinal, sinto muito informar aos incautos, política e futebol misturam-se assim como futebol e “polícia” também se misturam. Pois bem, o fato é que a empresa Pixbet, sediada conjuntamente em Curaçao e em Campina Grande, teve suas atividades suspensas pelo Ministério da Fazenda, após ser alvo de investigações.

A Polícia Federal, em parceria com o Ministério Público, com a Receita Federal e com o próprio Ministério da Fazenda, por meio da Operação Arena, tem investigado um grupo de empresários ligados a sites de apostas, caso da Pixbet, que é suspeita de evasão de divisas e lavagem de dinheiro por meio de apostas esportivas. Foram cumpridos, nessa semana mandados, de busca e apreensão na Paraíba, em São Paulo, em Sergipe, no Rio de Janeiro e no Paraná.

A Pixbet é de Ernildo Júnior, que foi um dos alvos da operação, e vive em Campina Grande. A sede da empresa, na Rainha da Borborema, foi alvo de busca e apreensão. Além disso, o celular e um carro do dono da Pixbet foram apreendidos durante ação policial na Paraíba. E no que isso tem a ver com o nosso futebol para figurar na coluna deste escriba?

É que a Pixbet e o Serra Branca, atual importante clube do nosso futebol, confundem-se em todos os níveis. A empresa não é uma mera patrocinadora máster do clube, como procedeu com Flamengo e Corinthians, por exemplo, que estamparam a marca do site de apostas esportivas no lugar mais cativo — e caro — de suas patrimoniais e históricas camisas que entram em campo.

A Pixbet é a dona prática do Serra Branca. Ernildo Júnior sempre apitou no clube. E o projeto futebolístico é mais um do conglomerado de interesses desse largo capital oriundo da empresa de apostas paraibana, que envolvem shows, artistas, vaquejadas e tantas outras atividades ligadas ao entretenimento. Natural, portanto, diante da investigação que acua a empresa e a fonte de receita de todas essas vidas paralelas, a dúvida pairar sobre o futuro de um trabalho interessante e promissor no futebol paraibano, que é o Serra Branca.

Agora, vamos ser sinceros: nós que acompanhamos o futebol da Paraíba de perto, jornalistas, torcedores, dirigentes, achávamos tudo muito estranho desde o início. Ou, pelo menos, nós que não nos alienamos. O Serra Branca chegou com uma força enorme de capital desde o início. Muita grana “do nada”. Time forte, caro, dentro do contexto, claro, desde a primeira Segunda Divisão do Campeonato Paraibano, devidamente vencida pelo clube em 2022.

Depois, boas campanhas na elite, até, de certo modo, com algum atraso, conquistar uma vaga na Série D do Campeonato Brasileiro, competição que disputou na atual temporada. Todo esse trabalho realizado em um centro de treinamento enorme, organizado, belíssimo. Até o Botafogo-PB virar SAF e também receber um aporte de grande capital em 2025, era do Serra Branca a maior estrutura física do futebol paraibano. Superando os tradicionais Treze, Campinense e Botafogo-PB.

De todo modo, era tudo muito esquisito. Afinal, é ainda muito estranho toda essa quantidade imensa de sites de apostas no Brasil, financiando tudo que é tipo de competição da CBF, clubes e canais de televisão ou de internet que transmitem os eventos. Apesar da estranheza, todo mundo é inocente até que se prove o contrário. E todos nós, de algum modo, comemorávamos mais uma reserva de trabalho estruturado, profissional, criando uma cadeia de empregos no nosso futebol. Isso o Serra Branca também fez.

Mas, e qual será o futuro do Serra Branca? É essa a dúvida que agora se impõe. Ao estar estritamente ligado à Pixbet acaba que a agremiação futebolística está na mão também do futuro da empresa, hoje, investigada, encurralada e que pode não ter um norte de atividade em breve. Que tudo seja devidamente apurado para sabermos todos se a atividade da empresa de Ernildo Júnior é inteiramente lícita ou não.

Para a manutenção do trabalho do Serra Branca, parece-me imperativo que tudo não passe só de indícios equivocados dos órgãos investigadores. E eu queria mesmo que o Carcará sobrevivesse a tudo isso. Mas acho improvável que consiga, em caso de fechamento da empresa. Até existem caminhos mais difíceis de seguir vivendo. A ver se o Serra Branca vai entrar em alguma dessas estradas ou vai ter seu destino fadado à existência da empresa. Eu ainda não sei no que apostar!

BRASILEIRÃO

Vasco e Santos tentam fugir do Z4

Destaques também para os confrontos Atlético-MG x Grêmio, na Arena MRV; e Corinthians x Cruzeiro, em SP

Da Redação

A rodada de número 23 programa mais seis jogos para hoje: Chapecoense x Bahia, Vasco x Santos, Atlético-MG x Grêmio, Mirassol x Flamengo, Vitória x Botafogo e Corinthians x Cruzeiro, sendo complementada amanhã com Internacional x Remo.

Os dois times que entram em campo na abertura dos jogos de hoje são Chapecoense e Bahia, a partir das 11h, na Arena Condá com transmissão do Premiere. O time da casa só tem uma vitória no Brasileirão e segue na lanterna com apenas 10 pontos, uma vitória, 13 derrotas e sete empates. Na rodada anterior foi derrotado pelo Coritiba por 2 a 1.

O time comandado pelo técnico Rogério Ceni vive um momento de pressão, após o empate sem gols diante do Vasco, na rodada passada, e ocupa sexta posição com 33 pontos.

Vasco x Santos

O confronto é direto na luta contra o rebaixamento. Os dois clubes somam 22 pontos e estão no Z4: o Santos aparece na 17ª posição, enquanto o Vasco ocupa o 18º lugar.

Com a proximidade na classificação, a partida pode permitir que um dos times ganhe fôlego na tentativa de deixar a zona de degola e, simultaneamente, aumente a pressão sobre o adversário. Na rodada anterior, o Vasco empatou com o Bahia, fora de casa em 0 a 0, enquanto o Peixe perdeu, em casa, por 2 a 0 para o Athletico.

No meio de semana, o time carioca atuou pela Copa Sul-Americana e só empatou em casa contra o Olímpia. Na mesma competição, o Santos ganhou do Macará, na Vila Belmiro, por 2 a 1. Os jogos de volta dos times brasileiros serão no dia 20, com mando de campo invertido. O jogo de hoje, em São Januário, começa às 16h e será exibido pela Globo e Premiere.

Atlético-MG x Grêmio

O Atlético-MG recebe o Grêmio, às 16h, na Arena MRV, hoje, com transmissão do Premiere. O Galo conseguiu uma importante vitória (1 a 0), na última quarta-feira (12), diante do Bragantino, fora de casa, pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana e na rodada anterior do Brasileirão empatou com o Remo, em Belém, em 2 a 2. Com 29 pontos, o alvinegro de Minas Gerais ocupa a 11ª posição.

Já o Grêmio vem de uma importante vitória sobre o São Paulo por 2 a 1, mas a sua situação na tabela de classificação é preocupante porque aparece em 14º lugar com 25 pontos, porém a três pontos da zona de rebaixamento. O meia croata Filip Krovinovic foi regularizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e poderá estreiar pelo time gaúcho, sendo mais uma opção para o técnico Luís Castro. O confronto será exibido pelo Premiere.

Mirassol x Flamengo

Invicto há cinco jogos como mandante, o Mirassol enfrenta um adversário



Foto: Matheus Lima/Vasco

Vasco e Bahia, que empataram na rodada anterior, voltam a jogar pelo Brasileirão, sendo que o time baiano abre a rodada contra a Chapecoense

complicado, mas conta com o apoio de seu torcedor para abrir vantagem em relação a zona de rebaixamento. O time é o 15º colocado com 23 pontos, um a mais do primeiro que abre o Z4, no caso o Santos. No meio de semana empatou em 1 a 1 contra a LDU pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana, mas no Brasileirão, na rodada 22, perdeu de 3 a 1 para o Cruzeiro, no Mineirão.

Já o Flamengo vive uma boa fase, apesar da maior cobrança de seus torcedores. No Brasileirão aparece em segundo lugar na sua perseguição ao líder Pal-

meiras e na última rodada derrotou o Vitória por 2 a 0. Na última quarta-feira (12), empatou em 1 a 1 com o Cruzeiro, jogo válido pelas oitavas de final da Libertadores. O jogo no Estádio Maião, a partir das 18h30, será exibido pela Record e Premiere.

Vitória x Botafogo

O duelo entre Vitória e Botafogo acontece às 18h30, no Estádio Barradão, em Salvador (BA) e a transmissão ficará a cargo do Premiere. O Rubro-Negro baiano vem de derrota para o Flamengo por 2 a 0, mas atuando em casa tem alcançando grandes re-

sultados, principalmente na Copa do Brasil, onde já eliminou Flamengo e depois o Athletico, este último com uma goleada de 4 a 0.

No Brasileirão, o time ocupa a 13ª posição com 26 pontos e precisa vencer para se distanciar mais da zona de rebaixamento. Já o Botafogo entrou em crise depois do vexame no Peru, onde foi goleado pelo Cienciano por 6 a 1, jogo pelas oitavas de final da Sul-Americana, um resultado desastroso e que mancha a história do Glorioso. Na competição nacional ocupa ao nono lugar com 30 pontos e empatou em 1 a 1

com o Fluminense na rodada anterior.

Corinthians x Cruzeiro

Empolgado pelo grande resultado alcançado na Argentina pelas oitavas de final da Libertadores, quando empatou sem gols com o Rosario Central, o Corinthians terá um difícil compromisso hoje, em sua arena, diante do Cruzeiro. Pelo Brasileirão, na última rodada venceu o Bragantino por 2 a 0 fora de casa, enquanto o seu adversário derrotou o Mirassol por 3 a 1. Enquanto o Cruzeiro ocupa a quinta colocação, com 33 pontos, o

Corinthians aparece em sétimo, com 32 pontos. O duelo tem a sua importância na briga por uma vaga na próxima Libertadores. O jogo será exibido pela Prime Video.

Jogos de hoje

■ **BRASILEIRÃO**

- 11h
Chapecoense x Bahia
- 16h
Vasco x Santos
Atlético-MG x Grêmio
- 18h30
Mirassol x Flamengo
Vitória x Botafogo
- 19h30
Corinthians x Cruzeiro

■ **SÉRIE B**

- 11h
Operário-PR x Avaí
- 18h30
América-MG x Athletic Club
CRB x Novorizontino

■ **SÉRIE C**

- 16h
Floresta x Anápolis
Caxias x Figueirense
- 18h30
Confiança x Maringá
Barra-SC x Itabaiana

■ **SÉRIE D**

- 16h
Gama x São José-RS
- 17h
ASA x Goiatuba
ABC x Nacional-AM

■ **BRASILEIRÃO FEMININO**

- 11h
Palmeiras x Juventude
Botafogo x São Paulo
Santos x Flamengo



Foto: Victor Ferreira/Vitória

Jogadores do Vitória antes do início da partida contra o Athletico, válida pela Copa do Brasil, quando venceu por 4 a 0

CORTINAS ABERTAS

Improviso e paixão mantêm vivo o teatro paraibano

Uma história de resistência coletiva que vai além da arte e da dupla jornada de profissionais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Muito antes de as cortinas se abrirem, a luz da plateia diminuir lentamente ou de serem dadas as tradicionais três batidas no chão do palco para avisar solenemente que o espetáculo está para começar, há um trabalho exaustivo e silencioso que normalmente não aparece. Atores e diretores, assim como aqueles que trabalham com produção, cenografia, figurino, contrarregra, iluminação e sonoplastia, exercem uma atividade fundamental para manter acesa a chama do encontro e da imaginação coletiva. Por trás das coxias, existe uma engrenagem humana e econômica que, além de desconhecida, não é valorizada financeiramente.

O paraibano Flávio Melo acumulava algumas dessas funções. Começou no teatro como ator, depois aprendeu o ofício de iluminador cênico — tanto com outros profissionais como participando de oficinas e assistindo a espetáculos —, função que assume na Estação Cabo Branco desde 2009, onde também ministra cursos. Ele explica que a luz de uma montagem não é tão simples quanto parece. É necessário elaborar um plano de luz, pensado a partir do texto e em conjunto com o encenador.

“Não se pode jogar uma luz sem saber qual é a cor do figurino, porque senão você vai destoar dele, assim como da maquiagem e do cenário. Tudo tem que ser bem dialogado para não invadir a proposta de outro profissional e estar dentro de um único conceito. Iluminação é uma obra de arte, não é apenas uma função ou um serviço como o de um profissional eletricista”, defende.

Mesmo com um plano bem estruturado, o iluminador precisa adaptar-se a situações em que o espaço de encenação não permite utilizar todos os recursos pensados ou a precariedade da produção interfere no orçamento. Em casos assim, Flávio recomenda apelar para a criatividade e fazer uso de alguns efeitos de luz, como utilizar um abajur, uma lanterna, uma vela ou até de um farol de moto, sem fugir do projeto inicial e produzindo efeitos de sentido, de acordo com o que a apresentação propõe.



Foto: Arquivo pessoal

Faltam leis de incentivo e uma política pública mais consistente. A produção na Paraíba é gigante, o que é muito bom, mas precisamos de mais estímulo

Edilson Alves

Na “manha”

Para quem está nos palcos e por trás deles, o improviso acaba tornando-se uma prática necessária e indissociável do trabalho criativo. De acordo com o iluminador, que também é diretor de teatro, quando não há patrocínio ou financiamento por meio de editais e leis de incentivo, além de arriscar investir do próprio bolso, é preciso lançar mão de estratégias como convidar profissionais amigos e conhecidos da área, que conhecem bem as condições de produção.

Essa realidade tem sido compartilhada por grande parte dos grupos de teatro paraibanos, segundo o ator e diretor Edilson Alves, da Trupe de Humor da Paraíba. Há quase 30 anos à frente da montagem de espetáculos como o *Pastoril Profano*, ele afirma que os integrantes do grupo, muitas vezes, tiveram que utilizar os cartões de crédito pessoais para comprar cenários, figurinos e adereços, na esperança de poder retirar, depois, da bilheteria.

“A plateia vê tudo pronto, mas não

tem noção do tamanho do desgaste emocional, criativo, intelectual e financeiro para estruturar uma produção paraibana”, confidencia o diretor, que diz nunca ter sido possível viver de teatro — assim como não é hoje e nem será no futuro, segundo enfatiza. “Nós nos arriscamos a fazer produção profissional pela coragem e pelo prazer”, completa.

Apesar de reconhecer o papel dos editais de incentivo para ajudar a reduzir os desafios financeiros das produções, Edilson considera que eles só permitem aos profissionais da área sobreviver e resistir, pois ainda são poucos. Na análise dele, prevalece, quase sempre, a dependência de recursos federais, quando seria necessário também retomar os incentivos locais.

“A gente termina adaptando, recriando, reaproveitando cenários e figurinos de outros espetáculos, tudo por falta de recurso mesmo. Faltam leis de incentivo e uma política pública mais consistente. A produção na Paraíba é gigante, o que é muito bom, mas precisamos de mais estímulo”, reivindica o ator. Ele reitera que a dedicação ao teatro, na Paraíba, exige que o profissional mantenha outras atividades em paralelo, ou não tem como sobreviver.

Desafios

O ator Adriano Cabral, do Coletivo Alfenim, conhece bem essa dupla jornada profissional. Quando ingressou na companhia de teatro, ele ainda se dividia entre o palco e a sala de aula, até que surgiu a oportunidade de assumir a gestão financeira do grupo. Ele mesmo reconhece ser uma exceção, assim como o diretor, Márcio Marciano, pois os demais membros precisam exercer alguma atividade profissional concomitante para pagar suas contas. Em quase 20 anos de estrada, o coletivo só conseguiu assegurar uma remuneração fixa e permanente para todos durante três anos, quando contaram com o patrocínio de uma empresa estatal.

Os desafios dos profissionais para permanecerem no palco assemelham-se aos dos grupos de teatro para se

manterem em cartaz. Adriano relembra a experiência da primeira companhia de teatro de que participou, que não teve continuidade. Em sua visão, contar com uma sede, seja própria ou alugada, é um passo fundamental. “Ter um espaço para que o grupo possa se encontrar regularmente para ensaiar, estudar, pesquisar e até se apresentar faz uma diferença enorme”, ressalta.

Mas, como tudo tem um custo, manter o espaço funcionando regularmente e aberto ao público tem suas implicações. Os componentes do coletivo precisam assumir funções que vão além da atividade dramática. “Ninguém pode se dar ao luxo de dizer que é apenas ator, músico, encenador ou diretor”, alerta Adriano. A divisão de tarefas considera as habilidades pessoais de cada um. Enquanto alguns ficam responsáveis, por exemplo, pela elaboração de projetos para submeter a editais, outros dedicam-se à administração e à divulgação dos espetáculos e outras atividades do grupo pelas redes sociais.

Como o teatro não é a única fonte de renda da maioria dos integrantes, outro grande desafio é conciliar as agendas. Para isso, precisam definir previamente os dias de ensaios e estudos. Espetáculos com elenco muito grande também enfrentam mais dificuldades para circular por outros estados, porque requerem mais condições financeiras. “Nos últimos anos, os espetáculos que se apresentam no Palco Giratório, que é o maior projeto de circulação de arte cênica do Brasil, possuem, no máximo, três ou quatro atores, uma equipe bem pequena. Também precisamos levar isso em conta, no momento de definir um trabalho. São muitas as variáveis para montar essa equação”, reflete.

O diretor e iluminador cênico Flávio Melo chama atenção para o valor do trabalho coletivo, tanto nas práticas entre os profissionais quanto da própria classe artística. Ele defende fortalecer a categoria. “Não dá para se acomodar. É procurar se juntar, inclusive para discutir editais, ir para cima e questionar as leis de incentivo, a falta de oportunidade e de cursos, a carestia das pautas de tea-

tro, enfim, começar a fazer cobrança aos gestores... E isso só pode ser feito coletivamente”, propõe.

Mais salas

Apesar de reconhecer a existência de muitos espaços para apresentação na capital paraibana, Edilson Alves defende a existência de mais casas de espetáculos como passo importante para estimular a formação de público. O encenador considera que esses locais seriam necessários para contemplar apresentações de outras expressões artísticas, como dança e música, assim como para atender a públicos específicos, a exemplo das escolas particulares, que demandam espaços para a realização de festivais de artes e atraem tanto alunos quanto seus familiares.

Edilson acredita que existe, sim, público para o teatro paraibano, mas ainda falta boa divulgação dos espetáculos, inclusive nas mídias digitais, de modo que as pessoas se mantenham informadas sobre a cena teatral. Incentivar a formação de público ainda na infância, no entanto, ainda se faz necessário, na opinião do diretor. Ele sugere que, do mesmo modo que se estimula a participação das crianças em blocos infantis durante o Carnaval e elas passam a brincar nos dias de Momo, quando se tornam adultas, as famílias e escolas deveriam incentivar os pequenos a irem ao teatro desde cedo.

No entanto, quando o espetáculo começa, essas e outras questões ficam para trás. Iluminadores, sonoplastas, figurinistas, maquiadores, diretores e atores dedicam-se a contar histórias, promovendo encontros coletivos e consigo mesmo. É nessa atividade que o ator Adriano Cabral afirma encontrar significado para sua vida e possibilidade para explorar as suas potencialidades. “É onde eu acredito que posso dar uma contribuição maior para tentar mudar um pouco o meu entorno. Eu continuo fazendo teatro porque eu me sinto um ser humano mais pleno. Enquanto eu tiver essa convicção, eu vou seguir em frente, não importam as adversidades, que não são poucas”, afirma.



Foto: Arquivo pessoal

Iluminação é uma obra de arte, não é apenas uma função ou um serviço como o de um profissional eletricista, por exemplo

Flávio Melo

Cena da peça
Quízales, dirigida
por Flávio Melo,
que estreou em
abril deste ano, no
Theatro Santa Roza

Foto: Divulgação

Nena Viana

Estrela do Sertão que ajudou a criar o cinema popular brasileiro



Patoense, Nena construiu uma trajetória que se dividiu entre a maquiagem e a atuação, o que a fez amiga próxima do astro Mazzaropi

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Há nomes que atravessam décadas nas telas sem que o lugar onde nasceram conheça plenamente a dimensão de suas trajetórias. É o caso da atriz e maquiadora paraibana Nena Viana, que ajudou a construir parte da memória do cinema popular brasileiro ao lado de Mazzaropi. Seu rosto aparece em filmes que atravessaram gerações, mas seu trabalho nos bastidores ajudou a caracterizar um dos personagens mais célebres do cinema nacional.

Nena Viana, na verdade, é nome artístico de Inajá Viana. Nascida em Patos, na região do Sertão Central da Paraíba, no dia 8 de outubro de 1926, ela teria migrado para São Paulo quando tinha apenas dois anos de idade, segundo informações da revista *Cine-lândia*. Apesar das informações escassas sobre a sua juventude e o seu início de carreira artística, sabe-se que, aos 20 anos, ela já atuava no circo, ao lado do empresário Reinaldo Martini, com quem foi casada e teve um filho, o humorista Marco Martini, falecido em 2019 — ele ficou conhecido no programa de pegadinhas da Rede TV!

“A minha mãe sempre contava que eu fui programado em Santos (SP), e, como o circo era itinerante, fomos mudando, mudando... e depois de nove meses ela estava com meu pai em Juiz

de Fora (MG), onde eu nasci, numa barraca. Eu fui o único filho. (...) Quando tinha 10 anos, meus pais se separaram e eu fui morar com ele, depois ele faleceu e eu fui morar com minha mãe”, contou o ator, em uma entrevista para a emissora de televisão.

Reinaldo Martini era proprietário de uma companhia dramática circense e percorria os diferentes estados das regiões Sul e Sudeste, apresentando espetáculos com a companhia. A imprensa carioca da década de 1950 anunciava Nena Viana como “a estrela de grande brilho da constelação do Circo Teatro Universo, aparecendo como principal figura em todas as apresentações, inclusive nos atos variados, liderando em força de cabelos e equilíbrio sobre bolas”. Anunciava, ainda, alguns de seus companheiros de picadeiro, como Nelson Bagunça, Espuleta e Espuletinha, e informava uma de suas próximas atrações: “O grande drama” Sansão e Dalila, dirigido por Reinaldo Martini.

Sétima arte

Nena começou a trabalhar no cinema como maquiadora. Numa ficha de catalogação de depoimento oral do Arquivo Histórico Municipal Félix Guisard Filho, em Taubaté (SP), reproduzida pelo Acervo do Museu Mazzaropi, afirma-se que Nena era a manicure e a maquiadora da casa do cineasta. Essas habilidades fizeram dela a prefe-

rida do comediante, que a convidou também para trabalhar na frente das câmeras, como atriz.

Não é possível dizer com precisão quando a atriz circense aproximou-se do cinema, mas, ao que tudo indica, a sua primeira participação foi na comédia *Candinho* (1954), estrelada por Amácio Mazzaropi. O nome da atriz paraibana nem aparece nos créditos, como aconteceria nas demais produções, estreitando uma relação com o cineasta brasileiro que ultrapassou as telas do cinema. Segundo o filho do célebre cineasta e comediante, muito mais que ser atriz, Nena Viana era maquiadora e participou de todos os 24 filmes da Pam Filmes. Ela assina, ainda, a maquiagem do drama histórico *Batalha dos Guararapes* (1978), dirigido por Paulo Thiago, e do drama rural *Paixão do Sertanejo* (1979), de Pio Zamuner.

Por meio de um recado deixado no jornal paulista *A Gazeta Esportiva* — prática comum, à época, tal como nas emissoras de rádio, até bem pouco tempo —, a comadre de Nena pedia que a atriz escrevesse ao afilhado. Dava-lhe, também, os parabéns pela atuação no filme *O Gato da Madame* (1956), uma divertida mistura de humor e história gravada no interior do Museu do Ipiranga.

Em 1958, a imprensa paulistana noticiava que o companheiro de Nena, Reinaldo Martini, havia vendido o seu circo para montar um bar no bairro de Tatuapé, convidando todos os seus colegas para tomar um drinque. A data coincide com aquela relatada pelo filho de ambos, sobre a separação do casal, e com os primeiros rumores,

na imprensa do início da década de 1960, de que a paraibana estava para se casar com o cantor Cláudio de Barros. *A Revista do Rádio* daquele período também noticiava a participação da comediante num programa na TV Excelsior, chamado *Massaropiadas*.

“

Infelizmente, por mais que tenhamos procurado, não encontramos possíveis parentes dela em Patos

José Romildo de Sousa

Por essa época, a carreira de Nena como atriz de cinema consolidava-se em sucessivas atuações, a exemplo de *Chofer de Praça* (1959), no qual vivia a vizinha do casal protagonista de sertanejos que migraram para uma vila na cidade grande; de *Zé do Periquito* (1960); e de *Ieca Tatu* (1959), com o marcante papel de Dona Baratinha, uma moça da

aldeia que não perde a oportunidade para dar em cima do personagem caipira criado por Monteiro Lobato.

“É uma figuraça: ela não para quieta um único instante, fica dando pulinhos o tempo todo. E pisca os olhos grandes, tornados maiores pela maquiagem que a deixam tanto parecida com a boneca Emília do *Sítio do Picapau Amarelo* (que aliás fica por ali mesmo, no Vale do Paraíba, na região de Taubaté e Lorena)”, avalia o jornalista Sérgio Vaz, em seu blog 50 Anos de Filme.

Para Thiago Taraira, fã de Mazzaropi — que mantém um canal no Youtube para divulgar bastidores das produções do idolo —, a personagem Dona Baratinha lembra muito a personagem chamada Gelsomina (Giulietta Masina,) do filme do grande diretor Federico Fellini, *La Estrada* (1954). “São muito parecidas nos trejeitos, tenho certeza de que Nena Viana se baseou nessa personagem, que tem um parafuso meio solto”, opina.

Até o fim

Na lista de atuações da atriz, estão filmes como *As Aventuras de Pedro Malazartes* (1960), interpretando Marcelina, mulher da carroça enganada por Malazartes, e *No Paraíso das Solteironas* (1969), no papel de uma das “solteironas” que se interessam pelo personagem vivido por Mazzaropi. Também participou de *O Vendedor de Linguíça* (1962), *Uma Pistola para Djeca* (1970) e *O Grande Xerife* (1972), sua última atuação no cinema, afastando-se definitivamente da vida artística após a morte do seu grande mentor.

Todo esse destaque faz supor que a maquiadora e atriz era mais que uma companheira de profissão do cineasta paulista. As anotações recolhidas pelo acervo museológico do Instituto Mazzaropi revelam que Nena integrava o círculo de amizade familiar e participava de eventos marcantes da vida privada do artista, tanto que cuidou da mãe do comediante até quando essa senhora faleceu, em 1983.

“Ela faleceu sentada no teatro, durante uma apresentação em que o filho estava presente. O relato menciona que ela esteve no velório de dona Clara (mãe de Mazzaropi) e morreu na mesma noite, no teatro”, informa a transcrição de um depoimento oral mantido pela instituição. Mas, em outras fontes, consta que Nena morreu de infarto fulminante, dentro de seu *trailer*, instalado no circo onde a sua trupe se apresentava, em Santo André (SP).

Nena Viana é um exemplo de personagem importante do cinema brasileiro que ficou nos bastidores da historiografia. Ainda que a documentação existente indique que ela integrava um núcleo permanente da produtora, algo reservado a pessoas de grande confiança, faltam muitas informações sobre a sua trajetória artística e a sua vida.

“Infelizmente, por mais que tenhamos procurado, em Patos, alguém que pudesse nos dar alguma informação sobre possíveis parentes dessa estrela do cinema nacional, não tivemos sucesso. E é porque temos uma família Viana de longa tradição e muito conhecida na cidade”, relatou José Romildo de Sousa, historiador e agente cultural patoense.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Boas notícias para uma comunicação mais inclusiva

Dois publicações de grande relevância para o trabalho jornalístico e para a sociedade de modo geral foram lançadas recentemente no Brasil: o *Poranga Marandúia* — *Manual de Redação do Jornalismo Indígena* e o *Guia de Comunicação Pública para a Igualdade de Gênero*.

Iniciativa da Articulação Brasileira de Indígenas Jornalistas, o *Manual de Redação do Jornalismo Indígena* foi apresentado ao público no dia 31 de julho, durante evento que discutiu linguagem, representação e ética na cobertura de pautas indígenas, bem como contribuições da publicação para o jornalismo brasileiro. Um segundo lançamento ocorreu em 10 de agosto, na Câmara dos Deputados, em Brasília.

A publicação é inédita e traz termos, orientações e princípios a partir da perspectiva dos povos indígenas. No prefácio do manual, destaca-se que a história dos povos indígenas sempre foi narrada pela perspectiva dos outros. O texto ressalta, porém, que a comunicação nunca deixou de ocupar papel central na vida coletiva desses povos.

“Muito antes da imprensa, do rádio ou da internet, os diferentes povos já possuíam sistemas próprios de transmissão de conhecimento, baseados na oralidade, nos rituais, nos grafismos, nos cantos e em diversas formas de interpretação da natureza”, informa o prefácio.

O *Poranga Marandúia* tem mais de 100 páginas e reúne conteúdo que merece ser lido

com atenção por comunicadores indígenas e não indígenas. Para estes últimos, sobretudo, a publicação orienta jornalistas que abordam a pauta indígena a adotarem condutas comprometidas com o combate às injustiças e aos estereótipos perpetuados, há séculos, contra os povos indígenas e seus territórios.

O *Guia de Comunicação Pública para a Igualdade de Gênero*, por sua vez, foi lançado pelo Ministério das Mulheres em 11 de agosto, na Biblioteca

do Senado, em Brasília. A publicação tem como objetivo orientar profissionais da comunicação pública na promoção da igualdade de gênero, apresentando dados sobre gênero e raça e incentivando o uso de linguagem não sexista.

Embora seja direcionado às assessorias de Comunicação do setor públi-

co, o material também pode beneficiar profissionais de diferentes áreas da comunicação, por promover o uso de uma linguagem alinhada à igualdade de gênero. Isso porque a comunicação exerce papel estratégico nas mudanças culturais, influenciando diretamente a formação da opinião pública.

O guia apresenta conteúdo amplo e rico em orientações sobre como comunicar sem ignorar a perspectiva de gênero. Uma das recomendações diz respeito à paridade de fontes. Segundo a publicação, a escolha das fontes deve considerar marcadores sociais como gênero, raça, etnia e território, reconhecendo desigualdades históricas no acesso à fala pública. Vale refletir: nas matérias que você produz, quem tem voz com mais frequência? Homens ou mulheres? Sim, isso importa!

Em tempo: *Poranga Marandúia* significa “boa notícia” ou “notícia boa” na língua *nheengatu*, que pertence à família tupi-guarani. Que tenhamos mais boas notícias sempre!



Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

The Beatles — Forever / Introdução

Se nenhuma pretensão biográfica ou mesmo de natureza apologética, início uma pequena sequência de colunas dedicadas aos Beatles.

Obviamente, não esperar, como explicitamos antes, que eu faça revelações desconhecidas dos que, ao longo dessas últimas seis décadas, vêm acompanhando a carreira musical dos quatro sempre jovens de Liverpool.

Quando muito, a intenção é apenas fazer divagações sobre fatos que, algumas vezes, passaram ou ainda passam despercebidos por parte de uma legião de fãs que permanecem cada vez mais fiéis ao estilo inovador do grupo. E, se assim me expresso, é exatamente por saber que quem dos Beatles gosta há de manter uma boa série de obras biográficas ou analíticas, tanto da banda como dos seus componentes, individualmente. Assim sendo, repito que, como leitor habitual do meu satisfatório arquivo de beatlemaníaco, de vez em quando gosto de repetir leituras, a fim de lembrar fatos curiosos acontecidos na trajetória vivencial e musical de cada um deles.

A esse propósito, satisfazendo a curiosidade de leitores habituais da coluna, começo por pontuar os primeiros colocados no *ranking* musical da revista *Rolling Stones*, a que nos referimos em texto anterior. Da versão global (EUA), constam, como os 10 primeiros, exatamente nessa ordem: 1º — The Beatles; 2º — Bob Dylan; 3º — Elvis Presley; 4º — The Rolling Stones; 5º — Chuck Berry; 6º — Jimi Hendrix; 7º — James Brown; 8º — Little Richard; 9º — Aretha Franklin; e 10º — Ray Charles.

Não é demais lembrar que, após a década de 1950, quando houve uma predo-

minância acentuada do *rock* estadunidense, a década seguinte nos proporcionou o surgimento do *pop rock* britânico, com ênfase, sobretudo, em Beatles e Rolling Stones, cada um, a seu modo e estilo, impondo gêneros e modos bem específicos — aliados, é bom que se diga, ao *modus vivendi* de cada um dos seus elementos participantes.

Do início dos Stones, já lhes falei em colunas anteriores. Agora, estou relembrando os primórdios dos garotos de Liverpool.

É por demais interessante que, numa situação de tempo e de espaço geográficos, localizemos a cidade portuária de Liverpool, distrito metropolitano situado ao noroeste da Inglaterra (UK), a aproximadamente 386 km de Londres. A cidade sempre foi impulsionada

pelo comércio varejista e de turismo, mas com forte acentuação em uma logística portuária, o que, talvez, tenha influenciado a vida infantil do garoto John Winston Lennon (Liverpool, Maternity, 1949 — Edifício Dakota, Nova York, 1980), mentor e fundador da banda.

Seus pais, Alfred Lennon (1912–1976) e Julia Stanley (1914–1958), casaram-se em 1938 e viveram, por pouco tempo, um casamento instável, marcado por longas ausências do pai, que, além de cantor amador, era marinho mercante, quase sempre embarcado. Esse pequeno detalhe, certamente, trouxe inúmeros problemas para o garoto que, embora mantivesse sustentáveis laços afetivos com a mãe, praticamente viveu mais com a sua tia Mimi, com quem mantinha o mesmo amor filial.

Como portuário, o pai dele “embarcou em definitivo” quando John contava apenas quatro anos de idade. Posteriormente, depois da fama do filho, os encontros foram breves e inconstantes.

O fato de conviver sem o pai e um pouco afastado da mãe certamente exerceu influência no comportamento familiar e social dele, o que o levou a manter características específicas, oriundas da falta de convivência familiar. Um dos exemplos mais marcantes da formação de sua personalidade deixa-se transparecer na música “Mother” (1970), na qual ele, abandonando o seu espírito de roqueiro rebelde, recolhe-se à sua infância traumática, provocada pelo isolamento do pai e da mãe, e que expõe toda a sua angústia e tristeza.



Lennon, em junho de 1957, com a banda The Quarrymen, que evoluiu para Beatles, depois da entrada de Paul e George; Ringo só viria em 1962

REVOLUÇÃO DIGITAL

Judiciário brasileiro

passa por transformação

Novas tecnologias auxiliam, mas decisão final continua sendo do magistrado

Da Redação
com Agência Estado

A transformação digital deixou de ser uma tendência distante para se tornar parte concreta da rotina dos tribunais brasileiros. Processos eletrônicos, sistemas de triagem automatizada e ferramentas de análise de dados já integram o cotidiano de boa parte do Judiciário, alterando desde o trâmite processual até a forma como decisões são fundamentadas, organizadas e comunicadas às partes envolvidas.

A digitalização do trâmite processual foi um dos primeiros passos concretos da transformação tecnológica no Judiciário. Sistemas eletrônicos substituíram grande parte do fluxo em papel, reduzindo etapas burocráticas e permitindo acompanhamento mais ágil por parte de todos os envolvidos em um processo.

Essa mudança, avalia o juiz de direito Valdemir Ferreira Santos, trouxe ganhos evidentes de eficiência, embora tenha exigido adaptação por parte de profissionais acostumados a rotinas mais tradicionais. A curva de aprendizado, segundo ele, foi compensada pela agilidade conquistada na tramitação de processos que antes dependiam de deslocamentos físicos e arquivos em papel.

Outro efeito relevante foi a redução de custos operacionais relacionados ao armazenamento e à movimentação de documentos físicos. Cartórios judiciais e secretarias de vara passaram a lidar com volumes menores

de papel, o que também contribuiu para reorganizar rotinas internas de trabalho ao longo dos últimos anos.

IA nos tribunais

Ferramentas de inteligência artificial começam a ocupar espaço crescente na triagem processual e no mapeamento de jurisprudência. Essas soluções auxiliam na organização de processos repetitivos, identificando padrões que ajudam a acelerar etapas consideradas menos complexas dentro do trâmite judicial.

Santos pondera que essas ferramentas ainda estão em fase de amadurecimento dentro do Judiciário brasileiro. Ainda assim, ele reconhece o potencial de reduzir gargalos em tarefas administrativas, liberando tempo para que magistrados se dediquem à análise mais aprofundada de casos que exigem mais complexidade interpretativa.

No entanto, nem todos os profissionais chegam a essa transição com o mesmo nível de familiaridade com ferramentas digitais. Mas o especialista argumenta que essa desigualdade tende a diminuir com o tempo, à medida que cursos de atualização e programas de formação continuada se tornarem parte mais recorrente da rotina da magistratura.

Acesso

Um dos efeitos menos discutidos da transformação digital é o impacto sobre o acesso à Justiça. Audiências virtuais e sistemas de acompanhamento processual online ampliaram a



Foto: Reprodução/Saftec Digital

Mudanças alteram trâmite processual e fundamentação de decisões

possibilidade de acompanhar um processo sem a necessidade de deslocamento físico até o fórum, o que beneficia especialmente quem reside em regiões mais distantes das sedes de tribunais. Por outro lado, ele reconhece que ainda existem desafios relacionados ao acesso à internet e a dispositivos digitais em determinadas regiões do país, o que exige atenção contínua por parte do Judiciário.

Rigor técnico

A trajetória recente do Judiciário brasileiro indica que a transformação digi-

tal seguirá avançando nos próximos anos, mas Santos ressalta que o desafio segue sendo equilibrar inovação tecnológica com o rigor técnico que sustenta a atuação da magistratura. Combinar essas duas frentes tende a definir o perfil dos profissionais mais preparados para os próximos ciclos de transformação no Judiciário brasileiro.

“A tendência é que tecnologia e trabalho técnico caminhem lado a lado, cada um cumprindo funções complementares dentro do processo judicial”, disse o magistrado.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Peça de tecido resistente (2) = rede + engenho (3) = moinho. Solução: grande corrente de ventos (5) = redemoinho.

Charada de hoje: Estou (1) esperando que você não escorregue (2) na cilada (3) que lhe prepararam.



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Fenômeno no céu

De carona no eclipse solar total que aconteceu na última quarta-feira (12), em partes da Europa, listamos alguns tópicos curiosos sobre esse fenômeno, que nasce de uma coincidência cósmica perfeita: o Sol é cerca de 400 vezes maior que a Lua, mas também está cerca de 400 vezes mais distante da Terra, fazendo com que ambos pareçam ter o mesmo tamanho no céu.

Velocidade impressionante

A sombra projetada pela Lua viaja pela superfície da Terra a velocidades supersônicas, variando de 1,7 mil km/h até mais de 3 mil km/h.

Totalidade curta

O tempo máximo que um eclipse solar total pode durar na Terra é de 7 minutos e 32 segundos, embora a maioria dure apenas de 2 a 5 minutos.

Comportamento animal alterado

A escuridão repentina confunde a fauna; pássaros param de cantar e retornam aos ninhos, enquanto animais noturnos, como morcegos, podem começar a sair.

Queda rápida de temperatura

Durante a totalidade do fenômeno, a temperatura local pode cair abruptamente de 3° C a 8° C em poucos minutos.

O “Anel de Diamante”

Nos segundos que antecedem e sucedem a totalidade, um único ponto de luz solar brilha intensamente na borda da Lua, criando o aspecto visual de um anel com um diamante reluzente.

Ventos de eclipse

A mudança rápida na temperatura do ar altera a densidade e a pressão locais, gerando frequentemente uma brisa ou vento repentino no momento da totalidade.

As “Pérolas de Bailly”

Pouco antes de o Sol sumir por completo, a luz passa pelos vales e crateras da superfície lunar, formando pontos brilhantes que parecem um colar de pérolas flutuante.

Visibilidade da coroa solar

Apenas no momento da totalidade é possível enxergar a coroa solar a olho nu, que é a atmosfera externa e superaquecida do Sol.

Eclipses totais têm data de validade

A Lua se afasta da Terra cerca de 3,8 cm por ano, o que significa que, em aproximadamente 600 milhões de anos, ela parecerá pequena demais para cobrir totalmente o Sol.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - brinco; 2 - olho da coruja; 3 - boca da estrela; 4 - chapéu; 5 - nuvem; 6 - dente; 7 - solto do sapato; 8 - ponta da estrela; 9 - boca da estrela; 10 - nuvem; 11 - solto do sapato; 12 - ponta da estrela; 13 - boca da estrela; 14 - chapéu; 15 - nuvem; 16 - dente; 17 - solto do sapato; 18 - ponta da estrela; 19 - boca da estrela; 20 - nuvem; 21 - solto do sapato; 22 - ponta da estrela; 23 - boca da estrela; 24 - chapéu; 25 - nuvem; 26 - dente; 27 - solto do sapato; 28 - ponta da estrela; 29 - boca da estrela; 30 - nuvem; 31 - solto do sapato; 32 - ponta da estrela; 33 - boca da estrela; 34 - chapéu; 35 - nuvem; 36 - dente; 37 - solto do sapato; 38 - ponta da estrela; 39 - boca da estrela; 40 - nuvem; 41 - solto do sapato; 42 - ponta da estrela; 43 - boca da estrela; 44 - chapéu; 45 - nuvem; 46 - dente; 47 - solto do sapato; 48 - ponta da estrela; 49 - boca da estrela; 50 - nuvem; 51 - solto do sapato; 52 - ponta da estrela; 53 - boca da estrela; 54 - chapéu; 55 - nuvem; 56 - dente; 57 - solto do sapato; 58 - ponta da estrela; 59 - boca da estrela; 60 - nuvem; 61 - solto do sapato; 62 - ponta da estrela; 63 - boca da estrela; 64 - chapéu; 65 - nuvem; 66 - dente; 67 - solto do sapato; 68 - ponta da estrela; 69 - boca da estrela; 70 - nuvem; 71 - solto do sapato; 72 - ponta da estrela; 73 - boca da estrela; 74 - chapéu; 75 - nuvem; 76 - dente; 77 - solto do sapato; 78 - ponta da estrela; 79 - boca da estrela; 80 - nuvem; 81 - solto do sapato; 82 - ponta da estrela; 83 - boca da estrela; 84 - chapéu; 85 - nuvem; 86 - dente; 87 - solto do sapato; 88 - ponta da estrela; 89 - boca da estrela; 90 - nuvem; 91 - solto do sapato; 92 - ponta da estrela; 93 - boca da estrela; 94 - chapéu; 95 - nuvem; 96 - dente; 97 - solto do sapato; 98 - ponta da estrela; 99 - boca da estrela; 100 - nuvem; 101 - solto do sapato; 102 - ponta da estrela; 103 - boca da estrela; 104 - chapéu; 105 - nuvem; 106 - dente; 107 - solto do sapato; 108 - ponta da estrela; 109 - boca da estrela; 110 - nuvem; 111 - solto do sapato; 112 - ponta da estrela; 113 - boca da estrela; 114 - chapéu; 115 - nuvem; 116 - dente; 117 - solto do sapato; 118 - ponta da estrela; 119 - boca da estrela; 120 - nuvem; 121 - solto do sapato; 122 - ponta da estrela; 123 - boca da estrela; 124 - chapéu; 125 - nuvem; 126 - dente; 127 - solto do sapato; 128 - ponta da estrela; 129 - boca da estrela; 130 - nuvem; 131 - solto do sapato; 132 - ponta da estrela; 133 - boca da estrela; 134 - chapéu; 135 - nuvem; 136 - dente; 137 - solto do sapato; 138 - ponta da estrela; 139 - boca da estrela; 140 - nuvem; 141 - solto do sapato; 142 - ponta da estrela; 143 - boca da estrela; 144 - chapéu; 145 - nuvem; 146 - dente; 147 - solto do sapato; 148 - ponta da estrela; 149 - boca da estrela; 150 - nuvem; 151 - solto do sapato; 152 - ponta da estrela; 153 - boca da estrela; 154 - chapéu; 155 - nuvem; 156 - dente; 157 - solto do sapato; 158 - ponta da estrela; 159 - boca da estrela; 160 - nuvem; 161 - solto do sapato; 162 - ponta da estrela; 163 - boca da estrela; 164 - chapéu; 165 - nuvem; 166 - dente; 167 - solto do sapato; 168 - ponta da estrela; 169 - boca da estrela; 170 - nuvem; 171 - solto do sapato; 172 - ponta da estrela; 173 - boca da estrela; 174 - chapéu; 175 - nuvem; 176 - dente; 177 - solto do sapato; 178 - ponta da estrela; 179 - boca da estrela; 180 - nuvem; 181 - solto do sapato; 182 - ponta da estrela; 183 - boca da estrela; 184 - chapéu; 185 - nuvem; 186 - dente; 187 - solto do sapato; 188 - ponta da estrela; 189 - boca da estrela; 190 - nuvem; 191 - solto do sapato; 192 - ponta da estrela; 193 - boca da estrela; 194 - chapéu; 195 - nuvem; 196 - dente; 197 - solto do sapato; 198 - ponta da estrela; 199 - boca da estrela; 200 - nuvem; 201 - solto do sapato; 202 - ponta da estrela; 203 - boca da estrela; 204 - chapéu; 205 - nuvem; 206 - dente; 207 - solto do sapato; 208 - ponta da estrela; 209 - boca da estrela; 210 - nuvem; 211 - solto do sapato; 212 - ponta da estrela; 213 - boca da estrela; 214 - chapéu; 215 - nuvem; 216 - dente; 217 - solto do sapato; 218 - ponta da estrela; 219 - boca da estrela; 220 - nuvem; 221 - solto do sapato; 222 - ponta da estrela; 223 - boca da estrela; 224 - chapéu; 225 - nuvem; 226 - dente; 227 - solto do sapato; 228 - ponta da estrela; 229 - boca da estrela; 230 - nuvem; 231 - solto do sapato; 232 - ponta da estrela; 233 - boca da estrela; 234 - chapéu; 235 - nuvem; 236 - dente; 237 - solto do sapato; 238 - ponta da estrela; 239 - boca da estrela; 240 - nuvem; 241 - solto do sapato; 242 - ponta da estrela; 243 - boca da estrela; 244 - chapéu; 245 - nuvem; 246 - dente; 247 - solto do sapato; 248 - ponta da estrela; 249 - boca da estrela; 250 - nuvem; 251 - solto do sapato; 252 - ponta da estrela; 253 - boca da estrela; 254 - chapéu; 255 - nuvem; 256 - dente; 257 - solto do sapato; 258 - ponta da estrela; 259 - boca da estrela; 260 - nuvem; 261 - solto do sapato; 262 - ponta da estrela; 263 - boca da estrela; 264 - chapéu; 265 - nuvem; 266 - dente; 267 - solto do sapato; 268 - ponta da estrela; 269 - boca da estrela; 270 - nuvem; 271 - solto do sapato; 272 - ponta da estrela; 273 - boca da estrela; 274 - chapéu; 275 - nuvem; 276 - dente; 277 - solto do sapato; 278 - ponta da estrela; 279 - boca da estrela; 280 - nuvem; 281 - solto do sapato; 282 - ponta da estrela; 283 - boca da estrela; 284 - chapéu; 285 - nuvem; 286 - dente; 287 - solto do sapato; 288 - ponta da estrela; 289 - boca da estrela; 290 - nuvem; 291 - solto do sapato; 292 - ponta da estrela; 293 - boca da estrela; 294 - chapéu; 295 - nuvem; 296 - dente; 297 - solto do sapato; 298 - ponta da estrela; 299 - boca da estrela; 300 - nuvem; 301 - solto do sapato; 302 - ponta da estrela; 303 - boca da estrela; 304 - chapéu; 305 - nuvem; 306 - dente; 307 - solto do sapato; 308 - ponta da estrela; 309 - boca da estrela; 310 - nuvem; 311 - solto do sapato; 312 - ponta da estrela; 313 - boca da estrela; 314 - chapéu; 315 - nuvem; 316 - dente; 317 - solto do sapato; 318 - ponta da estrela; 319 - boca da estrela; 320 - nuvem; 321 - solto do sapato; 322 - ponta da estrela; 323 - boca da estrela; 324 - chapéu; 325 - nuvem; 326 - dente; 327 - solto do sapato; 328 - ponta da estrela; 329 - boca da estrela; 330 - nuvem; 331 - solto do sapato; 332 - ponta da estrela; 333 - boca da estrela; 334 - chapéu; 335 - nuvem; 336 - dente; 337 - solto do sapato; 338 - ponta da estrela; 339 - boca da estrela; 340 - nuvem; 341 - solto do sapato; 342 - ponta da estrela; 343 - boca da estrela; 344 - chapéu; 345 - nuvem; 346 - dente; 347 - solto do sapato; 348 - ponta da estrela; 349 - boca da estrela; 350 - nuvem; 351 - solto do sapato; 352 - ponta da estrela; 353 - boca da estrela; 354 - chapéu; 355 - nuvem; 356 - dente; 357 - solto do sapato; 358 - ponta da estrela; 359 - boca da estrela; 360 - nuvem; 361 - solto do sapato; 362 - ponta da estrela; 363 - boca da estrela; 364 - chapéu; 365 - nuvem; 366 - dente; 367 - solto do sapato; 368 - ponta da estrela; 369 - boca da estrela; 370 - nuvem; 371 - solto do sapato; 372 - ponta da estrela; 373 - boca da estrela; 374 - chapéu; 375 - nuvem; 376 - dente; 377 - solto do sapato; 378 - ponta da estrela; 379 - boca da estrela; 380 - nuvem; 381 - solto do sapato; 382 - ponta da estrela; 383 - boca da estrela; 384 - chapéu; 385 - nuvem; 386 - dente; 387 - solto do sapato; 388 - ponta da estrela; 389 - boca da estrela; 390 - nuvem; 391 - solto do sapato; 392 - ponta da estrela; 393 - boca da estrela; 394 - chapéu; 395 - nuvem; 396 - dente; 397 - solto do sapato; 398 - ponta da estrela; 399 - boca da estrela; 400 - nuvem; 401 - solto do sapato; 402 - ponta da estrela; 403 - boca da estrela; 404 - chapéu; 405 - nuvem; 406 - dente; 407 - solto do sapato; 408 - ponta da estrela; 409 - boca da estrela; 410 - nuvem; 411 - solto do sapato; 412 - ponta da estrela; 413 - boca da estrela; 414 - chapéu; 415 - nuvem; 416 - dente; 417 - solto do sapato; 418 - ponta da estrela; 419 - boca da estrela; 420 - nuvem; 421 - solto do sapato; 422 - ponta da estrela; 423 - boca da estrela; 424 - chapéu; 425 - nuvem; 426 - dente; 427 - solto do sapato; 428 - ponta da estrela; 429 - boca da estrela; 430 - nuvem; 431 - solto do sapato; 432 - ponta da estrela; 433 - boca da estrela; 434 - chapéu; 435 - nuvem; 436 - dente; 437 - solto do sapato; 438 - ponta da estrela; 439 - boca da estrela; 440 - nuvem; 441 - solto do sapato; 442 - ponta da estrela; 443 - boca da estrela; 444 - chapéu; 445 - nuvem; 446 - dente; 447 - solto do sapato; 448 - ponta da estrela; 449 - boca da estrela; 450 - nuvem; 451 - solto do sapato; 452 - ponta da estrela; 453 - boca da estrela; 454 - chapéu; 455 - nuvem; 456 - dente; 457 - solto do sapato; 458 - ponta da estrela; 459 - boca da estrela; 460 - nuvem; 461 - solto do sapato; 462 - ponta da estrela; 463 - boca da estrela; 464 - chapéu; 465 - nuvem; 466 - dente; 467 - solto do sapato; 468 - ponta da estrela; 469 - boca da estrela; 470 - nuvem; 471 - solto do sapato; 472 - ponta da estrela; 473 - boca da estrela; 474 - chapéu; 475 - nuvem; 476 - dente; 477 - solto do sapato; 478 - ponta da estrela; 479 - boca da estrela; 480 - nuvem; 481 - solto do sapato; 482 - ponta da estrela; 483 - boca da estrela; 484 - chapéu; 485 - nuvem; 486 - dente; 487 - solto do sapato; 488 - ponta da estrela; 489 - boca da estrela; 490 - nuvem; 491 - solto do sapato; 492 - ponta da estrela; 493 - boca da estrela; 494 - chapéu; 495 - nuvem; 496 - dente; 497 - solto do sapato; 498 - ponta da estrela; 499 - boca da estrela; 500 - nuvem; 501 - solto do sapato; 502 - ponta da estrela; 503 - boca da estrela; 504 - chapéu; 505 - nuvem; 506 - dente; 507 - solto do sapato; 508 - ponta da estrela; 509 - boca da estrela; 510 - nuvem; 511 - solto do sapato; 512 - ponta da estrela; 513 - boca da estrela; 514 - chapéu; 515 - nuvem; 516 - dente; 517 - solto do sapato; 518 - ponta da estrela; 519 - boca da estrela; 520 - nuvem; 521 - solto do sapato; 522 - ponta da estrela; 523 - boca da estrela; 524 - chapéu; 525 - nuvem; 526 - dente; 527 - solto do sapato; 528 - ponta da estrela; 529 - boca da estrela; 530 - nuvem; 531 - solto do sapato; 532 - ponta da estrela; 533 - boca da estrela; 534 - chapéu; 535 - nuvem; 536 - dente; 537 - solto do sapato; 538 - ponta da estrela; 539 - boca da estrela; 540 - nuvem; 541 - solto do sapato; 542 - ponta da estrela; 543 - boca da estrela; 544 - chapéu; 545 - nuvem; 546 - dente; 547 - solto do sapato; 548 - ponta da estrela; 549 - boca da estrela; 550 - nuvem; 551 - solto do sapato; 552 - ponta da estrela; 553 - boca da estrela; 554 - chapéu; 555 - nuvem; 556 - dente; 557 - solto do sapato; 558 - ponta da estrela; 559 - boca da estrela; 560 - nuvem; 561 - solto do sapato; 562 - ponta da estrela; 563 - boca da estrela; 564 - chapéu; 565 - nuvem; 566 - dente; 567 - solto do sapato; 568 - ponta da estrela; 569 - boca da estrela; 570 - nuvem; 571 - solto do sapato; 572 - ponta da estrela; 573 - boca da estrela; 574 - chapéu; 575 - nuvem; 576 - dente; 577 - solto do sapato; 578 - ponta da estrela; 579 - boca da estrela; 580 - nuvem; 581 - solto do sapato; 582 - ponta da estrela; 583 - boca da estrela; 584 - chapéu; 585 - nuvem; 586 - dente; 587 - solto do sapato; 588 - ponta da estrela; 589 - boca da estrela; 590 - nuvem; 591 - solto do sapato; 592 - ponta da estrela; 593 - boca da estrela; 594 - chapéu; 595 - nuvem; 596 - dente; 597 - solto do sapato; 598 - ponta da estrela; 599 - boca da estrela; 600 - nuvem; 601 - solto do sapato; 602 - ponta da estrela; 603 - boca da estrela; 604 - chapéu; 605 - nuvem; 606 - dente; 607 - solto do sapato; 608 - ponta da estrela; 609 - boca da estrela; 610 - nuvem; 611 - solto do sapato; 612 - ponta da estrela; 613 - boca da estrela; 614 - chapéu; 615 - nuvem; 616 - dente; 617 - solto do sapato; 618 - ponta da estrela; 619 - boca da estrela; 620 - nuvem; 621 - solto do sapato; 622 - ponta da estrela; 623 - boca da estrela; 624 - chapéu; 625 - nuvem; 626 - dente; 627 - solto do sapato; 628 - ponta da estrela; 629 - boca da estrela; 630 - nuvem; 631 - solto do sapato; 632 - ponta da estrela; 633 - boca da estrela; 634 - chapéu; 635 - nuvem; 636 - dente; 637 - solto do sapato; 638 - ponta da estrela; 639 - boca da estrela; 640 - nuvem; 641 - solto do sapato; 642 - ponta da estrela; 643 - boca da estrela; 644 - chapéu; 645 - nuvem; 646 - dente; 647 - solto do sapato; 648 - ponta da estrela; 649 - boca da estrela; 650 - nuvem; 651 - solto do sapato; 652 - ponta da estrela; 653 - boca da estrela; 654 - chapéu; 655 - nuvem; 656 - dente; 657 - solto do sapato; 658 - ponta da estrela; 659 - boca da estrela; 660 - nuvem; 661 - solto do sapato; 662 - ponta da estrela; 663 - boca da estrela; 664 - chapéu; 665 - nuvem; 666 - dente; 667 - solto do sapato; 668 - ponta da estrela; 669 - boca da estrela; 670 - nuvem; 671 - solto do sapato; 672 - ponta da estrela; 673 - boca da estrela; 674 - chapéu; 675 - nuvem; 676 - dente; 677 - solto do sapato; 678 - ponta da estrela; 679 - boca da estrela; 680 - nuvem; 681 - solto do sapato; 682 - ponta da estrela; 683 - boca da estrela; 684 - chapéu; 685 - nuvem; 686 - dente; 687 - solto do sapato; 688 - ponta da estrela; 689 - boca da estrela; 690 - nuvem; 691 - solto do sapato; 692 - ponta da estrela; 693 - boca da estrela; 694 - chapéu; 695 - nuvem; 696 - dente; 697 - solto do sapato; 698 - ponta da estrela; 699 - boca da estrela; 700 - nuvem; 701 - solto do sapato; 702 - ponta da estrela; 703 - boca da estrela; 704 - chapéu; 705 - nuvem; 706 - dente; 707 - solto do sapato; 708 - ponta da estrela; 709 - boca da estrela; 710 - nuvem; 711 - solto do sapato; 712 - ponta da estrela; 713 - boca da estrela; 714 - chapéu; 715 - nuvem; 716 - dente; 717 - solto do sapato; 718 - ponta da estrela; 719 - boca da estrela; 720 - nuvem; 721 - solto do sapato; 722 - ponta da estrela; 723 - boca da estrela; 724 - chapéu; 725 - nuvem; 726 - dente; 727 - solto do sapato; 728 - ponta da estrela; 729 - boca da estrela; 730 - nuvem; 731 - solto do sapato; 732 - ponta da estrela; 733 - boca da estrela; 734 - chapéu; 735 - nuvem; 736 - dente; 737 - solto do sapato; 738 - ponta da estrela; 739 - boca da estrela; 740 - nuvem; 741 - solto do sapato; 742 - ponta da estrela; 743 - boca da estrela; 744 - chapéu; 745 - nuvem; 746 - dente; 747 - solto do sapato; 748 - ponta da estrela; 749 - boca da estrela; 750 - nuvem; 751 - solto do sapato; 752 - ponta da estrela; 753 - boca da estrela; 754 - chapéu; 755 - nuvem; 756 - dente; 757 - solto do sapato; 758 - ponta da estrela; 759 - boca da estrela; 760 - nuvem; 761 - solto do sapato; 762 - ponta da estrela; 763 - boca da estrela; 764 - chapéu; 765 - nuvem; 766 - dente; 767 - solto do sapato; 768 - ponta da estrela; 769 - boca da estrela; 770 - nuvem; 771 - solto do sapato; 772 - ponta da estrela; 773 - boca da estrela; 774 - chapéu; 775 - nuvem; 776 - dente; 777 - solto do sapato; 778 - ponta da estrela; 779 - boca da estrela; 780 - nuvem; 781 - solto do sapato; 782 - ponta da estrela; 783 - boca da estrela; 784 - chapéu; 785 - nuvem; 786 - dente; 787 - solto do sapato; 788 - ponta da estrela; 789 - boca da estrela; 790 - nuvem; 791 - solto do sapato; 792 - ponta da estrela; 793 - boca da estrela; 794 - chapéu; 795 - nuvem; 796 - dente; 797 - solto do sapato; 798 - ponta da estrela; 799 - boca da estrela; 800 - nuvem; 801 - solto do sapato; 802 - ponta da estrela; 803 - boca da estrela; 804 - chapéu; 805 - nuvem; 806 - dente; 807 - solto do sapato; 808 - ponta da estrela; 809 - boca da estrela; 810 - nuvem; 811 - solto do sapato; 812 - ponta da estrela; 813 - boca da estrela; 814 - chapéu; 815 - nuvem; 816 - dente; 817 - solto do sapato; 818 - ponta da estrela; 819 - boca da estrela; 820 - nuvem; 821 - solto do sapato; 822 - ponta da estrela; 823 - boca da estrela; 824 - chapéu; 825 - nuvem; 826 - dente; 827 - solto do sapato; 828 - ponta da estrela; 829 - boca da estrela; 830 - nuvem; 831 - solto do sapato; 832 - ponta da estrela; 833 - boca da estrela; 834 - chapéu; 835 - nuvem; 836 - dente; 837 - solto do sapato; 838 - ponta da estrela; 839 - boca da estrela; 840 - nuvem; 841 - solto do sapato; 842 - ponta da estrela; 843 - boca da estrela; 844 - chapéu; 845 - nuvem; 846 - dente; 847 - solto do sapato; 848 - ponta da estrela; 849 - boca da estrela; 850 - nuvem; 851 - solto do sapato; 852 - ponta da estrela; 853 - boca da estrela; 854 - chapéu; 855 - nuvem; 856 - dente; 857 - solto do sapato; 858 - ponta da estrela; 859 - boca da estrela; 860 - nuvem; 861 - solto do sapato; 862 - ponta da estrela; 863 - boca da estrela; 864 - chapéu; 865 - nuvem; 866 - dente; 867 - solto do sapato; 868 - ponta da estrela; 869 - boca da estrela; 870 - nuvem; 871 - solto do sapato; 872 - ponta da estrela; 873 - boca da estrela; 874 - chapéu; 875 - nuvem; 876 - dente; 877 - solto do sapato; 878 - ponta da estrela; 879 - boca da estrela; 880 - nuvem; 881 - solto do sapato; 882 - ponta da estrela; 883 - boca da estrela; 884 - chapéu; 885 - nuvem; 886 - dente; 887 - solto do sapato; 888 - ponta da estrela; 889 - boca da estrela; 890 -